

A photograph of a man and a young girl dancing in a living room. The man, on the right, is wearing a light blue patterned shirt and dark pants, and is holding the girl's hand. The girl, on the left, has curly hair and is wearing a grey t-shirt and a white tutu. They are both smiling and looking at each other. The background shows a beige sofa and a white wall with a geometric pattern.

cherish  
BOOKS

por

você

AUTORA BESTSELLER USA TODAY

GIANNA GABRIELA



cherish  
BOOKS

por  
você

AUTORA BESTSELLER USA TODAY

GIANNA GABRIELA

Título original: Just Because of you  
Copyright © 2020 Gianna Gabriela  
Copyright da tradução © 2020 por Cherish  
Books Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
deste livro pode ser utilizada ou reproduzida  
sob quaisquer meios existentes sem  
autorização por escrito das editoras.  
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Bianca Carvalho

Revisão: Elimar Souza

Diagramação: AJ Ventura

Capa: Gisele Souza

Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Gabriela, Gianna

Por você/ Gianna Gabriela; tradução de Bianca

Carvalho. Rio de Janeiro: Cherish Books,  
2020.

Tradução de:

ASIN

1. Ficção americana I. Carvalho,  
Bianca. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Cherish Books

Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz

E-mail: [cherishbooksbr@gmail.com](mailto:cherishbooksbr@gmail.com)

<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>



# SUMÁRIO

Capa

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Epílogo



# DEDICATÓRIA

## DEDICATÓRIA

Para VICTORIA & JAY,

Obrigada por andarem junto comigo. Por me darem carona para as sessões de

autógrafos. Por atenderem minhas  
ligações noturnas.

Por amizades verdadeiras,  
GIANNA GABRIELA



## *CHRISTIAN COLE*

**E**u encerro a ligação e fico sentado na minha caminhonete por um momento demasiado longo, contemplando o que acabei de ouvir. Deixo as notícias serem absorvidas. Estou surpreso por terem me

oferecido um emprego em um fim de semana. Nada mau.

— Você vai ficar sentado aí o dia todo ou vai trabalhar? — meu chefe grita de dentro da casa. Não me preocupo em responder a ele, mas pulo da caçamba da caminhonete e sigo atrás dele.

Nigel dá um tapinha no meu ombro, no momento em que entro pela porta da frente.

— Ele está agindo feito um idiota hoje — diz ele, apontando para o babaca em retirada que chamamos de chefe. David Hollister. Ele dirige a Hollister Construction e sempre foi um imbecil.

— Ele é sempre um idiota —

respondo, esticando os braços, preparando-me para continuar pintando.

Nigel sorri.

— É verdade, mas deve haver algo mais acontecendo esta semana. O grau de idiotice dele está no nível máximo.

Eu rio das palavras de Nigel. Não há muita alegria neste trabalho, por isso estou agradecido por ter um colega como Nigel que sempre consegue aliviar o clima.

Construção.

Pintura.

Enquanto algumas pessoas adoram esse tipo de trabalho, eu, não. Nunca imaginei que estaria em uma casa realizando os sonhos de outra pessoa. Não achava que acabaria construindo

um deck para outras pessoas. Eu queria jogar futebol.

*Agora você tem a chance de fazer algo diferente*, diz a voz na parte de trás da minha cabeça.

— O que você pensa sobre isso? — Nigel pergunta quando toco a parede e confirmo que está pronta para uma segunda camada.

Não tive tempo suficiente para pensar. Mas parece que a oportunidade está batendo na minha porta, e eu seria um tolo por não recebê-la.

— O treinador Morales está se aposentando — digo a ele.

— O seu ex-treinador de futebol da escola... aquele? — Nigel pergunta. Ele não estudou em Forest Pines. Ele se

mudou para cá há três anos porque estava procurando algo novo. Fugindo. Engraçado que ele acha que veio para cá buscando liberdade, enquanto eu me sentia preso.

— Sim, ele mesmo. — Nigel conhecia o treinador Morales através de nossas conversas sobre o meu tempo jogando futebol na Bragan High.

— E você está mencionando a aposentadoria dele porque...? — Mergulho o rolo no recipiente de tinta e começo a aplicar a segunda camada de azul.

Eu dou de ombros.

— Eles querem que eu assuma o cargo dele.

Ouçõ algo cair, então Nigel murmura

algo baixinho. Viro para descobrir que o balde tombou e a tinta azul está toda sobre a lona. *OBRIGADO Deus por termos coberto o piso antes de começarmos; caso contrário, eles estariam arruinados.*

Entro em ação. Levanto o balde, uso o rolo para tirar o máximo possível de tinta da lona. Rolo na parede e repito as ações mais algumas vezes até obter toda a tinta que posso obter do chão. NÃO SE PODE DESPERDIÇAR NENHUMA TINTA. Eu imagino a voz de Hollister na parte de trás da minha cabeça.

Eu odeio este trabalho.

— Obrigado — diz Nigel, quando parece que tudo está sob controle.

— Não mencione nada disso.



— Então, eles querem que você seja o treinador principal? — ele pergunta, voltando à nossa conversa.

— Sim. Na verdade, acabei de receber o telefonema.

— O que você respondeu? — Nigel pressiona enquanto se levanta do seu lugar e vai para a parede à minha frente.

— Eu disse sim. — Eu aceitei. Concordei na hora sem pedir mais detalhes. Não precisava de mais informações, não precisava. Queria sair deste trabalho. O futebol já foi o meu sonho. Treiná-lo, embora não jogá-lo, é o mais próximo que vou chegar.

— Por que você ainda está aqui? — Nigel pergunta, como que se no momento em que aceitei a oferta devesse

ter saído pela porta. Ele sabe que eu odeio isso aqui.

Eu dou de ombros.

— Não posso simplesmente sair no meio do expediente.

— Por que não? — ele pergunta, confuso.

— Eu preciso conversar com Hollister sobre isso. Gostaria de avisar com duas semanas de antecedência, mas eles precisam que eu vá amanhã de manhã.

— Ele não ficará feliz. Se eu fosse você, sairia agora e nunca mais falaria com ele.

— Eu tenho que fazer isso da maneira certa. — Tive minha vida planejada antes, mas todo o plano foi

para o inferno. Não quero ter que passar por isso novamente. Quero ter certeza de que realmente vai dar certo dessa vez.

— Você está animado para começar de novo?

Eu afirmo. Fico feliz em fazer algo que amo novamente.

Os últimos seis anos da minha vida não foram os melhores. *Apesar disso, eu não os trocaria por nada.*

*Nem mesmo por ela.*



2

*AMARI SANTANA*

**E**u não acredito que vou voltar para o lugar onde cresci. Forest Pines não foi extraordinário para mim na primeira vez. Não sei bem por que acho que vai ser melhor desta vez.

Mas mesmo com todas as minhas dúvidas, ainda guardo minhas coisas nas malas e entro no carro.

Sento-me no carro para viajar até o lugar de onde vim.

O lugar que evitei por muito tempo. Seis anos, para ser mais exata.

Meu telefone toca enquanto pego a estrada, para o que será a viagem mais longa da minha vida. Uma viagem pelos caminhos da memória.

— Ei — respondo, pressionando o botão no volante.

A voz da minha melhor amiga preenche o veículo.

— E aí, garota? — ela diz, imediatamente me fazendo sorrir. Graças a Deus, pelo menos, esse

relacionamento sobreviveu ao final do ensino médio. Não sei o que faria se ela também tivesse me deixado.

— E aí, Emely? — eu digo, tentando mascarar a tristeza na minha voz.

— Você sabe, estou tirando o melhor da vida, bebendo piña coladas do lado da praia — ela diz animadamente. Realmente ela está curtindo a vida... eu gostaria de estar também.

— Novamente... Por que você me deixou tirar um diploma de professora? — eu pergunto, sabendo que nunca poderia viver a vida de Emely com meu salário apertado. Ainda assim, nem o que ela ganhava era suficiente para fazer o que ela faz.

— Porque você pensou que

administração de empresas não era para você — diz ela, lembrando-me.

Eu concordo. De fato pensava isso. Ainda penso. Ensinar é a minha paixão.

— Ainda assim, gostaria de estar na praia agora bebendo o suficiente para acalmar meus pensamentos — digo a ela.

— Nem tudo é como queremos. — Eu não tenho tanta certeza. Emely está sempre tramando algo, sempre em uma nova aventura.

— Onde você está agora? — pergunto. É outono aqui no nordeste, então ela definitivamente não está nesta parte do mundo.

— México! Eu amo isso aqui — ela exclama.

— Veja só, você definitivamente não pode reclamar do seu trabalho.

— Posso sim. Eu tenho uma reunião com clientes hoje à noite, então estou apenas descansando até o momento — diz ela.

— Esta noite? É domingo. Onde é a reunião? — Eu reflito, me perguntando que tipo de cliente deseja encontrar alguém em um fim de semana.

— Em um clube próximo... e antes que você diga qualquer coisa, não é minha culpa se o cliente tem várias propriedades e quer me mostrar o local para que eu possa ver o negócio dele antes de falarmos sobre como fazê-lo crescer.

— Fazer o negócio dele crescer,



você diz — brinco, entrando na estrada que me levará diretamente a Forest Pines.

— Muito engraçado, Amari. De qualquer forma, te liguei e você está tentando me distrair do que eu queria te perguntar. — Ela me pegou. Eu sabia que estava ligando por causa da mudança. Minha melhor amiga não esqueceria. Não depois de todas as lágrimas que ela me viu chorar.

Eu finjo não saber do que ela está falando.

— Eu só quero saber sobre sua última aventura — digo a ela, tentando nos afastar do verdadeiro motivo por trás de sua ligação.

— Enquanto evita perguntas sobre

você mesma — acrescenta ela.

— Eu realmente não estou partindo em uma aventura — digo.

— Você vai voltar para casa.

Não sei mais o que posso dizer.

— Sim, eu vou.

— Como você está se sentindo? —

Emely pergunta, não desperdiçando um segundo e indo direto ao assunto. Não sei quando ela se tornou essa garota, que gosta de falar sobre sentimentos, mas neste momento, em primeiro lugar, preciso da minha amiga festeira. Não quero pensar nas minhas escolhas. E não quero pensar sobre quais fatores estão me levando a fazê-las.

— Estou bem — digo a ela. *Bem* pode significar qualquer coisa, em

minha concepção, por isso não é tecnicamente uma mentira.

— Tudo bem... você sabe o que significa quando uma mulher diz que está bem.

— Não, o que significa?

— Significa assustada, insegura, nervosa e emotiva. Então, se você está se sentindo bem, não está bem.

— Estou, sim... estou b... — começo a dizer novamente, mas Emely me interrompe.

— Amari, não minta para mim. Somos como irmãs, sempre fomos. Nós não mentimos uma para a outra.

— O que você quer que eu diga? — pergunto, sabendo que ela não me deixará em paz até eu dar o que ela quer.

— Apenas me diga a verdade — diz ela, assumindo um tom de compaixão que raramente ouço em sua voz. Ela geralmente ri de tudo. Nem sei como ela tem um emprego corporativo. Ainda bem que gira em torno do entretenimento, porque se encaixa perfeitamente na personalidade dela.

Suspiro alto, tentando criar coragem para colocar minhas emoções em palavras. Para falar sobre meus medos.

— Seria muito mais fácil falar sobre isso se você estivesse aqui — digo, parando.

— Sinto muito por não estar presente para te ajudar com a mudança. Já me sinto mal o suficiente, mas não pude remarcar — ela diz com

naturalidade.

— Não é sua culpa ter uma reunião de trabalho — digo, concordando com ela. Ela deveria estar aqui comigo, mas, infelizmente, o dever chama.

— Fale comigo, Amari — ela pressiona.

— Estou assustada.

— Por vê-lo novamente? — ela diz, indo direto para a fonte das minhas emoções.

Soltei um suspiro. Vê-lo novamente é o meu maior medo.

— Nunca mais soube nada sobre ele. Não tenho nem motivos para pensar que ainda mora lá. Mas parte de mim não consegue evitar... — começo, mas luto para deixar as palavras saírem.

— Pensar o que aconteceria se você o visse novamente — minha melhor amiga termina minha frase.

— Será que eu deveria mesmo voltar? É estúpido? — pergunto, questionando minha escolha de voltar pela milionésima vez desde que tomei a decisão em primeiro lugar.

— Não é estúpido. É uma oportunidade. Você será diretora da escola primária — ela diz as mesmas palavras que venho repetindo a mim mesma há um tempo.

Fui professora por dois anos em um sistema no qual sentia que não podia fazer nada. Devia seguir ordens, mesmo sabendo que não era o melhor para as crianças. Desta vez poderia ser

diferente.

— Certo — digo, concordando com ela, porque sei que faz sentido.

— Esta é uma oportunidade não apenas para engrandecer o seu currículo, mas também para não precisar obedecer a ninguém — acrescenta ela.

— Bem... eu terei que me reportar ao conselho

— Você também vai morar sozinha e não com colegas de quarto irritantes — diz Emely, ignorando meu comentário. Morei com alguém durante toda a minha vida adulta. No começo foi na faculdade, e depois da faculdade não pude comprar meu próprio apartamento, então fui morar com ela. Agora, terei que me mudar para minha velha casa.

— Eu morava com você — eu a lembro.

— Sim e odiava! — ela grita de volta.

— Não é minha culpa que você seja bagunceira. — Ela é. Deixa roupas por toda parte. Sempre senti que tinha que ser como sua mãe e organizar tudo por ela. Era o mínimo que eu poderia fazer, já que ela me ajudou a recuperar a minha vida bagunçada que *ele* deixou para trás.

— Que seja — ela responde, e eu sei que ela está revirando os olhos. — Você vai ficar na casa dos seus pais?

— Sim, vou. — Meus pais deixaram Forest Pines logo depois. Eles sempre quiseram se mudar para algum lugar



perto da praia, então se estabeleceram em Newport, Rhode Island.

Nunca venderam sua casa, no entanto. Disseram que era a minha casa de infância e que a deixariam lá. Eles me presentearam com ela e me disseram que eu poderia vendê-la, se quisesse.

Eu considereei fazer isso.

Eu queria.

E não queria.

Eu sabia que meus pais esperavam que eu voltasse para minha cidade natal. Evitei ao máximo enquanto eles ainda moravam lá, inventando qualquer desculpa que pudesse encontrar. Por um tempo, eram meus pais que me visitavam e, quando se mudaram, não tive motivos para voltar. Não há razão para fazer uma

viagem de seis horas em nome dos velhos tempos.

Não havia razão até agora.

Agora, estou voltando para ficar.

— Veja bem, é uma boa escolha e uma oportunidade incrível.

— Com um alto risco. — Estou arriscando encontrá-lo e desmoronar novamente, depois de ter recolhido todas as peças que restaram de mim quando ele partiu meu coração.

— Ele provavelmente nem mora mais lá. Recebeu muitas outras oportunidades, então provavelmente não desejou voltar. — Eu sei que as palavras de Emely devem me fazer sentir melhor, mas o aperto que sinto no peito me faz questionar o que mais temo.

Encontrá-lo ou saber que ele se foi. Que seguiu em frente.

— Você está certa.

— E se ele estiver lá, é melhor você me dizer imediatamente para que eu possa pegar uma porra de um avião e dar um belo chute na cara dele. — Suas palavras fazem com que a tensão dentro de mim se dissolva em risadas.

Quando finalmente paro de rir, digo a ela:

— Eu amo você.

— É recíproco, garota. É recíproco.

— Eu vou estar muito mais longe de você agora — reclamo.

— A distância nunca nos afastou antes — ela me lembra. Isso é verdade. Fomos para faculdades em diferentes

estados, mas conseguimos manter a amizade apesar das centenas de quilômetros entre nós. Nós nos encontrávamos sempre que possível. Desabafávamos uma com a outra pelo Skype e pelo Facetime. Mesmo de longe, ela me confortou enquanto eu chorei até dormir durante semanas todas as noites.

Por causa dele.

— Quanto tempo até você chegar lá?

— ela pergunta.

— Acabei de sair, então basicamente vou demorar seis horas. — Tempo insuficiente.

— Ótimo. Bem, eu tenho que me preparar para a reunião. Me mande uma mensagem assim que chegar e se

estabelecer, e eu ligo para você o mais rápido possível.

— Tudo bem.

— E Amari?

— Sim?

— Lembre-se de que você é mais forte do que pensa.

— Eu sei, eu sei. — Eu desligo e coloco um pouco de música enquanto dirijo para o lugar de onde parti, há seis anos. Deixo a música abafar meus pensamentos, com medo de que eles acabem me abafando.



## *AMARI*

**E**u estaciono o carro, afasto os nervos e abro a porta do lado do motorista. A casa parece a mesma. A mesma porta verde. O balanço antigo na varanda. O tapete de bem-vindo. É quase como se nada tivesse

mudado. *Quase.*

Eu começo a me mexer. Nem me incomodo em tirar meus pertences do carro. Em vez disso, aproximo-me da porta da frente e entro na minha casa de infância. Metade de mim espera que meus pais me esperem do outro lado, mas sei que não acontecerá.

Instantaneamente acendo a luz e observo todos os arredores. A casa se abre para a sala, que acho que ainda está mobiliada. Meus pais devem ter pago alguém para limpá-la, porque o cheiro está maravilhoso. Eles ficaram empolgados ao saber que eu estava voltando para o lugar que chamamos de lar por muitos anos, por isso tenho certeza de que queriam que eu chegasse

e não me preocupasse muito.

Eu ando pela casa inteira, deixando as lembranças me guiarem por cada quarto.

— Você vai voltar para casa? —  
Lembro-me de minha mãe gritando pelo telefone quando contei a ela sobre a oferta.

— Ela está vindo para cá? — meu pai gritou do fundo.

— Não, não. Ela está voltando para Forest Pines.

— Coloque no viva-voz. Quero ouvir. — Eu o ouvi dizer.

— Tudo bem, tudo bem — minha mãe respondeu.

— Consegui o cargo de diretora da escola primária, então achei que deveria



tentar — disse a eles, dando ao papai a mesma notícia dei à minha mãe.

— Agora você pode usar a casa! — ela exclamou.

Lembro-me de tentar reunir um pouco do entusiasmo que eu sabia que corria pelo corpo dos meus pais, mas não consegui. Não conseguia pensar nos bons tempos passados aqui, porque todas essas memórias foram azedadas por ele.

Meu lar não era mais um lugar seguro.

Eles pensaram que eu estava ansiosa para finalmente voltar, mas não estava. Tinham aceitado o fato de eu nunca ter voltado para casa por estar muito ocupada por causa da escola. Foram,

então, até mim, me visitando sempre que tinham uma chance.

Meus pais nunca souberam o que aconteceu no último ano. Nunca expliquei a eles por que nunca quis voltar. Por que evitei todas as histórias que queriam me contar sobre Forest Pines. Eles nunca souberam do cara que partiu meu coração. Eles não o conheceram nem souberam que namoramos.

Se tivessem, teriam questionado minha escolha de faculdade – por não ter me inscrito no curso dos meus sonhos, porque eu tinha um sonho diferente a perseguir. Eu queria ir para onde ele iria. Foi estúpido da minha parte, percebo isso agora.

Eles podiam tê-lo julgado por causa de suas tatuagens. Suas notas. A maneira como ele xingava a cada frase que pronunciava.

*Eles a teriam ajudado a evitar muito sofrimento.* Lembro-me do fato de que se tivesse contado aos meus pais, eles podiam ter me impedido de namorá-lo. Por outro lado, eu estava tão apaixonada por Christian que acho que ninguém poderia ter nos afastado. Ele era meu tudo. Pensei que significava o mesmo para ele. *Esse foi o meu erro.*

O resto da conversa foi praticamente o mesmo. Meus pais lembraram o tempo que passaram aqui, mas me disseram o quanto adoravam viver tão perto da praia. Eu disse que eles

deveriam se mudar para a Flórida para poder nadar quantas vezes quisessem. Eles rebateram isso, dizendo que gostavam do inverno de Rhode Island. Amavam a praia, mas havia algo que mais gostavam, que era continuar a experimentar todas as estações.

Antes de desligar, papai me disse para visitá-los e mamãe me disse para ligar com frequência. Prometi fazer as duas coisas e desliguei o telefone. Naquela noite, chorei até dormir. Algo que eu não fazia há muito tempo.

Eu pensei que o tinha superado. Por tudo o que ele fez, mas voltar ao lugar onde eu o deixei – ou melhor ainda, onde ele me deixou –, trouxe de volta as cicatrizes que eu lutei tanto para

encobrir. Afastando os pensamentos negativos da minha cabeça, volto lá para fora e pego minha bagagem. Depois de algumas viagens para o carro, consigo organizar todas as minhas coisas bem a tempo de ver o pôr do sol.

Com as luzes da casa afastando a escuridão, vasculho a cozinha em busca de algo para comer, esperando ter sorte. Que pena que ela não costuma estar do meu lado. Ninguém mora aqui há quatro anos, portanto, esperar encontrar algo comestível é um tiro no escuro. Acho que eu meio que esperava que meus pais também tivessem mandado alguém para cuidar da comida.

Pegando meu telefone, abro o aplicativo de pizza e peço uma de

pepperoni grande e um bolo com calda de chocolate. Decido ficar em casa. Vestindo um pijama, sento-me no sofá. Ao ligar a TV, sou grata por ter me certificado que os utilitários e a Internet funcionariam antes de chegar. Quando a pizza chega, dou uma gorjeta ao entregador e levo tudo direto para o sofá. Decido assistir a um filme de comédia, sentir-me confortável e deixar as horas passarem.

Começarei no novo trabalho amanhã.

Outras pessoas teriam se mudado alguns dias antes, mas não eu.

Eu não queria ter mais dias abafados por meus pensamentos.

Christian Cole já tomou o suficiente de mim. Não há necessidade de lhe dar

tempo para tomar mais.



4

## *CHRISTIAN*

**V**enho sonhando acordado desde que o diretor Jackson me ofereceu o emprego ontem. Mesmo a caminho do trabalho hoje de manhã, mal podia acreditar para onde eu estava indo. Não conseguia parar de



pensar no que poderia ter sido. A carreira que eu deveria ter seguido. O fato de eu estar recebendo uma segunda chance, embora não tão grande quanto a primeira, deve significar algo.

O diretor Jackson me conduz pelo resto da escola, mostrando o lugar que já vi muitas vezes antes.

A Bragan High School não é nova para mim. Frequentei essa escola quando estava no ensino médio. Entrei nela como uma criança rebelde que não se importava com nada.

Indiferente.

Era isso que eu era.

Mas nesses corredores, aprendi a me importar com uma pessoa.

Com *ela*.

Eu também tive que me despedir dela. Aqui. Todos viram como parti o coração da única pessoa que mais amava. Magoá-la me destruiu.

Andar por esses corredores é um lembrete da vida que eu poderia ter com quem deixei escapar. De quem me afastei. Mas talvez estar nesses corredores também seja uma segunda oportunidade.

Trabalhei com construção por seis anos.

Sentia saudade de jogar futebol. Falta do esporte. Como treinador, não será o mesmo, ser pago para ensinar aos outros sobre futebol é a segunda melhor opção.

— Você está pronto para começar?

— as palavras do diretor Jackson me trazem de volta ao presente.

— Absolutamente. Só me dizer quando — falo a ele depois que termina de me explicar como as coisas vão funcionar.

— O tempo é essencial, por isso precisamos que você comece logo — diz ele, sem surpresa. Considerando que as equipes começam a se preparar em agosto, já estamos atrasados de onde deveríamos estar. O treinador Morales não estava pensando em se aposentar, mas pelo que o diretor Jackson me disse, a deterioração de sua saúde foi o único fator em sua decisão de sair.

— Eu posso fazer isso — digo a ele, embora não tenha idéia de como

funcionará com meu outro trabalho.

— Sinta-se livre para agendar aulas práticas conforme necessário. O futebol da Bragan High School não é o que costumava ser quando você estava aqui. Essas crianças precisam de muita orientação e ajuda se quisermos ganhar algum jogo nesta temporada.

— Apenas deixe comigo. Vou garantir nossa vitória — digo a ele, parecendo mais confiante do que me sinto.

O diretor Jackson sorri para mim.

— Era isso que eu esperava — diz ele, dando um tapinha no meu ombro. — Todos eles virão para cá depois da escola hoje. Conhecerão o novo treinador que está começando. Sinta-se

livre para fazê-los amarem ou temerem você. Tudo o que funcionar melhor — acrescenta.

— Entendi. — Estou pensando em que tipo de treinador quero ser desde ontem. Ainda não descobri necessariamente, mas faz apenas vinte e quatro horas.

Entrando no escritório do treinador — meu escritório — percebo que ainda tem o nome do treinador Morales.

— Vamos garantir que troquemos isso por você — o diretor Jackson me diz quando me vê fazer uma pausa e encará-lo.

— Não me incomodo. — O treinador Morales foi um modelo. — Ele me levou a ser o melhor que eu

podia ser, dentro e fora campo, todos os dias. — Acho que nunca poderia chegar aos pés dele, mas vou tentar.

O diretor Jackson olha para o relógio.

— Tudo bem, eu tenho negócios administrativos para cuidar. Você sabe onde fica a minha sala, se precisar de mim.

— Obrigado por tudo — digo, estendendo minha mão para apertar a dele.

— É bom ver você, Christian. Estamos orgulhosos — ele responde, suas palavras me pegando de surpresa. Além de minha mãe e *ela*, ninguém nunca disse que estava orgulhoso de mim antes. No entanto, decepcionei

muitas pessoas na minha vida, inclusive eu mesmo.

Me desapontei comigo mesmo por não ter conseguido a garota.

Por não ter conseguido jogar futebol.

Por ter cometido erros que não consigo consertar.

— Obrigado — digo a ele, sem saber o que fiz para fazê-lo se orgulhar de mim, mas também não questionando. Esse trabalho caiu no meu colo quando pensei que ficaria preso na construção para sempre. Se ele não se lembra do Christian Cole que eu era naquela época, não vou lembrá-lo também.

O diretor Jackson deixa meu escritório, e eu fecho a porta. Puxando meu telefone do bolso de trás, ligo

imediatamente para minha mãe.

— Ei, Ma — eu a cumprimento no momento em que ela atende.

— Hey, Christian, como você está?  
— ela pergunta, seu tom doce como de costume.

Sento-me e descanso uma das minhas mãos na mesa, admirando a foto deixada para trás. É da nossa equipe, no último ano, depois de vencer o jogo do campeonato. Olho para a expressão no meu rosto, um sorriso pouco característico. Eu estava feliz naquela época. Não sabia o que aconteceria a seguir.

*Eu sou feliz agora, eu me lembro.*

— Estou bem, oficialmente consegui o trabalho! — digo a ela. Não lhe contei



sobre a oferta ontem porque queria ter certeza de que era real. Eu meio que esperava aparecer aqui apenas para o diretor Jackson rir de mim. Tudo o que eu disse a ela foi que seria entrevistado para a posição de treinador.

Ela grita.

— Você conseguiu?!

— Sim, eu começo a treinar hoje!

— Isso é ótimo, filho! Você passou suas duas semanas de aviso prévio no outro emprego? — ela pergunta.

— Eu não sei se posso. A escola precisa que eu comece o mais rápido possível, então duas semanas não serão suficientes, a menos que Hollister me permita trabalhar apenas durante os fins de semana. Mas eu tenho Ari, então não

quero trabalhar todos os dias. Tenho que começar o treino hoje.

— Eu sei que você não quer deixar uma porta fechada, mas você vai adorar esse trabalho muito mais do que jamais gostou do último — minha mãe diz conscientemente.

— Isso é verdade. Vou descobrir e te informar.

— Então, você está aí agora? — ela pergunta com curiosidade.

— Sim. Só estou sentado na minha mesa — digo, olhando em volta e absorvendo tudo.

Eu posso ouvir a emoção na voz da minha mãe.

— Você merece isso.

Não sei se mereço nada, mas não me

preocupo em mencionar.

— Por falar em começar hoje, você poderia me fazer um favor? — Detesto pedir ajuda, mas percebi que para educar uma criança é preciso uma equipe de suporte.

— Qualquer coisa por você — minha mãe responde. Esta mulher é uma dádiva de Deus. Nada que eu fiz, nem mesmo a minha fase rebelde, que incluiu ir para casa e dizer à minha mãe que eu não iria à faculdade porque engravidei uma garota, fez com que ela parasse de me amar e me apoiar. Ela sempre foi minha rocha. Incansável.

— Você pode pegar Ari na escola hoje e ficar com ela por algumas horas? — pergunto.

— Absolutamente, a mesma hora de sempre?

— Sim, senhora. — Eu costumo pegar Ari, mas com o treino sendo depois da escola, isso não será possível. Realmente terei que descobrir o que fazer sobre isso.

— Vamos tomar sorvete e talvez até parar no parque. — Mamãe está ansiosa demais para dar à minha filha o que ela quiser. Ela diz que é seu trabalho estragar a neta.

Eu ri.

— Não lhe dê sorvete demais. Vou buscá-la em sua casa assim que terminar aqui.

— Eu posso ficar com Ari durante a noite também. Você sabe que eu amo

passar um tempo com ela.

— Eu sei, eu sei. Também adoro passar tempo com ela.

— Ela é sua filha. Você passa o tempo todo com ela — minha mãe retruca.

Eu rio.

— Você não pode pernoitar com ela. No outro dia ela terá escola. Se quiser, ela pode ficar no sábado, já que vou me encontrar com os jogadores nas manhãs de sábado até a tarde para praticar.

— Perfeito! Eu vou te ajudar com isso. E uau, você já os está forçando a treinar aos sábados?

— Temos que fazer qualquer coisa para vencer. — Vencer é o objetivo.

— Estou tão orgulhosa de você. —

Uau. Duas pessoas orgulhosas de mim em um dia. Isso deve ser um recorde.

— Obrigado por tudo, mãe. Diga a Ari que a amo.

— Eu sempre digo.



5

## *AMARI*

— Nós temos o prazer de apresentar a todos a diretora Santana — diz a chefe do Conselho de Administração, Stephanie Walden, enquanto me conduz à frente da sala.

— Oi, pessoal — eu digo, tentando

não parecer estranha enquanto cumprimento os professores da Bragan Elementary School. — Meu nome é Amari Santana. Eu sou nativa desta cidade. Até frequentei a Bragan High School — digo, uma risada nervosa me escapando, mas eles não acham engraçado. — Não desde pequena, mas eu morava perto de Middlestone — acrescento, divagando. Eu não posso evitar; Eu estou nervosa.

Olho ao redor da sala e percebo os olhares desencantados e desinteressados dos professores, todos muito mais velhos que eu e provavelmente se perguntando o que diabos estou fazendo tomando a liderança de sua escola.

Insisto, enfrentando seu silêncio e



ceticismo.

— Eu queria me apresentar a todos, pois assumirei as funções do diretor D'Amico. Se vocês tiverem alguma dúvida sintam-se à vontade para me procurar. Enquanto eu me familiarizo com a escola, pararei em cada uma de suas salas de aula fazendo minhas rondas. Eu gostaria de aprender sobre seus estilos de ensino e conhecer as crianças. Dentro de algumas semanas, quero organizar uma conferência de pais e professores para poder conhecer os pais também.

Continuando a falar, não deixo que o silêncio me desanime. Este é o trabalho dos meus sonhos e farei o que for necessário para fazê-lo funcionar.

— Se vocês precisarem de recursos para suas salas de aula, me avisem. Sei que houve cortes no orçamento no ano passado, mas tenho certeza de que podemos encontrar uma maneira de garantir que cada um tenha o que necessita. — Como eu esperava, essas palavras trazem alguma luz aos olhos dos professores. Eles se entreolham e assentem, suas feições suavizando. Estou feliz que tenha dado certo. Tudo o que preciso descobrir é onde encontrar o dinheiro extra.

Eu sei que fazer a transição como alguém menos experiente será difícil. Mas tenho certeza de que vou ganhar a confiança deles em pouco tempo. No momento, eles não têm motivos para

acreditar que esteja equipada para realizar esse trabalho. Verdade seja dita, eu realmente não sei o que estou fazendo. Não sei o que eu devo fazer. Recebi as chaves da escola com pouca orientação. Mas vou conseguir me estabelecer em breve.

Ensinar sempre foi o meu sonho, mas logo percebi que me importava mais com garantir que as crianças tivessem o que precisavam do que ser a pessoa na sala de aula que as instruía. Essa posição me dá uma oportunidade maior de garantir que eles tenham acesso às ferramentas para ter sucesso.

Quero causar um impacto maior.

Não apenas na minha sala de aula.  
Em todas as salas de aula.

Eu quero que as crianças sonhem grande. Saber que eles podem chegar onde quiserem. Quero que eles persigam seus objetivos. Que realizem o que pensavam que nunca seriam capazes. E eu quero ajudá-los. Ser diretora aumenta minha capacidade de fazer exatamente isso.

A reunião termina trinta minutos depois, e eu vou embora com um sorriso no rosto. Quando terminou, alguns professores vieram até mim para se apresentarem. Até aqueles que me olhavam com ceticismo no começo se aproximaram e disseram olá. Eles pareciam um pouco mais seguros, ao final da reunião, de que eu não iria estragar tudo.

Vou até o meu escritório, fecho a porta atrás de mim e sento-me à minha mesa. Fechando os olhos, respiro fundo, liberando toda a tensão e ansiedade que estava prendendo.

Uma batida na porta me assusta.

— Oi, desculpe interromper — diz Hannah, que me foi apresentada anteriormente como minha assistente. Ela tem mais ou menos a minha idade e eu realmente espero que ela não pense que eu estava dormindo. No trabalho. No meu primeiro dia.

— Não se preocupe, eu estava apenas... — começo, certificando-me de que ela não terá uma impressão errada.

— Respirando fundo? — ela conclui para mim, e eu sorrio aliviada por ela

não estar me julgando.

— Sim. Foram muitas emoções — digo honestamente.

— Não esperava ter um emprego assim tão cedo em sua carreira? — ela pergunta, e eu não sinto nenhum julgamento em sua voz, apenas curiosidade.

Eu assinto.

— Só ensino há dois anos. Pensar que agora estou no comando, basicamente de tudo e de todos, é muito para absorver.

Ela entra na sala e se senta em uma das duas cadeiras à frente da minha mesa.

— Você ainda irá ensinar.

— O que você quer dizer? —

pergunto, um pouco confusa.

— Você vai ensinar aos professores como serem melhores. Irá ensinar os alunos sobre as responsabilidades de suas ações. Você continuará ensinando, então pense assim.

Eu nunca pensei que nessa posição eu ainda pudesse continuar ensinando.

— Eu pensei que este trabalho tivesse a ver com descobrir o que todos precisam e fazer acontecer.

— Esse é o seu trabalho principal, mas esta é uma escola primária. Desde que começam a aprender, você sabe que as crianças são esponjas que absorvem tudo. Elas aprenderão com você, quer você queira ou não.

Eu sorrio.

— Isso é verdade. — Decido ser mais confiante do que o habitual e faço algumas perguntas a Hannah. — Então, seja honesta, é loucura minha estar aqui?

Ela balança a cabeça.

— Que absurdo. Pelo contrário, você é exatamente o que precisamos. Um pouco de ar fresco. Novas ideias. Nova energia.

— Você acha que os outros professores apreciarão uma nova perspectiva de alguém que não está nisso há muito tempo e agora acha que pode dizer a eles o que fazer? — pergunto com sinceridade.

— Absolutamente. Eles não vão te aceitar de uma só vez, mas você conseguirá conquistar a maioria deles.



Desde que faça um bom trabalho, não importa quanto tempo vai demorar.

— Como começo a trazê-los para o meu lado? — pergunto. Eu realmente quero que eles gostem de mim, porque isso vai tornar o meu trabalho muito mais fácil.

— Você já começou. Essa frase sobre procurarem por você, se não tiverem recursos, definitivamente valeu alguns pontos em sua defesa.

— Era isso que eu pretendia! — Conversar com Hannah é tão fácil. Mesmo que eu a tenha conhecido poucas horas antes, sua personalidade já está me fazendo sentir confortável.

— Você ficará bem — diz ela com a certeza que me falta. Suas palavras e

confiança infundadas em mim estão me ajudando a acreditar que posso, de fato, fazer acontecer. Voltar para cá é um risco que eu nunca pensei que correria. Mas espero ter tomado a decisão certa.



6

## *CHRISTIAN*

— Pai, estou em casa! — Eu ouço Ari gritar quando ela corre pelas portas da frente de nossa casa. — Vovó e eu saímos de novo! — É sexta feira e não consegui pegar Ari na escola essa semana inteira. Mamãe está me ajudando

e ficando com ela até eu sair do trabalho, mas sinto falta da minha garotinha.

— Para onde vocês foram? — pergunto a ela quando saio da cozinha e a encontro na sala de estar.

— Ela me levou para tomar sorvete novamente. — Seu enorme sorriso diz tudo.

Eu a pego no chão, levanto-a e a abraço com força.

— Sua avó está sempre estragando você.

— Isso é porque eu sou uma princesa — ela diz resolutamente. Eu concordo.

— Você é.

— E uma guerreira — ela

acrescenta, e eu sorrio.

— Isso é verdade — digo a ela, beijando o topo de sua cabeça.

— E uma lutadora. — Eu rio dessa última.

— Mas você não se mete em brigas, certo? — Isso não é algo que eu queira que ela faça. Defender-se, sim. Eu a ensino a se defender sempre. Mas não procurar brigas. Quero criá-la para ser melhor do que eu.

Ela balança a cabeça.

— Não, papai. O que quero dizer quando digo que sou uma lutadora é que não desisto.

— Ohhh, então você é perseverante — eu esclareço, e ela assente.

— Exatamente! — Seus braços me

apertam com força enquanto eu a pego e caminho até a cozinha. — Então, já que você tomou seu sorvete, será que tem espaço na barriga para jantar?

— Daqui a pouco vou ficar com fome de novo.

Coloco-a no chão quando chegamos à cozinha.

— Você quer subir, tomar banho e colocar um pijama? Então talvez você esteja com fome o suficiente para comer.

— E então podemos assistir a um filme, papai? — ela pergunta.

Assim como minha mãe, também não posso dizer não, então acho que estamos todos estragando Ari. Ela é uma boa criança, merece tudo o que posso dar a ela e muito mais.

— Eu não sei — digo-lhe, tentando uma resistência que sei que não durará.

— Por favorzinho — implora, olhando para mim com os olhos de cachorrinho com os quais ela sabe que consegue tudo o que sempre. Eu me agacho para ficarmos cara a cara.

— Me dê três razões pelas quais deveríamos assistir a um filme — digo a ela — e depois veremos se me convence. — Li em algum lugar que permitir que as crianças tentem usar argumentos para convencê-lo a fazer o que elas querem pode ajudar a desenvolver sua inteligência, então eu tenho feito isso.

Olho o rosto da minha filha enquanto ela pensa nas três melhores razões que

poderia usar para me convencer. A verdade é que ela não precisa se esforçar tanto, vamos mesmo assistir a um filme. Minha mãe sempre dizia que tudo é um momento de ensino, então eu a deixo continuar.

— Primeiro, hoje é sexta-feira. Então é fim de semana — ela começa a contar suas razões com os dedos. — O fim de semana significa tempo para descansar de uma longa semana.

— Ok, essa é uma. — Ainda precisamos acordar cedo amanhã. Eu tenho que deixá-la na casa da avó novamente e ir para a escola treinar meu time.

— Dois... — ela começa: — Eu arrumo todos os meus brinquedos e meu



quarto está limpo.

— Quarto limpo, eu gosto disso.  
Qual é a última?

Ela me dá seu sorriso vencedor.

— Porque você me ama. — Essa não a faria vencer um debate real, mas funciona sempre comigo.

Eu rio.

— Isso é verdade, mas esse não é um motivo para assistirmos a um filme.

— É sim!

— Vou deixar você se safar dessa vez — digo a ela, sabendo muito bem que vou deixá-la se safar sempre.

Ela me beija na bochecha.

— Obrigada, papai. Eu já desço.

— O que você quer jantar?

— Posso comer macarrão com

queijo? — Eu sabia que ela ia dizer isso. Tinha tanta certeza que o macarrão com queijo já está no forno.

— Claro que pode, Ari.

— Você é o melhor pai do mundo — ela me diz. Duvido disso, mas definitivamente estou tentando ser o melhor pai que posso. Eu faço qualquer coisa por essa garota. Ela é o meu mundo.

Ela começa a se afastar, mas, antes que desapareça da minha vista, faço mais uma pergunta.

— Que filme você quer assistir? — Faço uma oração para que a resposta não seja a que acho que será.

— Moana, por favor — diz ela, exatamente o que eu temia que ela

fizesse.

— Você tem certeza? — pergunto a ela, mas o que eu quero dizer é: você realmente quer assistir a esse filme pelo décimo fim de semana consecutivo?

Ela assente animadamente.

— Eu amo Moana.

— Ok, Então, será Moana. — Eu desisto. Quando se trata de Ari, não há nada que eu não faça para vê-la feliz, para ver o sorriso em seu rosto que apaga todos os meus erros.

— Volto já, já! — ela diz, desaparecendo no corredor. Enquanto espero, começo a arrumar a mesa da cozinha. Dez minutos depois, meu telefone toca. Eu o retiro do meu bolso de trás e meu humor instantaneamente

azedada quando olho para o identificador de chamadas. Katie está ligando.

Katie é a mãe de Ari, ou pelo menos a mulher que lhe deu à luz. Nós nunca estivemos realmente juntos. Tivemos uma noite, depois que fiquei bêbado e a vi em uma festa. Ela caminhou até mim, roçou as mãos nas minhas e me levou a um quarto vazio. Eu cedi. Ela era uma garota bonita, e eu estava passando por um momento difícil.

Foi uma noite de sexo que mudou a minha vida.

Gostaria de pensar que mudou para melhor. Quero dizer, tenho Ari, mas também causou um caos no processo.

Penso em não atender à ligação, mas sei que isso não adiantará para mantê-la

afastada, então atendo, esperando que, quanto mais cedo falar com ela, mais rápido possa desligar.

— Oi, está aí? — ela diz no momento em que coloco o telefone no ouvido.

— O que você quer? — eu pergunto instantaneamente, sem esconder minha falta de vontade de falar com ela. Sempre que liga, nunca é para saber como Ari está. É sempre sobre outra coisa. Algo a ver com ela.

— Então, estou passando por um momento difícil — ela começa, e eu posso dizer instantaneamente aonde isso irá nos levar.

— O que você precisa? — pergunto, de qualquer maneira.

— Meus pais me cortaram... — ela começa, e eu reviro os olhos. É sempre a mesma história com ela.

Uma risada seca me escapa.

— E? — Eu nunca gostei dos pais de Katie. Eles nunca gostaram de mim também. Quando Katie percebeu que estava grávida da minha filha, seus pais lhe deram um ultimato. Ela poderia se livrar do bebê ou perder milhões de dólares em herança.

Ela escolheu ter Ari e estou muito feliz por isso, porque essa menina é tudo para mim. Eu devo a Katie por ter feito essa escolha e apenas isso. Porque quando ela percebeu que seus pais estavam falando sério sobre seus milhões de dólares, participações em

clubes de campo e todos os luxos com os quais crescera, ela desejou ter optado pela outra alternativa.

Eu pude ver o arrependimento pintado em seu rosto.

No começo, eu me senti mal por Katie e por sua família tê-la abandonado. Mas então, um dia eu acordei com a campainha tocando. Ela ficou parada do outro lado da minha porta com manchas de lágrimas nos olhos e minha filha nos braços.

Foi quando ela mudou sua escolha.

Ela se livrou da criança da única maneira que podia.

— Eu não posso fazer isso... — ela me disse enquanto chorava incontrolavelmente. Eu me perguntava

ao quê ela estava se referindo. Analisei-a de cima a baixo para ter certeza de que estava bem, que ninguém a estava seguindo. Que não estava machucada.

— Não pode fazer o quê? — perguntei, pegando Ari dos braços dela para que a menina não ficasse doente por estar do lado de fora no frio congelante.

— Eu não quero ser pobre. Eu não quero essa vida. Não pedi.

— Nenhum de nós pediu. — Mas nós dois éramos imprudentes.

— Mas você... você não perdeu nada, e eu estou perdendo tudo — respondeu ela. Katie não me conhecia. Acho que ela pensou, porque meus pais não iam me tirar os milhões de dólares



que nunca tivemos, que nossa noite não afetou a minha vida também. Ela não poderia estar mais errada. Eu perdi mais do que tudo que ela poderia ganhar com dinheiro.

— Eu quero a minha antiga vida de volta — disse Katie ainda chorando. Eu queria entendê-la. Queria me sentir mal por ela, mas com minha filha nos braços, não consegui. Eu não podia ter empatia por ela não querer nossa filha, porque preferir o dinheiro. O fato de sentir mais falta do dinheiro do que amar Ari era algo que eu não conseguia entender.

Não a culpei por pensar em sua antiga vida. Eu pensava sobre a minha também. Eu desejava a garota que tive que abandonar porque não queria

arruiná-la. Não queria que ela se decepcionasse comigo. Ou pior, que ficasse comigo. Eu não a merecia. Queria muitas coisas, mas tinha novas prioridades. Tinha uma filha e precisava estar presente para ela mais do que tudo. Katie se recusou a fazer isso.

— Nós não podemos simplesmente voltar atrás — eu disse a ela, tentando fazê-la entender.

— Você pode não ser capaz, mas eu posso. — Essas foram as palavras que ela me disse antes de se afastar de nossas vidas.

Ela não ligou por um ano. Por um ano inteiro, não tivemos notícias dela. Katie não se deu ao trabalho de checar a filha. Ela perdeu, por opção, os

primeiros passos, as primeiras palavras e o primeiro aniversário da menina.

Eu tentei ligar para ela. Tentei ir à casa dos pais e me certificar de que ela estava bem. Seus pais me mostraram alegremente fotos de Katie em um barco com alguns amigos no que eles me disseram que era o México. Saí daquela casa naquele dia e perdi todo o respeito por ela. Concentrei toda a minha atenção na minha filha. Eu não abandonaria Ari como Katie fizera. Prometi ser mãe e pai para ela.

— Você acha que poderia me enviar algum dinheiro? — a voz de Katie me traz de volta ao presente.

Eu mordo minha língua para não dizer o que quero.

— Por que eu faria isso? — digo minhas palavras baixo o suficiente para mais ninguém ouvir. Qualquer que seja o dinheiro que tenho, preciso guardar para garantir o futuro da minha filha, não para financiar as férias de sua mãe ausente.

— Porque... você me deve.

— Por que eu devo algo a você? — eu pergunto, divertindo-me com suas palavras ridículas.

— Eu te dei Ari.

— Ela não é um brinquedo ou um presente. Ela é uma criança, p... — interrompo o xingamento. — Eu não te devo nada. Não ligue de novo — digo a ela e desligo o telefone quando vejo Ari caminhando para a cozinha.

Ela se senta no assento oposto ao

meu.

— Quem era? — ela pergunta.

— Ninguém importante — digo a ela, tentando parecer calmo e controlado, embora, por dentro, eu esteja furioso.

— Era a minha mãe? — ela indaga e, por um segundo, gostaria que ela não fosse tão inteligente quanto é. Gostaria que ainda fosse bebê e não pudesse notar a ausência de sua mãe.

Prometi a mim mesmo que nunca mentiria para ela, então assinto.

— Ela está bem? — Ari pergunta. A mãe não se preocupou em perguntar como ela estava e, no entanto, essa é a primeira coisa que vem à mente da minha criança de seis anos.

— Ela vai ficar bem — digo a ela. Os pais dela a ajudarão. Desde que faça o que eles querem, eles sempre a auxiliam.

— Que bom — diz Ari e posso dizer que ela tem algo em mente. Aposto que tem um milhão de perguntas que ainda não pode colocar em palavras. Um dia, vou ter que começar a responder.

— Você está pronta para comer macarrão com queijo? — pergunto a ela, efetivamente mudando o tópico da conversa e trazendo um sorriso para o rosto da minha filha.

Ela assente ansiosamente.

— Macarrão com queijo e Moana.



Terminamos o jantar e jogo uma pipoca no microondas.

— Eu volto já! — Ari diz, correndo para fora da cozinha.

Quando a pipoca está pronta, vou para a sala me preparando para o início da tortura.

— Vou começar o filme sem você — grito, brincando, sabendo que, com isso, Ari reaparecerá magicamente.

— Ainda não, eu estou indo! — ela grita do quarto dela.

Eu procuro o filme na Netflix. Segundos depois, Ari entra e a primeira coisa que noto é que ela não está mais de pijama.

— O que aconteceu com o pijama? — eu pergunto, embora já saiba a

resposta. Fiquei surpreso que ela o tivesse colocado em primeiro lugar. As noites de sexta-feira são reservadas para vestidos de Moana e de princesas.

— Eu precisava usar isso para poder ser uma princesa também — diz ela, apontando para o vestido. Ela está usando um azul e uma tiara, como os que vê nos programas de TV, e minha mãe lhe deu ambos.

— O que você está escondendo aí atrás? — pergunto quando percebo que uma das mãos dela ainda está nas suas costas.

Ela me dá um sorriso misterioso.

— Quando eu estava com a vovó, comprei algo para você vestir.

— Algo para eu vestir? — eu



pergunto, imaginando o que as duas poderiam ter comprado para mim.

— Sim — diz ela, trazendo as mãos para frente. — Eu comprei uma tiara para você! — ela anuncia.

Eu olho para a tiara que ela segura para mim.

— Que bonita.

Ela assente.

— É. Queria que você a usasse para que possamos ser princesas.

Olho para a emoção e o amor em seus olhos enquanto pego a tiara de suas mãos.

Devolvendo a ela, eu me abaixo do sofá para o chão.

— Você não quer usá-la? — ela pergunta, pegando a tiara de volta,

fazendo beicinho substituindo o que antes era um sorriso.

— Eu acho que você deveria colocá-la em mim. Eu não quero estragar tudo. A coroa de uma princesa nunca pode ficar torta, certo? — eu pergunto e o sorriso retorna. Em momentos como esses, sinto-me no topo do mundo, como se estivesse fazendo tudo certo.

Ela sorri para mim.

— Está certo! Vou colocar em você e ficará perfeita! — ela diz, colocando a tiara na minha cabeça.

Levantando-me do chão, eu giro.

— Como estou? — pergunto enquanto poso para ela.

— Está lindo! — ela diz, batendo

palmas animadamente.

— Você está pronta para assistir ao filme agora? — pergunto, percebendo que está ficando tarde.

— Sim, mas você tem que manter a tiara o tempo todo enquanto assistimos ao filme.

— Eu não ousaria tirá-la — digo a ela.

Apertamos o play e começamos nossa centésima sessão de Moana. Depois de trinta minutos de filme, Ari adormece, como ela sempre faz, e eu termino de assisti-lo sozinho, a tiara ainda na minha cabeça e tudo. Prometi que não a tiraria até o filme terminar e parei de quebrar as promessas há muito tempo.



## *AMARI*

**E**u fecho a porta da minha casa e me viro. Dou a mim mesma um momento para olhar os arredores. Há uma semana, eu venho sentindo medo de quem posso encontrar ao ter voltado. Sinto-me preocupada

com um milhão de coisas diferentes. Não queria estar aqui.

Eu queria, mas não queria.

No momento, vejo o vento passar devagar e as folhas se moverem junto. O vermelho alaranjado delas me lembra um outono que eu não apreciava muito enquanto estava fora. Sempre foi a minha estação favorita e agora, olhando para todas as árvores ao meu redor, sei que ainda é. Onde eu morava também existia outono, é claro, mas é diferente, aqui, é melhor.

Há algo nas árvores, quando se preparam para abandonar suas folhas, que me encoraja a fazer o mesmo. As árvores perdem as folhas todos os anos, mas não morrem. Elas permanecem de

pé e, depois do frio, da neve e das chuvas, suas folhas crescem de novo. Todo ano. Como um relógio. Elas não se permitem ser derrotadas.

Hoje, decido seguir uma página do manual da Mãe Natureza. Eu não vou desistir. Não vou desistir. Vou seguir em frente, independentemente do que aparecer no meu caminho.

Sorrio para mim mesma, sentindo que estou realmente progredindo depois de me sentir presa há anos.

Olhando para o meu relógio, percebo que é hora de sair. Faz uma semana e o trabalho continua se acumulando na minha mesa. Entre o planejamento de uma conferência de pais e professores e a reunião com todos

os professores para ver o que eles precisam, tenho uma quantidade insuperável de tarefas para realizar.

Os alunos da quarta série irão ao zoológico. Os da primeira série, para o aquário. E os da quinta série estão tendo um dia no campo. Ah, e não vamos esquecer a dança de pais e filhas no calendário também.

Destrancando e entrando no lado do motorista em meu carro, percebo que, independentemente de todo o trabalho que está esperando por mim, estou me divertindo. Ligando o carro, saio da garagem. Alguns minutos depois, meu telefone toca e clico no botão no volante para atender.

— Ei garota, ei! — a voz de Emely

preenche o veículo.

— Uau, alguém voltou à vida — digo. Não falo com ela há uma semana. Uma semana inteira. É verdade que não liguei para ela porque tudo estava meio caótico, mas vou brigar por não ter me ligado também. É isso que os melhores amigos devem fazer.

— O que você quer dizer com isso? — ela pergunta, sem noção como sempre.

Eu diminuo a velocidade quando me aproximo de um sinal vermelho.

— Quero dizer, eu estou aqui há uma semana inteira e você não enviou mensagens nem me ligou para garantir que eu estava viva.

— Você é tão dramática! — ela diz,



rindo do outro lado da linha.

Sorrio para mim mesma e continuo dirigindo quando o sinal fica verde.

— Só estou dizendo que, se algo tivesse acontecido comigo, seria tarde demais para você fazer alguma coisa.

— Bem, felizmente, você está bem.

— Você não tem como ter certeza.

— Dá para saber.

— Como assim?

— Porque se algo ruim realmente tivesse acontecido, você me ligaria para me contar, em vez de esperar que eu te ligasse. — Isso é verdade. Quando meu mundo desabou, ela foi a primeira pessoa que procurei. Foi a primeira vez que eu faltei à aula. A primeira vez que violei as regras, mas não havia como

ficar na escola naquele dia depois do que descobri. Era o último dia de aula, então não importava.

— Isso é verdade.

— Eu te conheço muito bem — Emely diz triunfante. Virando à direita, localizo imediatamente a escola fundamental.

É na mesma calçada do prédio do ensino médio, mas esta fica um pouco adiante.

— Como você está? Estou com saudade de você.

— Eu também sinto sua falta. Fiquei no México esta semana. O cliente queria que eu visse outras propriedades dele.

— E esse é um negócio de verdade ou você está tentando me contar alguma

outra coisa? — pergunto, rindo.

— Eca. Não. O negócio é real. São as boates dele. Ele tentou dar em cima de mim, mas é uns vinte anos mais velho, o que não é necessariamente uma coisa ruim, mas também definitivamente não faz meu tipo.

— Ele deu em cima de você?

— Sim... — ela diz, parecendo um pouco frustrada. Emely é linda e solteira, mas não por falta de homens interessados. O status de seu relacionamento é uma escolha pessoal.

Entrando no estacionamento da escola, transfiro a chamada do sistema de alto-falantes do carro para o meu telefone.

— O que você fez?

— Ignorei, como sempre faço. Enfim — ela diz, mudando de assunto —, selamos o acordo, então eu vou lidar oficialmente com a conta dele. O trabalho me deu um bônus muito bom por consegui-la, então o que você acha de fugir no próximo fim de semana?

Fecho o carro e reflito sobre a proposta dela.

— Acho que ainda não posso passar um fim de semana fora.

— Por que não?

— E se eles precisarem de algo na escola? — digo a ela.

— Você é diretora da escola primária e não uma socorrista. Eles vão sobreviver. — Mesmo que ela esteja certa, acho muito precoce fazer uma

viagem de fim de semana quando ainda estou tentando descobrir o que devo fazer. Acho que ainda não comprei mantimentos suficientes para durar a semana inteira. Existem algumas coisas para consertar em casa. Preciso comprar mais roupas. Há muita coisa para fazer uma pausa.

— Isso é verdade, mas tenho muitos eventos escolares chegando, então só quero me instalar adequadamente antes de tirar alguns dias.

— Uau. No começo, você não queria ir para aí e agora não quer ir embora — diz ela, lembrando-me da minha hesitação em vir para cá.

Saindo do carro, tranco-o e começo a caminhar em direção à porta da frente.

— Eu realmente gosto do meu trabalho.

— É bom ouvir isso — ela responde, e eu posso sentir o alívio em sua voz. — Aqui está o que farei. Em vez de irmos a outro lugar por um fim de semana, vou até aí, ficar com você. — Essa é uma ideia muito melhor.

— Eu adoraria! Sinto tanto sua falta e mal posso esperar para vê-la. — Entro na escola e aceno para alguns dos professores que vejo indo para as respectivas salas de aula.

— É melhor você sentir minha falta, eu sou sua melhor amiga, afinal. Deixe-me confirmar com meu chefe se realmente terei este fim de semana livre e depois te aviso.

— Incrível, mal posso esperar para vê-la. De qualquer forma, eu tenho que...

— Você precisa ir — diz ela, terminando minha frase.

— O dever chama.

— Você está levando isso muito a sério — ela brinca.

— É um trabalho importante.

— Educando nosso futuro — ela responde, citando uma frase que eu dizia sempre que conversávamos sobre o motivo de me formar em pedagogia.

— Tudo bem. Vá se certificar de que nosso futuro está em boas mãos. Ligo para você mais tarde.

Faço uma última provocação porque não posso evitar. É divertido cutucar minha melhor amiga.

— E mais tarde você quer dizer outra semana inteira!

— Pare com isso! — ela retruca.

— Tchau — eu digo, encerrando a ligação.

Quando chego ao escritório, percebo que Hannah ainda não está em sua mesa. Indo direto para a minha sala, tiro o casaco e o penduro no cabideiro, depois me sento à minha mesa.

Alguns minutos depois, tiro meu telefone do bolso quando ele vibra com a mensagem recebida.

**Emely:** Rainha do drama. Talvez você devesse ter feito artes cênicas.

**Eu:** Considerarei isso para quando



me aposentar.

**Emely:** Revirando os olhos aqui, tchau.

**Eu:** Também te amo.

**Emely:** Sempre.

Eu amo minha melhor amiga. Não consigo enfatizar isso o suficiente. Ela está na minha vida há dez anos. Conhece todos os meus medos, todos os meus sonhos e desejos. Ela sabe quando estou com raiva ou feliz. Sabe quando preciso que ela apenas ouça ou quando precisa me convencer a não fazer algo estúpido.

Emely me conhece tão bem que não se incomodou em perguntar sobre ele, e eu a aprecio muito mais por isso do que

ela jamais perceberá.



## *CRISTIAN*

**E**u chego ao meu novo emprego me sentindo mais revigorado e mais cheio de energia do que em anos. Mesmo fazendo apenas uma semana, a equipe está se saindo melhor e eu também. Não tenho agido como o

idiota miserável que normalmente sou, até Nigel me disse isso depois de bebermos no sábado à noite. É uma loucura o que voltar ao campo de futebol, ao lugar onde me destaquei no ensino médio, faz com o humor de uma pessoa.

Não estou jogando futebol profissional, mas pelo menos não estou pintando a casa de outras pessoas para sobreviver. Isso não é uma desfeita com as pessoas que trabalham com isso, é uma profissão honesta, que alguns gostam, mas não era o que eu queria.

Sempre quis ter uma bola de futebol nos pés. Queria organizar o time. Executar o jogo. Estar em campo. Eu queria a adrenalina de ganhar. Sempre

me senti invencível quando fazia isso. No topo do mundo. Embora ainda não tenha esse sentimento exato, é bem perto.

Treinador Cole não é um título que eu imaginava ter, pelo menos não tão cedo na minha carreira, mas vou abraçar essa porcaria. Esta equipe não ganha um campeonato há muito tempo e estou tentando descobrir como mudar isso. Tenho algo a provar, e todas essas crianças também. Posso dizer que eles querem ganhar. Estão sedentos por um troféu do campeonato. Querem acabar com a seca.

Muitos deles me mostraram seu desejo de dar o máximo, para que as faculdades os olhassem. Vou me esforçar

muito para garantir a eles a oportunidade que arruinei para mim, a chance de jogar em um nível mais alto. Jogar futebol profissional. De seguirem seus sonhos.

*Eu tive que abandonar o meu.*

Mas não me arrependo, porque tenho Ari e ela é o meu mundo.

Eu só queria não ter perdido ninguém no processo. Se há uma coisa que gostaria de não ter são memórias. Enquanto ando pelos corredores, não consigo deixar de me lembrar do passado. Lembro-me de cada beijo roubado dos lábios dela. Todo olá e adeus. Passando pelo armário dela, lembro-me do primeiro dia em que a senti me encarando enquanto passava.

As palavras que ela compartilhou com sua melhor amiga que pensou que eu não ouvia.

Estar nesta escola me lembra do que eu perdi todos os dias. Acho que esse é o meu castigo. Eu mereço isso. Vou para o vestiário sabendo que serei o primeiro a chegar. Cheguei antes dos assistentes técnicos, porque quero terminar de digitar as anotações dos jogadores que tenho observado. Quero propor um plano. Eu também quero preparar o cronograma de treinos para o restante do ano. Temos que nos preparar se queremos ganhar.

Chegando à porta do vestiário, minha mente se lembra das muitas vezes em que ela esperou ansiosamente que eu

passasse após cada jogo. Ela sempre tinha um sorriso no rosto e orgulho nos olhos. Ela me fazia querer voltar ao campo e jogar repetidamente.

*Ela era boa demais para você,* minha mente me diz, mas não é como se eu tivesse esquecido. Não ser bom o suficiente para ela foi algo que engoli no momento em que começamos a namorar e todos os dias desde então. Foi por isso que tentei ser o melhor namorado que poderia ser. Mas não havia muito o que eu pudesse fazer para voltar atrás do que tinha feito.

Nada poderia salvar o que tínhamos: nós.

Eu não conseguia continuar mentindo para mim mesmo pensando que poderia



ser bom para ela.

Eu tinha que ser bom para ela... E para fazer isso, tive que deixá-la.



Depois que finalmente tiro aqueles pensamentos da minha cabeça, tenho que trabalhar. Entro no meu escritório e começo a arrumar as coisas. Entre práticas de agendamento, horário de filmes com Ari, jogos e tudo mais, não havia mais espaços vazios no meu calendário.

Com uma semana inteira, tive a chance de olhar para todos os nossos jogadores. Assisti todos os seus movimentos, analisando-os. Escrevi

notas sobre suas fraquezas e pontos fortes. Eu tinha um plano personalizado para a maioria deles, mas não tive tempo suficiente para fazer um para todos, então essa é a próxima tarefa da minha lista. Olhando para o meu calendário, vejo onde circulei nosso primeiro jogo. Daqui a duas semanas. Duas semanas até enfrentarmos o nosso primeiro oponente. Duas semanas para esta equipe estar pronta para o campeonato, e eles estarão. O sucesso deles é o meu, e eu já perdi o suficiente na minha vida para continuar perdendo.

Olho para o meu relógio. Os caras não sairão da aula por mais uma hora, o que significa que passei quase sete preparando as coisas. Minha filha deve

estar saindo da escola mais ou menos na mesma hora em que os rapazes vão entrar no vestiário.

Decido ligar para minha mãe e lembrá-la de pegar Ari. Eu costumava buscá-la todos os dias, mas com o novo emprego, isso é algo que não poderei mais fazer. O telefone toca por alguns segundos antes de minha mãe atender.

— Oi — ela me cumprimenta.

— Oi, mãe, eu estava ligando para lemb... — ela me interrompe.

— Para me lembrar de pegar Ari na escola às 14:30 — ela termina.

— Exatamente.

— Eu lembro. Uma vez eu tive um filho também, sabe?

— Sim, sim, eu só queria ter certeza

de que você não esquecesse.

— Não vou deixar minha neta abandonada. Preocupe-se em conseguir o título para a Bragan High no seu próximo campeonato e eu me preocupo em buscá-la todos os dias.

— Mais uma vez obrigado por cuidar dela. Pagarei alguém para fazer isso em breve — digo a ela. Sou grato por sua ajuda, mas a aposentadoria deve servir para que descanse, não para assumir minhas responsabilidades. Só preciso de um pouco mais de tempo para economizar algum dinheiro extra antes de poder pagar uma babá.

— Pagar alguém!?! Não. Absolutamente. Este seu trabalho é a melhor coisa que me aconteceu. Posso

passar mais tempo com Ari. Você não vai pagar alguém para fazer algo que eu quero fazer.

— Você diz isso agora, mas eventualmente vai querer descansar. — Ela precisa descansar. Minha mãe trabalha duro há muito tempo.

— Descansarei quando estiver morta.

— Não diga isso!

— Acontece com todos nós. De qualquer forma, tenho que fazer algumas tarefas antes de sair, então preciso desligar.

— Tudo bem, obrigado novamente, mãe.

— Claro. Você pode ser um homem, mas sempre será meu bebê e essa sua

filha também é minha.

Percebo que há outra ligação na linha quando o som interrompe a conversa com minha mãe. Olho para o identificador de chamadas e percebo que é da escola de Ari. Meu estômago se revira imediatamente. Eles nunca me ligam.

— Mãe, eu tenho que ir. — Nem me importo em dizer a ela o porquê.

Eu desligo antes que ela tenha a chance de se despedir e atendo a ligação na outra linha.

— Oi, eu poderia falar com Christian Cole, por favor? — a voz de uma mulher fala do outro lado da linha.

Ela parece muito séria, como se estivesse prestes a me dizer algo que

não vou gostar.

— É ele. O que está acontecendo?

— Olá, é Hannah Robles ligando, sou a assistente da diretora aqui na Bragan Elementary. Precisamos que você venha até a escola — diz ela, encerrando sua frase como se fosse informação suficiente. Sinto meu batimento cardíaco aumentar à medida que um medo pela segurança da minha filha se aproxima.

— Ari está bem? — eu pergunto, levantando-me da minha mesa e pegando meu casaco. Pego minhas chaves no bolso do paletó e saio correndo pela porta.

Corro para fora da escola enquanto espero a mulher do outro lado da linha

responder à minha maldita pergunta. Por que ela está demorando tanto?

— Ela se envolveu em uma briga.

O ar sai do meu pulmão em um suspiro.

— Briga? — repito, tentando descobrir o que diabos ela quer dizer com isso. Minha filha não é do tipo de criança que se envolve em brigas ou problemas.

— Ela esta bem?! — eu pergunto novamente, esperando que ela me dê uma resposta menos econômica.

— Ela está. Ela foi a agressora neste caso. — Agressora? Ari não briga. Conversamos sobre isso quando esclarecemos que ser uma lutadora significava não desistir. — Ela agrediu



uma das outras crianças durante o recreio — acrescenta a mulher. Se Ari atacou fisicamente outra criança foi porque estava se defendendo. Foi isso que a ensinei a fazer.

Quero que essa maldita mulher pare de falar em códigos e me conte exatamente o que aconteceu.

— O que houve? — eu pressiono, cansado de pegar as migalhas que ela está deixando para trás e pronto para ouvir toda a história.

— Talvez seja melhor você vir. A diretora gostaria de falar com você.

Sinto uma dor começar a se formar na parte de trás da minha cabeça.

— Estarei aí em alguns minutos.

Felizmente para mim, esta cidade

gosta de manter as escolas próximas, portanto, minha filha está a poucos metros de mim. De qualquer maneira, quinze minutos depois, estou entrando na Bragan School.

Fico revirando meu cérebro em busca de outras razões pelas quais Ari lutaria fisicamente com alguém.

Talvez a ligação que tive com sua mãe a tenha chateado.

Talvez eu tenha perdido alguns sinais ou pistas de que ela não estava bem.

Talvez eu tenha estragado tudo.

Ari é diferente de mim. Ela é melhor.

Ela tem meus olhos e outras características físicas, mas de todas as

outras maneiras, não poderia ser mais diferente. Ela é uma pequena geniazinha para seus seis anos de idade. Ela é responsável. Cuidadosa. Amorosa.

Ela é todas as boas partes da vida misturadas.

Entrando, sigo o mesmo caminho que percorri várias vezes até o escritório do diretor. Só que, desta vez, não sou eu quem está com problemas, é a minha filha.



9

## *AMARI*

**E**mely me envia mais algumas mensagens, mas eventualmente eu a faço parar de falar comigo e começo a trabalhar. De alguma forma, apesar de acreditar que não conseguiria sobreviver, assino a última despesa do

dia – o passeio ao zoológico.

Embora haja mais trabalho para terminar, nada precisa ser feito no momento. Fechando a pasta, decido tomar um segundo para respirar. Sentada confortavelmente na minha cadeira, descanso a cabeça na mesa. Meio segundo depois, uma batida na porta, seguida por sua abertura, me assusta.

— Oi, Hannah! — saúdo-a quando a vejo, tentando parecer o mais acordada possível. Eu não quero ser acusada de dormir no trabalho, o que não é o que eu estava fazendo, de qualquer maneira. Só estava descansando os olhos por um tempo porque li muitas propostas e minha visão estava começando a ficar estranha. Também pulei minha pausa

para o almoço, então, tecnicamente, deitar minha cabeça na minha mesa poderia ser considerado uma compensação.

Hannah acena.

— Então, eu chamei o pai da menina, Ari, que chutou o garoto durante o recreio mais cedo — ela me diz, lembrando-me da única coisa que me esqueci de adicionar à minha lista. O incidente, como ela chamou.

Não apenas tive que trabalhar com documentação o dia inteiro, mas agora tenho que desempenhar o papel de disciplinadora. A mulher má. Eu tenho que conversar com a garotinha e depois falar com o pai dela para garantir que tudo esteja bem em casa e que ele esteja

ciente do que aconteceu. No passado, normalmente deixava o diretor fazer o trabalho sujo para mim. O triste é que agora eu sou a diretora. Isso é carma que estou recebendo por todas as tarefas que evitei, delegando-as a outra pessoa.

— OK. E você disse que ela chutou o garoto? — pergunto novamente, certificando-me de conhecer todos os fatos.

Hannah assente.

— Foi o que Randolph disse.

Quando eu estava no ensino fundamental, há muito tempo, isso não era motivo suficiente para chamar um pai. Mas, aparentemente, esta escola tem uma política de tolerância zero em relação à “violência”. Acho que é, de

fato, violência, mas parece algo com o qual deveríamos ser capazes de lidar sem precisar que os pais comparecessem. Então, novamente, não sou mãe e tenho certeza de que, se fosse, gostaria de estar lá para conversar com meu filho e descobrir o que aconteceu.

— Onde ela está? — eu pergunto, pronta para acabar com isso.

Hannah aponta para trás.

— Ela está esperando do lado de fora da porta.

— O outro garoto está bem? — eu pergunto, percebendo que não me incomodei em vê-lo. Vou me lembrar de fazer isso depois de conversar com a garotinha e o pai dela.

— Sim. Ele está na aula agora. Você



quer que a gente traga ele também?

— Não agora. Deixe-me falar com ela primeiro. Depois vou falar com ele. Também precisamos chamar os pais dele? — pergunto. Não sei qual é o protocolo.

— Não há necessidade. Vou me comunicar com eles quando vierem buscá-lo para que saibam o que aconteceu. Você quer que eu deixe Ari entrar?

Pelo menos não precisarei falar com dois pais hoje.

— Perfeito, obrigada. E, sim, por favor, deixe-a entrar.

Hannah assente e sai da minha sala. Segundos depois, eu a vejo voltar para dentro com uma garotinha seguindo

atrás. Ela tem cabelos longos cacheados, olhos castanhos e lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Oi — digo, contornando minha mesa para que ela não sinta que há uma barreira entre nós.

Quando a alcanço, abaixo-me ao nível dela para garantir que não seja intimidada por mim.

— Não chore. Nós vamos resolver isso — digo a ela.

— Estarei do lado de fora se precisar de mim. Avisarei quando o pai dela estiver aqui — diz Hannah, escapando dos soluços incontrolláveis ao sair.

— Obrigada, Srta. Robles — digo e espero que ela saia pela porta antes de

tentar falar com a menininha novamente.

— Você ligou para o meu pai? —  
Ari pergunta, enxugando as lágrimas dos olhos.

— Nós tivemos que fazê-lo. Você chutou alguém durante o recreio no parquinho. — Eu deveria ter perguntado a Hannah o nome do garoto que Ari chutou. O pai dela provavelmente também vai querer saber. Talvez seus pais a façam escrever uma carta de desculpas ou algo assim.

— Foi culpa dele — diz a menina, passando por mim e sentando-se na frente da minha mesa. Ando pela curta distância e pego a cadeira à esquerda dela. Movimento-a de frente para ela, então tento descobrir o que está

acontecendo.

— Foi culpa dele que você o chutou? — repito, um olhar de confusão provavelmente visível no meu rosto, porque estou mesmo confusa.

— Sim — diz ela, sem hesitar, enquanto cruza os braços contra o peito. Eu tenho que parar de sorrir. Não posso fazê-la pensar que quero que ela saia por aí chutando outras crianças. Mas há algo sobre seu atrevimento, sua coragem, que me parece familiar.

— Ari, você tem um nome bonito — começo de novo, tentando ganhar a confiança dela dessa vez. Mas também gosto muito do nome dela. — Quantos anos você tem? — pergunto.

— Obrigada... eu tenho seis anos.

Como estava dizendo, Kayden Harrison deveria estar em apuros, não eu. — Faço uma anotação mental do nome do garoto.

— Foi você que o chutou... — eu a lembro.

— Sim — diz ela com firmeza. — Mas foi culpa dele — repete. As lágrimas que estavam caindo em seu rosto desapareceram. Em vez disso, há um incêndio em seus olhos e eu o reconheço como uma determinação de aço.

Eu tento uma abordagem diferente.

— E por que você acha que é culpa dele?

— Porque... ele me chamou de nomes feios e depois me empurrou. —

Nós claramente não entendemos esse lado da história. O lado dela. Ao ouvi-la agora, se for verdade, entendo por que retaliaria.

— Ele empurrou você?

— Sim. Eu estava brincando com uma joaninha no parquinho, e ele me chamou de idiota e estúpida. Então ele me empurrou, e eu, acidentalmente, pisei na joaninha. Então, eu o chutei.

Uau. Quero dizer, se eu tivesse a idade dela e uma criança me chamasse dessas palavras e me pressionasse, provavelmente as chutaria também. Como diretora, no entanto, isso não é algo que possa dizer.

— Essas não são coisas boas a se dizer. Ele não deveria ter te chamando

assim. Também não deveria ter empurrado você. Mas você sabe que chutá-lo de volta não é a coisa certa a fazer, né?

— A joaninha está morta agora. Além disso, meu pai me ensinou a não deixar que outros me machucassem. Ele disse que se alguém me atacar, tenho o direito de me defender. — Com a maneira como ela conta o que aconteceu, eu me pego acreditando na versão dela dos eventos. Sei que nunca teve problemas antes, Hannah me disse isso. Tenho certeza de que o pai dela não ficará feliz em saber que ligamos para ele para contar que a filha chutou alguém sem antes descobrir o que levou a isso. O outro garoto a empurrou e a xingou.

Quanto mais descubro, menos fico ansiosa pela conversa que terei a seguir.

— Você parece uma criança muito inteligente para mim — digo a ela.

— É o que meu pai me diz — ela responde com o primeiro sorriso que abriu desde que entrou pela minha porta.

O pai dela parece um homem especialmente interessante.

— Entendo por que seu pai diz isso. Ainda assim, você não pode sair por aí chutando outras crianças.

— As crianças não deveriam sair por aí empurrando outras pessoas e chamando-as de nomes feios. Se Kayden não tivesse feito isso, eu não o teria chutado — ela diz, dando de ombros. Tentando não rir, soltei um bufo não



característico.

Essa menina de seis anos fala com mais confiança do que eu já possuí.

— Eu concordo com você na primeira parte. Ninguém deve sair por aí empurrando as pessoas ou xingando-as. Vou me certificar de falar com Kayden. Mas se acontecer de novo, em vez de resolver o assunto com suas próprias mãos e chutar outra pessoa, me avise, ok?

— Você vai cuidar disso? — ela pergunta, prendendo-me com um olhar curioso.

— Absolutamente — eu lhe asseguro.

— Você está bem? — a porta se abre, e meu mundo congela enquanto

fico sentada lá, olhando para alguém que nunca esperava ver. O que Christian está fazendo aqui? Por que ele está perguntando se eu estou bem? Juro que pareço ter sido atropelada por um caminhão, cegada pelo sol e empurrada para a água de uma só vez. Nada faz sentido. Não sei o que sentir.

Confusão.

Desgosto.

Choque.

Há muitas emoções correndo pela minha mente ao mesmo tempo para focar em apenas uma.

— Oi, papai — diz Ari, levantando-se da cadeira e correndo diretamente para ele. PAPAI. Ela acabou de chamá-lo assim? Christian? Meu Christian? *Ele*

*não é mais o seu Christian.* a voz na minha cabeça diz, e ela está certa.

A pessoa que está na minha frente não é o garoto por quem me apaixonei. Não, um homem tomou o seu lugar. Esta versão é mais alta, com ombros mais largos e uma mandíbula forte. Se não fossem seus penetrantes olhos castanhos escuros, que no momento estão focados em mim, eu ficaria convencida de que ele não é a mesma pessoa. Christian fora lindo no ensino médio, mas isso desaparece em comparação com o homem que ele se tornou.

Empurrando esses pensamentos para o fundo da minha mente, concentro-me apenas em uma coisa, a única coisa que importa... ele tem uma filha.

— Este é o Sr. Cole, o pai de Ari — diz Hannah, enquanto fica à esquerda dele. Eu nem sabia que ela estava aqui até agora. Sua apresentação do cara que partiu meu coração confirma que não sou louca. É realmente ele. Ari é filha dele. Ele está parado a meros centímetros de distância.

— Amari — meu nome sai de seus lábios como uma oração sem resposta, enquanto ele levanta a filha nos braços e a abraça. Ele olha para mim e vejo a confusão em seus olhos. É recíproco. Ele não sabia que eu estava de volta. Não achei que tivesse ficado na cidade, mas acho que esta não era a única coisa que eu não sabia.

Eu olho para ele e depois para

Hannah. Meus olhos então mudam para a garota em seus braços. Aquela que o abraça como se fosse sua tábua de salvação, que falou sobre ele como se fosse seu herói. Eu não sei o que fazer comigo mesma. Levo minha mão ao peito, sentindo que essa é a única coisa que me impedirá de desmoronar. Sinto meu coração se partir novamente.

*Ele ficou em Forest Pines.*

*Ele está nesta sala.*

*Ele me deixou.*

*Ele seguiu em frente.*

*Ele tem uma filha.*

— Ari, por que não vamos pegar suas coisas enquanto seu pai fala com a Srta. Santana? — Hannah diz, detectando a tensão na sala. Eu sei que

ela ouviu a maneira como Christian pronunciou meu nome com familiaridade. Ela pode ver que meu rosto está pálido e que estou sem palavras.

— Está tudo bem se eu for com ela, papai? — Ari pergunta, colocando as mãos pequenas no queixo de Christian, voltando a atenção do pai para ela. Ele tira os olhos de mim e olha para a filha. Eu me intrometo no momento enquanto observo como ele a inspeciona para garantir que não há nada errado. Então, depois que está convencido de que ela não está machucada, assente.

Ele a coloca no chão e Ari segura a mão de Hannah. As duas saem da sala e no momento em que a porta se fecha, a

tensão é elevada ao quadrado.

Christian Cole.

Meu namorado do ensino médio.

*Ele não é nada mais seu. Nunca mais.*

Ele me fez apaixonar por ele e depois me deixou.

Eu o observo, mas ele não se mexe. Não tenta se aproximar de mim ou fugir. Ele fica parado perto da porta e aposto que está avaliando suas escolhas. Tentando descobrir se deveria ficar e tentar falar comigo ou seguir sua filha porta afora e evitar essa conversa completamente.

Também não me mexo. Fico sentada, porque, se ficar em pé, posso cair. Eu não o vejo há seis anos.

Sua FILHA tem seis anos; a compreensão surge do nada.

— Ela tem seis anos. — Essas são as primeiras palavras a saírem da minha boca desde que ele entrou na sala. Desde que a invadiu e virou meu mundo de cabeça para baixo, novamente.

— Eu não sabia que você estava de volta — diz ele, evitando minha declaração.

— Ela é sua filha e tem seis anos — digo a ele, novamente ignorando suas palavras. Claro que é filha dele, pois ela o chamou de pai. Ele entrou aqui procurando por ela. Ela tem os olhos e a confiança dele. Por isso tudo me parecia tão familiar. Ari é uma cópia de Christian. Dele e de outra pessoa.



Demoro mais do que deveria, mas finalmente junto dois mais dois.

Eu fecho meus olhos. Sei que ele está aqui. Sei que isso é real. Mas gostaria tanto que não fosse. Depois de estar na cidade há duas semanas, a última coisa que eu esperava era isso. Sim, eu sabia que havia uma chance de ele ter ficado. Sabia que poderia encontrá-lo a qualquer momento, se tivesse ficado. Ainda assim, eu não esperava me pegar nesta sala frente a frente com ele. Nunca esperava que minha assistente o chamaria por causa de sua filha. Como eu poderia?

Abro os olhos e o encontro dando alguns passos em minha direção. Balanço a cabeça, o que faz com que

pare de se mover. Ele pode dizer, pelo olhar nos meus olhos, que eu sei. Ele abaixa a cabeça e se move em minha direção novamente.

— Não é o que você pensa — ele começa a se defender.

Um calafrio percorre meu corpo no momento em que essas palavras saem de sua boca porque confirmam que estou certa. Eu posso ser ruim em matemática, mas é muito simples. Seis anos. Seis anos atrás, estávamos no ensino médio. Era o último ano. Ele era meu namorado. Seis anos atrás, foi quando ele partiu meu coração.

— *Você achou que eu ia te deixar me seguir por toda parte? Que eu seria seu namorado devotado para sempre?*

*Se achou, estava errada* — as palavras que ele me disse quando terminou comigo seis anos atrás voltam à minha mente.

Ele usou essas palavras para enfiar a faca no meu coração e me despedaçar.

Ele deveria ter usado palavras mais simples. Deveria ter me dito... que ele traiu.



## *CHRISTIAN*

**N**inguém poderia me preparar para este momento. Se alguém me dissesse que eu apareceria na escola da minha filha e a veria, eu teria rido. Então, dependendo de quem dissesse isso, eu daria um soco em sua

cara por mencionar o nome dela em primeiro lugar.

Eu não a vejo há seis anos.

Ela ainda está tão maravilhosa quanto na primeira vez em que a vi pelo canto do olho. Exceto que está ainda mais bonita agora, se isso é possível.

Ela ainda tem o olhar doce e inocente que sempre me deixou de joelhos. Mas posso ver na maneira como olha para mim que agora é diferente. Ela é mais feroz. Mais segura. Ela é uma mulher.

Ainda assim, a garota pela qual me apaixonei está bem na minha frente e não quero nada além de tocar meus lábios nos dela e senti-la pressionada contra o meu corpo. Ter sua boca moldada à

minha como acontecera antes. Sofro de vontade de tê-la em meus braços novamente.

No entanto, quando ela me pergunta sobre minha filha, eu sei que isso nunca vai acontecer. Nós dois, juntos novamente... Sim, já desisti disso há um tempo.

— Eu não sabia que você tinha voltado — digo a ela enquanto absorvo o choque de vê-la aqui. Não sei o que fazer com isso. Há quanto tempo ela retornou?

Ela ignora a minha pergunta e continua me perguntando sobre Ari. Não entendo o que está tentando descobrir até o momento em que vejo seus olhos se arregalarem.

Ela está pensando em seis anos.

Eu sei o momento em que ela pensou e juntou tudo porque seus olhos não escondem o desdém. O nojo. A traição é visível na maneira como ela me olha como se eu fosse um monstro. Eu não sou... não desse jeito.

Provocado e pressionado por ela, dou um passo inseguro em sua direção, mas paro no lugar depois de ver como ela olha para mim. É a mesma maneira como olhou no dia em que parti seu coração... no dia em que parti nossos corações.

— Não é o que você pensa — digo a ela.

Ela se levanta de repente e dá a volta na mesa para ficar mais longe de

mim. Eu a observo balançar a cabeça e quero correr em sua direção, contar tudo e implorar que me perdoe.

— Sente-se — ela me diz, suas palavras desprovidas de qualquer emoção.

Eu sigo as instruções dela. Tomando medidas, sento-me na cadeira que acabou de abandonar, virando-a de frente para ela. Engulo o nó que sinto na garganta e apenas espero que fale novamente. Há tantas coisas que quero lhe dizer, incluindo o quanto sinto muito, mas não o faço. Eu lhe devo o espaço para expressar o que ela sente primeiro.

— Ligamos para você hoje porque sua filha chutou uma criança no parquinho — diz ela com naturalidade.



Sinto a frieza na troca de assuntos, e isso me deixa desorientado. Ela doutrina sua voz e fala comigo como se eu fosse apenas um dos outros pais. Alguém que ela não conhece. Alguém que ela não ama. Amou.

Ela provavelmente seguiu em frente. Faz seis anos. Nunca esperei que voltássemos a nos encontrar, então por que ela deveria? Ela sempre foi uma garota e tanto. Muita areia para o meu caminhão. Sempre mereceu mais do que qualquer coisa que eu pudesse lhe dar.

— Cometemos o erro de não investigar mais a fundo — ela continua e, apesar do quanto eu quero saber o que aconteceu com minha filha, neste momento, quero me explicar mais a

Amari.

— Não é o que você pensa... Ari, ela é... eu não... — Solto um suspiro, frustrado com a minha súbita incapacidade de falar. Sei que não estou fazendo sentido no momento, mas como posso levar essa situação? Eu fugi de me explicar antes.

Amari levanta a voz, efetivamente me impedindo de falar novamente.

— Um dos outros alunos estava sendo cruel com ela. Chamou-a de certas coisas e a empurrou. Quando ele fez isso, Ari pisou na joaninha com a qual estava brincando e a matou, então ela o chutou de volta.

Em qualquer outro momento, eu teria reclamando por ter sido chamado à

escola sem que a história completa tivesse sido apurada. Eu sorria triunfante pelo fato de minha filha estar se defendendo, como eu a ensinei. Ficaria chateado porque outro garoto colocou as mãos nela.

Mas não agora.

Eu sei que minha filha está bem.

E agora eu quero que a garota na minha frente, a garota dos meus sonhos, fale comigo. Para que eu possa falar com ela, explicar-me. Para me dizer como está se sentindo. Para não me tratar como um completo estranho.

— Amari, eu sei que isso parece ruim... — começo de novo. Ela limpa a garganta, interrompendo-me mais uma vez.

— Sr. Cole, pedimos desculpas por termos ligado para você. Deveríamos ter analisado mais a fundo. Sua filha está bem. Conversaremos com a outra criança e seus pais.

Levanto-me da cadeira e coloco minhas mãos na mesa dela.

— Não faça isso. Não me trate assim — imploro. Meus olhos se concentram nos dela, esperando por um sinal... uma rachadura na armadura que está usando com orgulho.

— Estou tratando você muito melhor do que merece. Eu sou a diretora desta escola. Sua filha... ela é uma das minhas alunas. Vou tratá-lo com o mesmo respeito que trato os outros pais. Nada mais, nada menos.

— Você nem vai me dar uma chance de explicar?

— Faz seis anos. Eu segui em frente. Você seguiu em frente. Uma explicação não parece necessária. Também não vai mudar nada — ela diz resolutamente.

Ela seguiu em frente. Claro que sim. Ela é linda, inteligente. Agora, diretora de uma escola. Qualquer cara seria estúpido em não segurá-la enquanto tivesse uma chance. Eu fui um idiota por abandoná-la em primeiro lugar, mas eu precisava. Eu me pergunto se ela tem filhos.

— Posso apenas dizer uma coisa?

Dá para ver que ela quer negar, mas assente. Aposto que pensa que quanto mais cedo eu disser o que quero dizer,

mais rápido poderá se livrar de mim.

Vou contar a ela a coisa mais importante.

— Eu não te traí. Ari aconteceu antes de você e eu começarmos a namorar.

Ela abre e fecha a boca.

— Então, você teve uma filha antes de começarmos a namorar? — ela diz e a mágoa que ouço na voz dela me lembra da última vez em que a magoei e como a magoei, mesmo que não quisesse.

— Não... — O fato de ela acreditar que eu esconderia uma criança dela me machuca completamente. Mas eu o fiz.

— Você não está fazendo nenhum sentido.

Passo a mão pela cabeça, esperando que isso me ajude a organizar meus pensamentos.

— Estou nervoso como o inferno. Não esperava vê-la novamente — digo honestamente.

— Somos dois — diz ela, e eu observo o jeito como tamborila os dedos na mesa.

Sinto meu telefone tocar no meu bolso. Não sei quanto tempo faz desde que estou aqui, porque no momento em que a vi, parece que o tempo congelou. Olhando para o relógio atrás de Amari, percebo que já estou atrasado para o treino.

Quero ficar mais do que tudo, mas não posso perder este emprego.

— Eu preciso explicar tudo para você, e sei que você provavelmente tem muitas perguntas. Mas agora eu tenho que ir. Dê-me algumas horas, talvez até mais, e eu vou te contar tudo o que não contei antes.

— Você não precisa me explicar coisas de seis anos atrás. Não há razão para fazê-lo agora.

— Eu só...

Ela se levanta da cadeira.

— Pedimos desculpas por ligar, Sr. Cole — diz ela, contornando a mesa e caminhando em direção à porta. Quando ela a alcança, abre. — Obrigada novamente por ter vindo.

Seu tom e postura me dizem que ela terminou de falar comigo. Com o



trabalho esperando, Ari do lado de fora da porta com Hannah, e minha mãe provavelmente esperando por ela lá fora, eu respeito o pedido de Amari.

Quando ela me pediu para ficar antes, para explicar o que estava passando pela minha cabeça, eu não fiquei. Agora ela está me pedindo para sair, e acho que finalmente chegou a hora de ouvi-la.



11

## *AMARI*

**E**le me dá uma última olhada, uma mistura de desespero e choque, antes que feche a porta. No momento em que faz isso, eu me despedaço. Ando a curta distância até a minha mesa, segurando em tudo o que

posso no processo.

No momento em que me sento, solto todo o ar que vinha guardando no pulmão. Minha cabeça bate na mesa com um baque alto. Um segundo depois, ouço uma batida na minha porta. Minhas pernas estão tremendo e as lágrimas estão à beira de cair, mas eu as seguro. Se for ele voltando, não quero que me veja assim. Quero que pense que sou forte. Que o superei.

Ainda assim, apesar de achar que estou preparada para vê-lo novamente, não estou. Então eu não digo nada. Não respondo quando ouço uma segunda batida. Não sei se é ele voltando, mas, mesmo que não seja, não quero falar com mais ninguém.

A porta se abre de qualquer maneira, e meu silêncio é ignorado. Levanto minha cabeça da mesa e encontro Hannah olhando para mim com preocupação visível em seus olhos.

— Você está bem? — ela pergunta, e isso é tudo o que é necessário para a barragem quebrar e as lágrimas caírem. Limpo-as manualmente, tentando obter a prova de como estou desapontada. — Oh, não — diz, percebendo que suas palavras foram minha ruína.

Eu continuo secando o rosto, mas não está ajudando. As lágrimas seguem caindo.

— Sinto muito — digo, desculpando-me pela minha explosão. Isso é trabalho. Eu sou a diretora desta

escola. Comecei na semana passada. Esta não é a impressão que quero que as pessoas tenham de mim. Não é como quero ser conhecida. Esse drama deveria ter passado há mais de seis anos, quando o ensino médio terminou, mas de alguma forma, ainda permeia a minha cabeça.

— Está tudo bem — Hannah diz, e eu posso sentir sua hesitação. Percebo pelo olhar em seu rosto que ela quer me confortar, mas acabou de me conhecer e não tem ideia de como lidar com minha explosão.

Eu limpo minha garganta e de alguma forma consigo fazer com que as lágrimas parem. Seguro todas as emoções. Posso sair em breve e

desmoronar quando chegar em casa, mas, por enquanto, tenho que manter a calma. É o meu trabalho.

— Obrigada — digo a ela, porque não sei mais o que dizer.

— Você está bem? — ela pergunta, olhando para trás em direção à porta pela qual Christian saiu. Christian Cole. Destruidor de corações. Christian Cole. Um pai. Embora eu saiba que Ari é filha dele, meu coração não sabe como processar isso. Eu tinha motivos para tirar Christian da minha cabeça antes, mas agora, agora estou mais motivada do que nunca. Preciso tirá-lo do meu pensamento. Tirá-lo da minha mente.

Balanço a cabeça, decidindo optar pela honestidade, porque mentir não

apaga o olhar no meu rosto e as lágrimas que ela já viu.

— Na verdade, não.

Ela me dá um sorriso simpático.

— Você quer falar sobre isso?

Dou um sorriso triste para ela.

— Francamente, não — repito.

Hannah assente.

— Entendi totalmente. Bem, a escola encerrou o expediente, então você deve ir para casa. Compre um sorvete, assista a um filme e chore.

— Isso soa como um bom plano — digo a ela, continuando a sorrir, mesmo com a dor.

— O que você ainda está fazendo aqui?

Aponto para os papéis na minha

mesa.

— Eu tenho trabalho a fazer. — Na verdade, não, mas eu odiaria ser a primeira pessoa a sair.

— É uma escola primária. Nada na sua mesa é tão importante que você não possa fazer amanhã — diz ela, lembrando-me das palavras da minha melhor amiga.

Cara, eu realmente queria que Emely estivesse aqui. Ela saberia como me fazer melhorar, como fazer doer menos. Ou pelo menos como me fazer esquecer temporariamente.

— Você está certa — respondo, cedendo. Eu não conseguiria trabalhar mais do que com tudo o que acabei de descobrir. Minha mente não conseguirá



pensar em passeios escolares ou danças agora. Tudo o que ela continua repetindo é Christian e o fato de ele ter uma filha de seis anos que afirma não ter sido resultado de uma traição.

Saio do estacionamento da escola em direção à minha casa. A ideia de ter que voltar a esse lugar todos os dias parece menos emocionante agora que sei que a filha de Christian é uma das minhas alunas. Por um breve segundo, penso em como será conhecer a mãe de Ari, a mulher na vida de Christian, mas tento não pensar nisso. Não quero começar a chorar novamente. Preciso manter as lágrimas sob controle.

Ligando o rádio, começo a cantar todas as músicas que tocam, pulando as que me lembram dele. Toco os hinos, as músicas que me fazem sentir poderosa. Viva. A única música que não pulo, quando toca por coincidência, é *Before He Cheats*, de Carrie Underwood. Eu queria ser uma dessas garotas vingativas. O tipo de garota que pega um bastão e destrói o carro de um cara.

A última coisa de que preciso é uma manchete sobre uma diretora de escola enlouquecendo e sendo acusada de destruição de propriedade. Melhor gritar as palavras dentro do meu carro do que me arrepender de minhas ações em uma cela. Repito a música, ouvindo-a várias vezes até chegar à minha casa.

Sentindo-me esgotada emocionalmente, estaciono o carro e entro na minha casa. Quando voltei para Forest Pines, sabia que havia uma chance de encontrá-lo. Parte de mim odiava essa ideia, mas uma parte menor tinha alguma esperança. Esperava que pudéssemos pelo menos conversar. Que ele me explicasse o que aconteceu seis anos atrás.

Foi tolice da minha parte pensar que uma explicação tornaria as coisas melhores.

Eu apenas pensei brevemente sobre ele ter seguido em frente. Sempre havia a possibilidade de ele ter conhecido outra pessoa. De ter se apaixonado por outra garota. Sempre pensei que havia

uma chance de ele ter se estabelecido e ter uma família. Nunca em um milhão de anos eu esperaria que a família dele tivesse começado quando ainda estávamos no ensino médio.

Bato a porta atrás de mim e vou direto para a cozinha. Tirando os sapatos, pego o sorvete de pistache do freezer e uma colher. Andando até a sala, pego o controle remoto da TV e a ligo. Deito no sofá, com meu cobertor cobrindo minhas pernas, e procuro, sem pensar, na Netflix, a próxima coisa que me impedirá de pensar.

Quando finalmente encontro algo que nunca assisti antes e que não me fará lembrar do dia de hoje, aperto play. Passo as próximas horas comendo meu

sorvete direto do pote, tentando pensar na trama do filme e não na trama da minha vida.

Forest Pines é uma cidade pequena.

As pessoas se cruzam o tempo todo.

Considerando que a filha dele é uma aluna da escola da qual sou diretora, as chances de eu encontrar com ele e sua família aumentaram.

Eu serei profissional. Cortês. Vou tratá-lo como qualquer outro pai. Como se eu não o conhecesse. Acho que a realidade é que, se meu Christian foi capaz de ter uma filha na mesma época em que estávamos juntos, então eu realmente não o conheço.

Duas lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas eu as limpo imediatamente. Já

chorei o suficiente por Christian Cole. Não vou mais me permitir chorar. Com essa resolução, decido fazer a coisa mais saudável que poderia fazer. Empurro meus sentimentos profundamente para dentro de mim, esperando que eles desapareçam.

Embora eu saiba que não vai adiantar.

Porque se há uma coisa que eu sei é que sempre amarei Christian Cole. Eu o amei no passado, mesmo depois que ele partiu meu coração. E o amarei com todos os pedacinhos que ele deixou para trás.



## *CHRISTIAN*

— Vejo você amanhã, treinador —  
o último aluno diz enquanto passa pelo  
meu escritório e sai do vestiário.

— Até logo — digo a ele quando  
finalmente registro suas palavras,  
sabendo que ele provavelmente não

ouviu a minha resposta.

Treino suado hoje. Corroeu-me. Não pude evitar. Se este não fosse um novo emprego, um trabalho que eu estou tão interessado em manter, iria direto para um bar e beberia até não lembrar o meu nome... ou o dela.

AMARI ESTÁ DE VOLTA.

Ela voltou e aposto que agora me tem em mais baixa conta do que antes. Sei que sim. Ela acha que eu a traí, o que nunca faria com ninguém. Ela está errada sobre isso. Mas o fato de eu não tê-la traído não melhora o que fiz.

Dormi com alguém semanas antes de me envolver com Amari.

Eu engravidei essa pessoa.

Deixei a garota dos meus sonhos



sem explicar o motivo.

Acho que minha crença de que não valia uma segunda chance a fez acreditar que eu pensava que ela não merecia uma explicação.

Imaginei correr para Amari um milhão de vezes. Pensei em cada palavra que diria. Como me ajoelharia e imploraria para que me perdoasse por ser estúpido. Imploraria para que me aceitasse de volta.

Eu até pensei sobre como seria o encontro das mulheres mais importantes da minha vida. Como eu as apresentaria... Nunca em meus sonhos mais loucos pensei que isso realmente aconteceria. Irônico que as duas tenham se conhecido sem que eu tivesse nada a

ver com isso.

Eu me pergunto como será para Amari. Ela é a diretora da escola da minha filha. Verá minha filha nos corredores e pensará nela como um lembrete diário do porquê de eu tê-la deixado sem explicação.

Aposto que ela não compreendeu outra coisa. Ela provavelmente não percebeu, provavelmente cega pela raiva de mim, que ela e minha filha têm nomes semelhantes. Que eu batizei minha filha em homenagem a ela. Provavelmente não foi a coisa mais sensível a se fazer, para a mãe de Ari, mas eu tinha uma escolha e a segui. Amari e Ari.

Minha mente viaja para a lembrança

de quando decidi o nome da menina que se tornaria toda a minha vida.

— Como você quer chamá-la? — Katie me perguntou enquanto eu trabalhava na construção de um berço. O quarto de Ari era o único cômodo da casa que tinha algum móvel naquele momento. Eu não tinha dinheiro e ter que encontrar um lugar para morar foi o primeiro problema que enfrentei. Não queria morar na casa da minha mãe. Se fui homem o suficiente para trazer uma criança ao mundo, precisava ser homem o suficiente para me virar sem depender dela. Depois que consegui um lugar, não pude guarnecer tudo de uma vez. Ao contrário de mim, Katie tinha dinheiro, mas seus pais não queriam que ela

construísse seu futuro comigo. Não é que fossem obrigados a contribuir, já que Katie não iria morar comigo. Minha filha moraria, mesmo que eu não soubesse na época, e me certificaria de que ela tivesse tudo o que precisava.

— Você quer que eu escolha? — perguntei a Katie, ansioso para que ela me desse esse privilégio. O bebê estava quase nascendo, e não fora uma gravidez fácil. Ela gritou comigo. Magoou-me. Eu sabia que, no fundo, ela me odiava por tê-la colocado nessa situação. Eu também me odiava, mas por diferentes razões.

Ela assentiu.

— Sim, eu realmente não tenho ideia. Não é como se eu estivesse

planejando ter um filho aos dezenove anos.

Eu também não.

— Deixe-me pensar... — Eu não tinha pensado em nenhum nome de criança. Não imaginava que colocaria o nome dela. Por outro lado, às vezes eu sentia que era o único que se importava com o teríamos em breve. Acho que, no final das contas, eu estava certo.

— Não se apresse — ela me disse enquanto me observava montar o berço. Os tornozelos estavam inchados, os olhos cansados e a barriga estava tão grande que não achei que pudesse ficar maior. Nossa filha estava a apenas algumas semanas de distância, então o nome não era realmente algo que

podéssemos continuar evitando.

— E Ari? — eu perguntei. Katie não sabia nada sobre Amari porque nunca se conheceram. Elas não frequentavam os mesmos círculos e nem a mesma escola.

— Ari? Como Ariana? — ela perguntou. Eu balancei minha cabeça.

— Na verdade, não.

— Como Ariel? — ela perguntou, mais uma vez tentando descobrir para onde eu estava indo com isso.

Ari, como Amari, era o que eu queria dizer. Mas não achei que fosse possível obrigar a garota que engravidei a homenagear a garota cujo coração parti e que eu amava no nome da nossa filha.

— Apenas Ari.

Ela encolheu os ombros.

— Parece bom para mim. Que tal um nome do meio?

— Esse é com você — eu disse. Seria ela quem teria mais trabalho, não queria tirar dela a chance de dar algum nome à nossa filha.

— Nenhum nome do meio, então — afirmou ela e, em seguida, pegou o telefone, efetivamente encerrando a conversa.

*ARI COLE.* Esse é o nome da minha filha. A FILHA que eu desejei ter tido com Amari.

Era para ser a nossa família.

*AMARI COLE.*

*Ari Cole.*

*Christian Cole.*

Uma casinha com cerca branca e tudo. Mas essa não é a realidade que estou vivendo. Em vez disso, pego-me sentado à minha mesa, pronto para bater com o punho nela, porque não consigo esquecer a maneira como Amari me olhou com nojo.

Ela não me deixou falar.

Ela não quis ouvir o que eu tinha a dizer.

Como diabos devo deixá-la em paz sabendo que está tão perto de mim?

Ela voltou para Forest Pines.

Eu sempre esperei que ela viesse visitá-los quando seus pais moravam aqui, mas nunca veio. Ela deixou a



cidade e não voltou por seis anos.

Quando seus pais foram embora, toda a esperança de que ela retornasse se foi com eles. E agora, inesperadamente, ela voltou. Eles nunca venderam a casa, então provavelmente está morando lá. Na mesma casa que entrei várias vezes sem que seus pais soubessem. A casa onde lhe roubei beijos e a fiz minha.

As lembranças me assaltam e minha respiração acelera quando percebo o quanto ainda a quero. Quanto sempre a quis. Não apenas quero, mas preciso. Seis anos se passaram e, no entanto, meus sentimentos por ela permaneceram os mesmos. Talvez estejam ainda mais fortes. Apesar da distância, encontrá-la

novamente hoje foi como se eu nunca tivéssemos nos distanciado. Isso me faz querer seguir exatamente de onde paramos. Bem, alguns dias antes disso.

Eu a amo tanto agora quanto na época, se não mais, e essa constatação me assusta porque agora que ela sabe que Ari existe, que não tenho nada a esconder, não sei se vou conseguir ficar longe.

Eu preciso que ela me dê uma chance de explicar tudo. E talvez mais do que apenas explicar.

Não mereço uma segunda chance, mas dane-se tudo, eu desejo uma agora mais do que qualquer coisa.

O problema é que ela não quer nada comigo.

*Ela me odeia.* E não posso culpá-la por isso, porque a culpa não é dela... é minha.



13

## *AMARI*

**E**u rolo da minha cama e no momento em que o faço, meu rosto encontra o chão com um estrondo alto. Abrindo os olhos em choque e dor, percebo que a razão pela qual eu caí é que eu não dormi na minha

cama. Não. Eu apaguei no sofá.

Faz todo o sentido, considerando o momento em que cheguei em casa, plantei minha bunda na frente da TV e nunca me levantei. Fico no chão por mais alguns segundos, rindo da ironia de ter caído. Já cheguei ao fundo do poço antes e, por mais que pensasse que estava acima de tudo, cair no chão inesperadamente é exatamente o que minha vida parece agora.

Gemo e finalmente me levanto do chão quando meu alarme começa a tocar. Alcançando meu telefone, eu o desligo. Deixando meus olhos se ajustarem à luz que entra pela janela da sala, checo para saber se tem alguma ligação perdida.

Egoisticamente, meu coração quer

que haja algo de Christian. Uma mensagem. Uma chamada. Qualquer coisa que me explique o que aconteceu. Algo que me garanta que eu estava errada. Que o que eu acho que aconteceu não é verdade. Eu sei que isso nunca vai acontecer. Não apenas porque não há como ele se explicar pelo fato de ter uma filha, mas também porque mudei meu número.

Eu esperei pelo telefonema dele por meses após o rompimento. Anos até.

Desesperadamente, mandei mensagens para ele para descobrir o que havia acontecido. Acho que devo ter mandado mensagens todos os dias após o término pedindo uma explicação. A coisa toda me pegou de surpresa, e eu só

queria que ele me ajudasse a entender.

Por insistência de Emely, e sob sua supervisão, comecei a enviar mensagens cada vez menos. Mas, ainda assim, toda vez que meu telefone tocava com uma notificação, meu coração disparava com o pensamento de que poderia ser ele. Que iria voltar para mim, pedir desculpas e me dizer que estava errado por partir meu coração.

Todas as notificações recebidas por meses me faziam esperar que minha angústia terminaria e que nós dois voltaríamos a ficar juntos. Eu esperava que ele se arrependesse ao se lembrar dos objetivos que estabelecemos juntos.

Com o passar dos dias, percebi que a mensagem ou a ligação nunca

chegariam. Isso não me impediu de esperar todos os dias. Ainda assim, ele nunca atendeu. Nunca respondeu a uma mensagem. Nunca se incomodou em lê-las. Para me impedir de surtar toda vez que recebia uma notificação, mudei meu número. Fiz isso em parte porque estava chateada com ele. Dei-lhe muito tempo para me ligar, e ele não o fez, então mudar o meu número seria a minha maneira de dizer que não iria esperar mais nada. A verdadeira razão para mudar meu número era que parte de mim queria acreditar que, em algum momento nesses seis anos, ele perceberia que estava errado e iria me ligar. Acho que doeria mais manter o mesmo número e isso nunca acontecer. Dessa forma,



poderia me convencer de que estava me ligando todos os dias esperando que meu telefone fosse conectado novamente. Que seria ele a aguardar ao lado do telefone pelo dia em que este tocaria e meu nome apareceria em sua tela mais uma vez.

Agora eu sei que não foi o caso.

Enquanto eu lamentava nossos sonhos, ele estava construindo sua família. Criando sua filha. Fazendo Deus sabe o que mais.

Sento-me na minha cama com o telefone nas mãos e o passado na cabeça. Só quando recebo uma mensagem de Emely que percebo quanto tempo fiquei perdido em meus pensamentos. Preciso começar a me

preparar para o trabalho.

**Emely:** Acabou o fim de semana! Estou indo te ver em breve.

**Emely:** Uau. Sem resposta.

**Emely:** Você nem leu a mensagem.

**Emely:** Você provavelmente adormeceu, não foi?

**Emely:** Puxa, você está ficando tão velha.

**Emely:** Eu sinto que estou parecendo desesperada, então vou deixar você em paz esta noite. Envie-me sinais de vida pela manhã.

**Emely:** Te amo!

Eu sorrio com a série de mensagens que minha melhor amiga deixou para mim. O sorriso desaparece do meu rosto no momento em que percebo que vou ter que contar tudo a ela. Não quis falar sobre isso ontem à noite porque queria esquecer. Mas não há como esquecer com ele estando tão perto. Com a filha dele sendo uma das crianças com quem trabalho.

Talvez ele a tire da escola agora que sabe que estou trabalhando lá... talvez sua namorada, esposa, seja o que for, não queira sua filha na mesma escola que sua ex-namorada.

Então, novamente, talvez ela não se importe. Eu claramente não fui tão importante para Christian quanto

pensava, então talvez ele nunca tenha me mencionado.

Afastando esses pensamentos da minha cabeça, vou até o chuveiro e começo a me preparar para sair. Eu tenho um trabalho a fazer. Sou uma mulher e prometi a mim mesma que nunca deixaria um cara entrar na minha vida e rasgá-la em pedaços. De novo, não. Não como antes.



Eu pensei em ligar para Emely no meu caminho para o trabalho como fiz ontem, mas desisti. A última mensagem dela chegou às 2 da manhã e ela provavelmente ainda está dormindo. É a

isso que tento me convencer, mas a verdade é que sou covarde e não quero desmoronar novamente. Sei que se ligar para ela e contar o que aconteceu, não vou conseguir me impedir de chorar novamente e me recuso a fazer isso. Em vez disso, opto por executar minha rotina diária como se nada tivesse acontecido. Hoje, não recebi notícias devastadoras, como ontem.

Toda vez que Hannah entra no meu escritório, ela me dá um olhar interrogativo. Ela permanece na porta. Olha para trás duas vezes toda vez que sai da sala. Eu posso dizer que está preocupada. Ela não me conhece, mas sabe que mal estou suportando. Espero que seja realmente boa em mergulhar

profundamente nas emoções das pessoas e não que minha angústia esteja escrita no meu rosto. Ela parece mal saber o que fazer comigo. Mesmo sem me conhecer, sei que se importa o suficiente para se certificar de que estou bem, mas não vai me pressionar por respostas.

Para que saiba que não vou desmoronar, sorrio toda vez que ela entra e sai do meu escritório. Respondo seus olhares questionadores com acenos de cabeça tranquilizadores. Tento mostrar a ela que estou bem, mas sei que não acredita em mim. Ainda assim, espero que quanto mais eu sorrir na direção dela, mais ela começará a comprar minha atuação... mais eu vou começar a sentir que realmente vou ficar

bem.

Terminando a papelada na minha mesa, olho para o relógio e percebo que já é meio-dia. Estou fazendo um grande progresso, que é uma consequência de não querer ter espaço em minha mente para pensar nele. Nesse ritmo, hoje vou terminar toda a papelada que esperava terminar na próxima semana.

Uma ligeira batida na porta chama a minha atenção. Aposto que Hannah está me checando de novo...

— Entre — eu instruo. A cabeça de Hannah surge na porta.

— Você tem alguém aqui que quer vê-la — ela me diz.

Juro que sinto meu coração parar de bater.

— Quem? — eu pergunto, limpando minha garganta.

— Sou eu — a cabecinha de Ari também surge na porta.

Hannah abre o resto do caminho, e Ari entra.

— Oi — ela começa a entrar e se sentar no assento que ocupou ontem. Eu a observo e não acredito que não percebi antes. Antes de Christian entrar. Ela se parece muito com ele. Cópia em carbono. Os olhos dela são os dele. E sua confiança enquanto caminha me lembra a dele. Não é à toa que fui imediatamente conquistada por ela. Não é à toa que senti que me lembrava alguém que eu conhecia.

Eu pigarreio quando percebo que



não respondi.

— Oi, Ari. Como você está?

— Estou bem, como você está? — ela pergunta. Não abre um sorriso, apenas fica sentada do outro lado da mesa como se fosse uma reunião de negócios. Não consigo deixar de sentir que fui eu a ser chamada para o escritório da diretora, como se estivesse em apuros.

Quero contornar a mesa e me sentar ao lado dela, mas meus pés estão colados no chão. Eu não consigo me mexer. Não consigo me aproximar dela porque meu coração não aguenta.

*Ela poderia ser minha filha. Nossa filha.*

*Se ao menos...*

— Você não se meteu em mais brigas, não é? — eu pergunto, afastando minhas emoções e fazendo o meu trabalho.

— Era sobre isso que eu queria falar com você. — Muito segura como sempre, Ari cruza os braços contra o peito. — Gostaria de saber se você lidou com isso — diz ela. Vasculho meu cérebro, mas não me lembro de com o que deveria ter lidado.

— Lidou com o quê? — pergunto.

— Você disse que lidaria com a situação. Do garoto que me empurrou. Só estou querendo se saber se você já falou com ele.

Ah, sim! O outro garoto. Eu definitivamente ainda não conversei com

ele. Nem me lembro qual é seu nome. Muitas outras coisas ocupam todo o espaço em minha mente. Bem, nem tantas coisas assim, apenas uma. *O pai dela*. — Eu ainda não fiz isso. Mas eu vou — digo a ela.

— Você promete? — ela pergunta, seus olhos derretendo o frio que me envolve.

— É o meu trabalho. Vou lidar com isso. Mas lembre-se, nada mais de brigas!

— Eu não vou bater em ninguém se não me baterem primeiro. — Mais uma vez, o desafio em seus olhos me lembra seu pai, uma qualidade que o metia em problemas com frequência, mas que me fazia amá-lo cada vez mais.

— Garantiremos que ele não te empurre novamente. Mas você pode me fazer uma promessa?

— Depende — suas palavras me fazem dar o primeiro sorriso genuíno desde que meu mundo desabou.

— Justo. Se alguém bater em você, antes de revidar, pode vir até mim primeiro? — Eu não gostaria que ela se metesse em problemas, mas não há muito que eu possa fazer se ela tentar resolver o assunto por conta própria.

— Quer saber de uma coisa? — ela pergunta, seus dedinhos tocando seu queixo como se estivesse pensando muito nas minhas palavras. — Você parece ser uma pessoa legal o suficiente. Vou contar para você primeiro.

— Ótimo! Vou falar com o garoto hoje e com os pais. Vou garantir que isso não aconteça novamente. Obrigada por confiar em mim.

— Meu pai confia em você — diz ela, suas palavras fazendo meu sorriso desaparecer quando o sentimento de desgosto completo e absoluto retorna.

— Por que você diz isso? — eu pergunto, forçando a pergunta a sair da minha boca.

Ela se levanta do assento.

— Conversamos sobre ontem. Ele disse que se alguém for mau comigo ou me bater, eu sempre posso vir até você. Que você é o tipo de pessoa que sempre ajuda os outros. — Como se isso valesse de alguma coisa. Sempre o

ajudei e foi ele quem me deixou.

Mas quero ajudar a filha dele.

— Seu pai está certo! — digo a ela. Concordar com ele parece estranho, mas faço isso de qualquer maneira.

— Ele também me disse para não entrar em brigas ou me meter em problemas. Que devo ser uma boa garota. Falando em ser uma boa garota, tenho que ir para a aula — ela diz enquanto se levanta da cadeira, acena em despedida e sai da sala.



## *AMARI*

**E**u passo o dia no trabalho sem chorar. Orgulhosa de mim mesma por ter me controlado, digo adeus a Hannah e sigo o meu caminho em direção ao estacionamento.

No momento em que estou quase

chegando à porta do carro, meu telefone toca. Alcanço o bolso do blazer, pego o aparelho e vejo o nome de Emely exibido na tela. O telefone toca mais algumas vezes na minha mão enquanto tento descobrir se quero atender ou não.

Ela saberá que a estou ignorando se não atender. Mas se atender e ela perguntar como estou, vai perceber.

Eu decido que tenho que atender e acabar logo com isso. Ela é minha melhor amiga, afinal.

— Oi — eu digo, atendendo ao telefone, segurando-o com o ombro, enquanto faço malabarismo com a bolsa em uma das mãos e abro a porta com a outra.

Sento-me do lado do motorista, jogo



minha bolsa no banco traseiro, seguro o telefone com a mão e ligo o carro.

— Você está aí? — ela pergunta.

O Bluetooth transfere a chamada para o carro no momento em que o ligo.

— Sim. Desculpe! Eu estava entrando no meu carro e não tinha mãos suficientes.

— Então você não ouviu nada que eu falei? — ela responde, e eu posso perceber que ela está irritada.

Assinto, embora ela não possa me ver.

— Não.

— OK, bem. Estarei na sua casa neste fim de semana.

— O quê? — Não saio do estacionamento enquanto falo com a

minha melhor amiga para poder manter o foco na conversa em questão.

— Eu tenho uma folga... então vou até você! — ela grita.

— Sim, eu li sua mensagem — digo a ela, tentando parecer animada ao poder rever minha melhor amiga, mas sabendo que no momento em que ela chegar aqui... saberá. Além disso, teremos a dança da escola no domingo.

— Você claramente precisa de mim aí.

— O que te faz dizer isso?

— Sou sua amiga há anos. Sei dizer quando você está mentindo para mim. Quando está tentando me ignorar ou escondendo alguma coisa.

— Eu não estou...

— Nem tente me enganar. Não vou forçar você a me contar tudo o que está acontecendo por telefone, mas precisa me contar. Quando chegar aí, podemos tomar sorvete, assistir TV e conversar sobre tudo.

— Christian está aqui — digo a ela, descobrindo que não tenho escolha além de dizer a verdade. Apesar de achar que não a quero aqui agora... porque quero processar tudo sozinha, a verdade é que preciso dela. Preciso de uma amiga, especialmente uma que entenda o que essa descoberta me causou.

O quanto dói. O quanto isso ainda me destrói.

O silêncio do outro lado da linha parece durar para sempre antes que ela

fale novamente.

— Como você está? — ela pergunta.

— Estou bem.

— Amari — ela começa, mas eu a impeço.

— Estou tão bem quanto poderia estar. Há muito mais coisas, mas não estou disposta a contar por telefone. É demais para assimilar.

— Tudo bem — diz ela, e eu posso ouvi-la suspirar. *Lá vamos nós outra vez*, ela deve estar pensando. — Você o viu?

— Sim eu o vi.

— Ele te viu? — ela pergunta, e eu percebo que não quero ter essa conversa agora. Não quando o dia de hoje passou relativamente bem.

— Sim, ele me viu.

— Foi por isso que não tive notícias suas? — Com todas as perguntas que Emely está fazendo, ela deveria seguir uma carreira como jornalista.

— Sim, não estava com vontade de falar. Não conseguiria, com o tanto que chorei — digo. — Escute, vou desligar por enquanto, mas te vejo em dois dias e tentarei ligar mais tarde. — Emely é inteligente o suficiente para saber quando eu quero que uma conversa termine. Ela sabe o porquê também; me conhece o bastante para saber que se eu continuar falando, vou chorar como louca. Odeio o quão frágil sou quando se trata dele.

— Ligue para mim se puder... se

quiser. Sabe que estou aqui para você — ela responde.

— Eu sei.

— Eu amo você, Amari — ela me diz.

— Eu também te amo — digo a ela.

— Te vejo em breve.

— Até mais — respondo e depois desligo o telefone.

Começando a dirigir, saio do estacionamento da escola. Ligo o rádio e a música começa a tocar... aumento o volume. Canto alto as letras de todas elas, segurando-me em qualquer coisa que mantenha os outros pensamentos afastados. Uma música de amor começa a tocar, e eu instantaneamente mudo para a próxima estação.

Ao parar na frente da minha casa, lembro que preciso fazer compras antes de ficar sem nada novamente. Além disso, com Emely chegando, a geladeira precisa ser abastecida. Aquela garota adora comer.

Afasto-me da minha casa e vou em direção ao supermercado. Demoro cerca de uma hora para chegar lá. Quando estaciono, sinto minhas mãos suarem. Minha mente imediatamente se pergunta quais são as chances de eu me deparar com ele aqui. Convenço-me de que elas são muito baixas, que ele não iria ao supermercado na segunda-feira de maneira alguma.

*Levo 20 minutos para pegar tudo que preciso da loja e saio. O*

supermercado mudou de proprietário e os caixas são tão jovens que tenho certeza de que provavelmente estavam no ensino fundamental quando eu estava me formando, então eu não reconheço ninguém lá e ninguém me reconhece. Coloco todas as sacolas no porta-malas do meu carro e vou embora.

*Estou a dez minutos de minha casa quando o rádio desliga.* Continuo dirigindo, imaginando como isso é possível quando de repente as luzes do painel se apagam. Com medo de que algo esteja errado com meu carro, pego a primeira saída da estrada. Não é a que eu normalmente tomo, mas ainda me levará ao mesmo lugar.

Quando saio da rampa, paro na beira



da estrada principal. Desligando o carro, salto e começo a andar ao redor dele. Tento descobrir o que pode haver de errado. Começo a rir de mim mesma, porque não sei nada sobre carros e não seria capaz de descobrir o problema nem se minha vida dependesse disso. Quero dizer, tudo o que sei é que o rádio e as luzes estão desligando.

— O que quer que seja, provavelmente não é sério — digo em voz alta, na esperança de que seja o certo. Então, volto para o carro, coloco o cinto de segurança e viro a chave. — Você está brincando comigo?! — grito quando percebo que o carro não está pegando. — Talvez eu não devesse tê-lo desligado — digo a mim mesma

novamente, como se isso fosse me ajudar.

Tento girar a chave repetidamente, mas nada acontece. Nenhum som de clique. Nenhuma indicação de que o carro percebe que existe uma chave lá.

Não. Nada.

Pego a chave e tento novamente.

Ouçó um pequeno som no fundo, mas depois de alguns segundos nada acontece.

Tirando as chaves do carro completamente, salto novamente e olho em volta, para quê? Não tenho a menor ideia. Não é um carro velho, não deveria estar me causando problemas, como nunca aconteceu antes. Mas acho que merdas acontecem em combo, então

por que não continuar adicionando complicações à minha vida? Por que não me derrubar novamente quando já não estou me sentindo bem?

Volto a entrar no carro, faço uma pequena oração e tento a chave mais uma vez. Quando a resposta do carro é nula, fico cada vez mais frustrada.

Que merda!

Eu procuro na minha bolsa o meu telefone para que possa pesquisar no Google a oficina mecânica mais próxima, o caminhão de reboque ou o que for. O seguro não vai me ajudar aqui. Forest Pines é uma cidade pequena e tudo o mais, e mesmo que isso acontecesse, levaria algumas horas para eles chegarem. Eu não tenho tempo para

isso.

Eu mencionei que quando merdas acontecem em combo? Bem, deixe-me dizer de novo... a vida tem um jeito de te dar um chute enquanto você está no chão, porque no momento em que pego meu telefone, ele faz o que minhas luzes de rádio e painel fizeram – ele desliga. Literalmente, no momento em que o desbloqueio, ele mostra o símbolo de bateria fraca e depois fica escuro.

Tento ligá-lo novamente, mas a maldita coisa se recusa a voltar à vida. Jogo minha cabeça no encosto de cabeça do banco e rio.

— Sério?! — eu pergunto a quem quer que esteja enviando todo esse karma ruim para o meu caminho

Eu fico no carro por alguns minutos tentando pensar em minhas opções. Acho que deveria esperar alguém passar e me ajudar. Sei como chegar em casa daqui. É uma caminhada longa, mas não seria uma péssima ideia. Eu poderia ir para casa e usar o telefone de lá, do qual meus pais não querem que eu me desfaça, enquanto o celular carrega, para ligar para um caminhão de reboque.

É isso que vou fazer, eu decido. Vou para casa e ligar para que alguém venha pegar meu carro para descobrir o que há de errado com ele.

Com minha decisão, abro o porta-malas e tiro a sacola de compras com o sorvete. Para piorar, ainda terei que comer sorvete derretido. Não, será só

uma caminhada para casa. Tenho certeza de que ele pode sobreviver até lá. É outono, de qualquer maneira, a temperatura não está tão quente, não é?

Tranco as portas e começo a andar na direção da minha casa.

*CHRISTIAN*

Saio da estrada e reduzo minha velocidade. São 18hs, e, depois de treinar por três horas, estou pronto para tomar um banho e dormir. Felizmente, Ari esta noite ficará na casa de sua avó, que a levará para a escola amanhã de

manhã. Posso literalmente ir direto para o chuveiro e depois para a cama. Com isso em mente, decido pegar a estrada em vez da rota habitual.

Tomando a saída em direção à minha casa, diminuo a velocidade quando vejo um carro no lado direito da estrada. Não há luzes de alerta acesas e, enquanto dirijo, olho na direção para garantir que todos estejam bem. Sei que não há passageiros, o que imediatamente me diz que alguém o deixou para trás por qualquer motivo. Talvez tenham ficado sem gasolina?

Estaciono na beira da estrada em frente ao veículo e saio da minha caminhonete. Dou uma volta completa no veículo para ver se há algum dano

físico, mas não vejo nenhum. Os pneus parecem bons e não há vazamentos; portanto, eles ficaram sem combustível, a bateria parou de funcionar ou algo que não consigo diagnosticar apenas olhando. De qualquer forma, ninguém está aqui, então não posso ajudar em nada.

Voltando à minha caminhonete, volto para a estrada principal.

— Siri, ligue para a minha mãe — instruo.

O telefone toca três vezes e posso ouvi-la pelos alto-falantes.

— Oi, querido — diz ela, atendendo.

— Oi, mãe.

— Você está ligando pela Ari?



— Você tem o meu maior tesouro em suas mãos — digo a ela. Ari é a pessoa mais importante da minha vida e, a todo momento, quando não estou com ela, rezo para que ela esteja bem. Ela é o meu tudo.

— E eu cuido muito bem dela — ela responde.

— O que vocês fizeram hoje? — pergunto, ganhando velocidade.

— Eu a peguei na escola... — ela começa, parando o suficiente para me fazer adivinhar a próxima parte de sua frase. — Então fomos tomar sorvete. — Eu sabia!

— Você não pode continuar levando-a para tomar sorvete, mãe! Ela vai ter cáries ou algo assim.

— Uma vez por semana parece ser um bom número de vezes para tomar sorvete com a vovó — minha mãe retruca.

— Vou te culpar por qualquer coisa que o dentista disser.

— Pela minha neta, eu assumo a culpa.

— Posso falar com ela?

— Claro, um segundo. — Ouço minha mãe chamar Ari e, enquanto espero, percebo que começou a chover e que o sol está longe de aparecer.

Quando Ari chega ao telefone, a garoa se transforma em um aguaceiro e não há nada além de nuvens no céu. Ligando os pára-brisas, presto muita

atenção na estrada à frente.

— Oi, papai — a voz da minha filha aparece no alto-falante.

— Oi, princesa, como você está?

— Eu estou bem. Vovó me levou para tomar sorvete — ela diz alegremente.

— Eu sei, vou ter que parar de deixar vovó te buscar — digo a ela, tentando obter uma reação.

— Por favor, não. Gosto quando a avó me pega.

— Claro. Com todo o sorvete que ela te dá, não vejo por que você não gostaria — digo a ela. Enquanto dirijo, vejo uma mulher com uma bolsa na mão andando do lado direito da estrada. Aposto que é a dona do carro que

encontrei antes. — Filha, eu ligo para você assim que chegar em casa. Lembre-se de se comportar.

— Sempre lembro, papai.

— Falo com você mais tarde, eu te amo.

— Eu também te amo. — Desligo o telefone e chego mais perto da mulher que anda na beira da estrada.

Abaixando a janela do lado do passageiro, buzino.

— Ei, aquele carro lá atrás é seu? — eu grito. Ela para de andar, mas não responde, então eu tento novamente, mais alto desta vez. — Aquele carro lá atrás é seu? — Tenho certeza de que um estranho que está desacelerando no meio da noite ao lado de uma mulher

claramente sozinha e na chuva não parece ideal, mas só estou tentando ajudar.

Ela se vira e, quando seus olhos encontram os meus, entendo por que não me respondeu de primeira.



15

*AMARI*

— **A**quele carro lá atrás é seu? — ele pergunta, repetindo-se. Quando ouço a voz dele novamente, sei que não me enganei da primeira vez. Eu posso reconhecê-la em qualquer lugar, mesmo agora.

Eu respiro fundo e me viro. Odeio não poder recusar. Ignorá-lo. Odeio que, apesar do quanto ele me machucou, não consigo parar de responder à sua voz.

Se ele tivesse me ligado antes, na faculdade, eu atenderia.

Eu o deixaria se explicar.

— Amari — meu nome escapa de seus lábios no momento em que ele vê meu rosto.

Assinto, confirmando que sou realmente eu. Então, continuo andando. Preciso ser mais forte do que a força que ele tem sobre mim. Agora estou mais velha, devo estar mais sábia, o suficiente para saber que ele não me fará bem; ele me disse isso anos atrás.

A chuva aumenta como se estivesse

pegando pistas de como meu coração se sente. Acho que é minha culpa por ter dito que merdas acontecem em combo.

— Amari — ele diz novamente, e pela proximidade de sua voz e dos faróis do carro, posso dizer que está me seguindo. Faltam apenas mais alguns minutos para chegar em casa, quinze no máximo. Logo poderei chamar o guincho para o meu carro e levá-lo de volta para minha garagem. Vou conseguir consertar tudo. Tudo menos eu mesma. Nós.

— Caramba, Amari. Está chovendo. Deixe-me te dar uma carona.

Balanço a cabeça. Não, obrigada. Prefiro andar com os pés descalços do que entrar em um carro com ele. Em última análise, terá o mesmo efeito, dor



e sofrimento.

— Por favor. Você está andando na beira da estrada, o que não é seguro. Está chovendo. Você pode ficar doente ou ser atropelada. Apenas me deixe te levar para casa — ele implora.

— Estou bem — respondo e continuo caminhando pela estrada, a água me acertando direto no rosto.

— Eu sei que você me odeia, mas deixe-me pelo menos te dar uma carona para casa. Você pode me odiar de dentro do carro. — *Odiá-lo*. Eu não o odeio. Gostaria que fosse o caso. Tudo seria muito mais fácil se eu o odiasse. Mas o que sinto por ele está muito longe do ódio.

— Não! — eu grito de volta,

esperando que isso o faça recuar.

— Droga! — ele diz de novo e então eu olho para trás, para sua caminhonete enquanto ele se afasta. Estou decepcionada e percebo que gostaria que ele continuasse tentando. Naquela época e talvez até agora. Espero que as luzes traseiras dele desapareçam da minha vista, que me abandone como fez no último ano, mas não. Em vez disso, vejo o carro dele a alguns metros de distância. A porta do lado do motorista da caminhonete se abre, e ele sai dela.

Eu desacelero minha caminhada. Não quero me aproximar do carro dele. Quero que ele vá embora e me deixe em paz, como fez antes. Se eu o ignorar, ele irá embora.

Em vez de ficar ao lado de seu carro, Christian começa a correr em minha direção. Embora seu carro esteja estacionado pelo caminho, ele leva o que parecem segundos para chegar até mim. Eu paro quando ele diminui a distância entre nós. A chuva cai sobre ele, molhando seu rosto e roupas. Ele está vestindo uma jaqueta de futebol da Bragan High School que agora está grudada em seu corpo.

Ele se coloca a poucos centímetros de mim.

— Amari — diz ele, já encharcado. Eu me pergunto como devo parecer. Tenho certeza de que meu cabelo está grudado no meu rosto. Felizmente, sei que não há maquiagem borrada porque

não passei nada hoje, então sei que não há marcas de rímel.

— O que foi? — eu pergunto, evitando-o e seguindo em frente. Ganho velocidade. Quanto mais rápido eu andar, mais cedo estarei em casa e poderei me afastar dele.

Sua mão toca meu braço, e eu recuo. Paro de andar e me viro para encará-lo.

— Por favor — ele diz de novo e a maneira como me olha me faz querer dar a ele tudo o que pedir.

Mesmo com a água fria batendo no meu corpo, sua mão está quente na minha pele.

— Por favor, o quê?! — Saio do meu devaneio. Afasto a mão dele e começo a andar novamente.

Ele se move rapidamente e se coloca na minha frente em segundos. Nós dois ficamos parados na beira da estrada, de frente um para o outro. É um duelo de vontades. Ele não vai recuar, e eu não vou desistir. De novo, não.

— Amari — ele começa e fecha os olhos. Quando os abre, sinto que está tentando me dar uma abertura para que eu perceba o que está sentindo. — Só me deixe levá-la para casa. — Posso ouvir a vulnerabilidade em sua voz. Posso ver a intensidade em seus olhos.

— Eu posso andar — respondo, tentando manter a resistência que ele está diminuindo lentamente.

— É o mínimo que posso fazer depois de... — ele começa, mas não

consegue dizer as palavras.

Dou um passo para trás, adicionando algum espaço entre nós.

— Você realmente pensa que me levar para casa pode compensar todo o dano que me causou?

Ele passa os dedos pelos cabelos curtos molhados.

— Não, eu não acredito nisso.

Eu tento argumentar com ele.

— Não estou longe de casa. Posso andar pelo resto do caminho.

— Ficarei aliviado se souber que você chegou segurança, se eu te levar. Posso até ajudar a consertar seu carro — ele insiste.

— Quando você se tornou mecânico? — Não sei por que faço a

pergunta, mas o sorriso em seu rosto parece gratificante, mesmo que não devesse ser.

— Sempre serei o que você precisar que eu seja — diz ele com um tom sincero. Mas suas palavras não me enganam.

— Isso é irônico... — digo sarcasticamente, balançando a cabeça.

Ele respira exasperado.

— Apenas deixe-me levá-la para casa.

Cruzo os braços contra o corpo, a água escorrendo pelo meu rosto.

— O que acha disso? Por que você não faz o que já fez antes e me deixa em paz?

Não me passa despercebido que

minhas palavras o fazem recuar. Internamente, sinto orgulho por conseguir machucá-lo também, mesmo que só um pouco.

— Prometo que vou parar de incomodá-la se me deixar levá-la para casa.

Eu dou um passo para longe dele mais uma vez.

— Amari — diz ele atrás de mim, e a agonia em sua voz rompe o gelo no meu coração... ou o gelo que eu gostaria que envolvesse o meu. A verdade é que, quando se trata de Christian, não consigo parar de sentir. Não posso bloqueá-lo completamente. É como se estivesse em uma gaiola, onde a porta está aberta, mas me recuso a escapar.



Não consigo continuar lutando contra ele.

— Você não pode me deixar em paz?  
— eu pergunto, minha voz se rompendo, traíndo toda a força com a qual pensei que tinha me armado.

— Eu não quero. Não quero que você se machuque.

Eu me viro para encará-lo.

— Eu já fui machucada.

Christian assente, ouvindo as palavras que deixo não ditas. Fechando os olhos, ele respira fundo e, quando os abre novamente, eu me pergunto se está chorando. Então eu afasto esse pensamento da minha cabeça. Por que ele choraria? Não foi ele quem saiu machucado. Fui eu.

— Me desculpe por isso. Por tudo...

— Isto não é suficiente...

— Se eu pudesse voltar...

Eu o corto.

— Você não pode.

— Me deixe te dar uma carona para casa.

— E então o quê? — pergunto.

— Então, pelo menos, vou saber que você está segura.

— Você não sabia se eu estava segura nos últimos seis anos. Por que começar a se importar comigo agora?

— Eu sabia que você estava segura, Amari. Nunca parei de me preocupar com você. — Essas últimas palavras não são verdadeiras. Claramente, ele não se importa comigo. Sei disso agora.

— Como você sabia que eu estava segura? Como é possível que se importasse comigo, como você diz, mas fazer o que fez? — questiono.

— Não importa como eu sabia que você estava segura, apenas sei que não seria capaz de dormir à noite se pensasse que você não estava. Eu sei que você não entende, e em parte é porque não quer me deixar explicar, mas eu me preocupo com você mais do que pensa.

— Não preciso da sua explicação.  
— Eu não quero mais. Faz seis anos. Não adianta me explicar nada agora, é tarde demais.

— Então você pode pelo menos me deixar te levar para casa?

— Se eu disser não, você vai me deixar em paz?

— Se você disser não — ele diz e depois solta um pequeno sorriso. — Serei forçado a te pegar no colo e jogá-la na caminhonete.

Eu seguro um sorriso. Mas desisto. Ele sabe disso no momento em que balanço minha cabeça. Segundos depois, estamos caminhando juntos para a caminhonete dele.

Hesito quando chegamos ao carro e desejo que minha casa fosse mais perto. Porque ele está certo, não é seguro andar no escuro com esta tempestade na rua. Por outro lado, se não tivesse passado os últimos vinte minutos brigando com ele, já estaria em casa.

Quando não me mexo, ele reclama exasperado. Então, inesperadamente, sua mão segura a minha e ele fala novamente.

— Você pode me odiar o quanto quiser. Tudo bem, eu mereço isso. Mas vou te levar para casa. Nós podemos ir no meu carro ou eu vou caminhar com você, ao seu lado, atrás de você. Amari, está chovendo. Você está com frio e nem está usando sapatos certos para caminhar. — Olho para os meus sapatos de trabalho que, por algum motivo, eu tinha esquecido que estava usando até agora. No momento em que ele os aponta, sinto a dor subir pelos meus pés. — A escolha é sua — ele termina.

— Só vou entrar se você prometer

não falar mais comigo — eu digo a ele.

Ele concorda.

— Farei o que você quiser que eu faça.

Eu sei que ele não vai desistir, então aceito. Quando Christian Cole põe algo em mente, quando ele tem uma missão, não desiste. Foi assim que descobri que não me amava. Se me amasse, caso se importasse comigo tanto quanto afirma, não teria desistido de mim.

Mesmo se tivesse me traído e negasse, eu o ouviria. Poderia até perdoá-lo, apesar do quanto isso fosse contra a minha natureza. Poderíamos ter superado qualquer coisa juntos. Mas ele desistiu de mim.

Ando em direção à porta do

passageiro e ele dá um passo atrás de mim, abrindo-a para mim. Entrando, estremeço no momento em que me sento. Estou encharcada de água, mas só depois de me proteger da chuva começo a sentir o peso das minhas roupas, o gotejamento da água do meu cabelo e os arrepios no meu corpo.

Acho que os arrepios também podem ser pela maneira como meu corpo reage à proximidade de Christian. Uma vez ele me fez sentir segura, amada. Agora, vê-lo é um lembrete do quanto estou devastada. Uma parte de mim que eu nunca poderei consertar. Uma parte de mim que nem o tempo e a distância poderiam curar.

Colocando o cinto de segurança,

olho para frente e não o reconheço quando ele entra no lado do motorista.

— Obrigado — diz ele, ligando o veículo. Eu ignoro suas palavras. Já dissemos o suficiente, eu já disse o suficiente. — O que aconteceu com seu carro? — pergunta, e eu percebo que ele está tentando conversar, apesar de ter concordado em não falar comigo.

Eu dou de ombros. Não sei o que aconteceu com o meu carro. Simplesmente não funciona, como a maioria das coisas na minha vida. Eu nunca deveria ter voltado para esta cidade. Sabia que havia chance de encontrá-lo. Eu sabia que era possível que nunca tivesse ido embora. Acho que queria descobrir por mim mesma. Mas



descobri muito mais do que esperava.

Finalmente, em paz com o fato de que eu não ia falar, seguimos o resto do caminho em silêncio e sou grata por isso. Inclino minha cabeça contra a janela e limpo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto silenciosamente. Espero que ele não as note. Não quero dar a ele o privilégio de mostrar minhas feridas. Não quero mostrar a ele como ainda estão abertas. Não quero que ele vença.

No que parece uma eternidade depois, mas provavelmente levou apenas alguns minutos, chegamos à casa dos meus pais, minha casa.

— Como você sabia que estou morando aqui? — pergunto e me arrependo imediatamente. Acho que não

conseguia me impedir de dizer algo, qualquer coisa, para ele. Eu morar na casa onde cresci faz sentido.

— Imaginei que se você voltasse, ficaria aqui. Confirmei isso alguns dias atrás.

— Você confirmou como?

— Passei aqui. Queria me explicar para tentar consertar as coisas.

Eu tento não me derreter com sua admissão.

— É tarde demais para fazer as pazes, Christian.

— Eu estou vivo. Você está viva. Enquanto estivermos respirando, não será tarde demais para consertarmos as coisas que estão quebradas

— As coisas que você quebrou não

podem ser consertadas — digo a ele, então saio da caminhonete e fecho a porta.



16

## *CHRISTIAN*

**E**u salto do carro também e caminho propositadamente em sua direção. Espero que ela esteja errada em não querer consertar as coisas, mas não vou insistir mais, não hoje.

— Bem, então, você pode me deixar pelo menos consertar seu carro? — pergunto, sabendo que ela provavelmente dirá não. Eu não a culpo. Por absolutamente nada. Eu sou o culpado aqui; eu fiz a coisa errada. E, independentemente do quanto queira consertar tudo, ela não quer ouvir. Ainda não. Falarei com ela quando estiver pronta. Vou insistir até que me ouça ou me afaste.

Percebo a hesitação em seu rosto. A exaustão atrás de seus olhos. As lágrimas que ela tentou esconder enquanto eu a levava para casa, que senti em minha alma quando ela as derramou. Cada grama de dor que sente, eu também sinto. Nada dói mais do que

saber que eu sou a causa de seu sofrimento, das rachaduras em seu coração. O sofrimento que ela sente.

Ela era pura e inocente quando eu a conheci. Era sarcástica, mas também cheia de esperança. Ela era uma linda história que eu estraguei. Eu não queria arruiná-la. Eu não queria derrubá-la.

Eu não queria destruí-la.

Mas olhando para ela aqui, na minha frente, sem forças ou vontade de lutar mais, percebo que causei mais dano do que esperava. Eu piorei as coisas abandonando-a quando deveria ter ficado. Pensei que ela iria esquecer de nós... Pensei que ela voltaria a ser a garota que era antes de eu entrar em sua vida. Eu estava errado.

Ela me lança um olhar que só pode ser descrito como derrota.

— Pode ser — ela diz depois de alguns segundos, e suas palavras me dão mais esperança do que eu senti em anos. Para Amari, podem não significar muito, mas para mim elas demonstram que ela está me deixando entrar. De alguma maneira. Ela não recusou minha ajuda. Eu sei que é provavelmente porque está cansada de discutir comigo, mas não me importo. Quero ajudá-la da maneira que puder. Ela diz que é tarde demais para consertar as coisas, mas não acredito nisso. Não quero acreditar nisso.

— Posso ficar com as chaves do carro? — eu pergunto, e minhas palavras são contidas. Não quero que

ela feche a pequena janela que abriu para mim.

Ela pega as chaves de dentro da bolsa e depois estende a mão para mim. Eu diminuo a distância entre nós, minha mão se movendo em direção a dela. No momento em que nos tocamos, sinto calor. Uma longa queda de uma montanha-russa é a melhor maneira de descrever a sensação da mão dela na minha, mas até isso parece sem graça em comparação. Seguro-a por segundos demais, então me afasto. Se continuar a tocá-la, sei que vou perder o último controle que me resta. Vou ceder ao meu desejo de tê-la em meus braços. Mas não o farei, se não for isso que ela quer. Apesar da vontade que tenho de abraçá-



la. Da maneira que meu corpo dói de vontade de mostrar a ela o quanto a amo e me importo, mas não vou fazê-lo até que me perdoe. Até que me peça.

Eu a amo mais agora do que nunca, mas sei que ela não vai acreditar nisso. Não quando me vê como a causa de todo o seu sofrimento, como um trapaceiro que a traiu da pior maneira possível.

Abro minha mão, e ela coloca as chaves nelas. Estou aliviado por não decidir brigar comigo.

Ela dá alguns passos para trás, vira-se e abre a porta da casa em que foi criada, uma casa na qual entrei várias vezes antes. Lembro-me de como as coisas eram diferentes. Como as coisas eram fáceis.

Eu estraguei tudo, mas esse erro me deu Ari, então tenho que ser grato de alguma maneira.

Perdi Amari e ganhei Ari.

Eu pensei que poderia viver com uma e não com a outra, mas a realidade é que eu quero as duas.

Vou lutar pelo final feliz que não me permiti ter quando estava no ensino médio. Eu tomei a decisão pensando como um garoto naquela época. Agora sou homem, então farei as coisas de forma diferente. Eu as farei melhor.

— Trarei as chaves e o carro de volta mais tarde — digo para ela de volta.

Ela não responde. Não se vira para me encarar novamente. Em vez disso,

Amari entra na casa e fecha a porta.

Olho para as chaves e percebo que elas ainda têm o chaveiro. Aquele com o coração. O que eu dei a ela quando disse que a amava pela primeira vez. Fico parado na chuva sorrindo para as chaves por alguns minutos. A esperança cresce dentro do meu peito. Ela manteve um pedaço de mim com ela o tempo todo. Talvez sua mente tenha desistido de mim, mas seu coração definitivamente, não.

Andando até o meu carro, entro na porta do lado do motorista e minhas mãos vão para as chaves penduradas na ignição. Juntando-as, vejo que a flecha ainda se encaixa em seu lugar no coração. Por mais extravagante que seja,

espero que o mesmo se aplique a Amari  
e a mim.



17

## *AMARI*

**E**u acordei com o sol brilhando no meu rosto. Abrindo os olhos, espero até me ajustar à luz. Levo um pouco mais do que o tempo habitual para me levantar da minha cama porque estou exausta, física e

emocionalmente.

Desconecto o telefone do carregador na tomada e olho as horas. São seis. O sol que entra no meu quarto trai o verdadeiro horário. Você acha que são duas da tarde pela a força dos raios... é o problema de morar na Nova Inglaterra. Não importa que seja outono, o verão é prolongado e o sol está sempre ansioso para aparecer.

Sento-me e respiro fundo. Quando me levanto da minha cama, caminho em direção à janela e olho para fora. Lá, na beira da estrada, vejo meu carro.

Sentindo-me desorientada pelo sono, eu esperava que a noite passada tivesse sido um sonho — um pesadelo. Honestamente, eu gostaria que tudo

tivesse sido produto da minha imaginação. Que não tivesse fugido dele ou concordado em deixá-lo me trazer para casa. Eu não acredito que cheguei a dar minhas chaves para ele para que pudesse trazer meu carro de volta. Apesar do quanto eu gostaria que não fosse, ontem foi real.

Tão real quanto a mão dele tocando a minha. Tão reais quanto as emoções que me inundaram enquanto a chuva caía sobre nós. Tão real quanto a intensidade em seus olhos enquanto ele me implorava para eu lhe dizer sim à oferta de me levar para casa. Eu gostaria que ele tivesse tido a mesma intensidade, o mesmo impulso, naquela época. Gostaria que ele tivesse me pedido para

ficar.

Balançando a cabeça, afasto esses pensamentos. Não consigo esquecer o verdadeiro motivo pelo qual ele me deixou. Ele não me pediu para ficar. Não me quis. Teve um filho com outra pessoa. Ele engravidou outra pessoa enquanto estava comigo... essa é a única explicação que faz sentido para mim. Eu não era a única.

Ainda de pijama, saio do quarto e desço as escadas. No momento em que chego à porta, noto que as chaves estão no chão logo abaixo do compartimento de correspondência. Eu as pego e abro a porta. A julgar pela brisa e o calor, não há sinal da tempestade de ontem. Tudo já foi esquecido, lavado. Exceto que



ainda está fresco em minha memória.

Descendo os degraus devagar, lembro da sensação de tê-lo aqui ao meu lado, como muitas outras vezes. Só que desta vez ele não me deu um beijo de boa noite, esperando que meus pais não nos pegassem. Ele não ia subir na árvore ao lado da minha casa e bater na minha janela. Ele não me abraçou durante a noite toda enquanto dormíamos.

Quando ele me seguiu até a minha porta ontem à noite, não foi a mesma coisa. Como poderia ser?

Quando estou perto do meu carro, percebo que há uma folha de papel presa pelos para-brisas. Não está molhada ou borrada, o que me diz que provavelmente foi colocada lá cedo esta

manhã. Eu me pergunto quanto tempo levou para ele trazer o carro aqui.

Levanto o limpador e retiro o pedaço de papel. Sem focar nas palavras, desdobro a folha de papel, olho a caligrafia e a reconheço instantaneamente. Christian.

Volto em direção à porta da frente e sento-me nos degraus antes de lê-la.

*AMARI,*

*Seu carro precisará de uma nova bateria. Seria mais seguro não o conduzir até que seja substituída; caso contrário, você ficará encalhada novamente. Posso obter uma e substituí-la para você, para que não*

*tenha que se preocupar com os custos. Obrigado novamente por me deixar ajudar. Honestamente, é o MÍNIMO QUE POSSO FAZER APÓS TUDO o que aconteceu.*

Paro por aí, percebendo que ficarei presa tentando conseguir uma carona para o trabalho, já que não poderei comprar uma bateria agora. Talvez Hannah me dê uma carona. O problema das pequenas cidades é que o Uber não existe. Há ônibus, mas essas coisas levam uma eternidade e provavelmente vou me atrasar.

Algo dentro de mim me diz que minhas preocupações com o transporte

são apenas minha desculpa para não continuar lendo suas palavras. Em desafio, prossigo.

*Sei que você provavelmente está se perguntando como vai trabalhar E é aqui que eu entro de novo. Eu agora trabalho na escola como técnico de futebol. Não muito longe de você. Pensei que, como diretora, você tem que chegar no horário. Estarei do lado de fora da sua casa às 7h15. Você provavelmente não quer entrar no carro comigo novamente, mas vou estar aí. Você nem precisa falar comigo se não quiser. Pode me ignorar o tempo todo como fez na noite passada.*

*Sei que está pensando o pior de mim agora e prometo que não é o caso. Juro que não te traí. Eu quero explicar. Mas por carta não serve, é muita coisa. Ou, melhor ainda, muito importante.*

*Eu não vou pressioná-la a falar comigo. Quando estiver pronta, eu estarei aqui... esperando. Já deixei você antes. Não ficarei chateado se quiser ficar longe de mim neste momento, mas você precisa saber por que fiz minhas escolhas seis anos antes de você fazer a sua.*

*Eu nunca parei de te amar,  
Christian*



## *CHRISTIAN*

Eu me reviro na cama. Pego meu telefone debaixo do travesseiro e checo a hora. São 6h15. Eu não dormi e não tenho tempo para continuar tentando, não que fosse funcionar de qualquer maneira. Minha mente está percorrendo centenas de quilômetros por minuto, pensando no que posso fazer para recuperar Amari... se houver uma chance.

Depois de deixá-la ontem à noite, voltei para onde seu carro estava estacionado. Foram necessários cinco minutos para descobrir o que havia de errado com ele e perceber que a bateria

havia arriado. Eu teria comprado uma bateria nova para ela, se houvesse alguma loja aberta.

Em vez disso, tudo o que pude fazer foi levar seu carro de volta para sua casa. Todas as luzes estavam apagadas, e juro que eu tinha o desejo de voltar aos velhos tempos. Subir na árvore e bater na janela dela. Eu imploraria para ela me deixar entrar e rezaria para que as coisas voltassem ao que eram antes. Eu não queria nada mais do que segurá-la em meus braços e enxugar as lágrimas das quais eu era a causa. Eu não queria nada mais do que sentir seus lábios nos meus mais uma vez. Os lábios que não provo há seis anos... muito tempo.

Quando voltei para onde meu carro

estava na beira da estrada, minha mente era como um filme repetindo todos os momentos que passei com Amari, cheio de momentos dignos de destaque. Tudo ficou ótimo desde o instante em que ela entrou em cena. Meu filme, sem ela como personagem, era sombrio e confuso como o inferno. Eu era destrutivo naquela época. Ela acalmou a tempestade que se formava dentro de mim. O vulcão que entrava em erupção frequentemente e arruinava tudo ao seu redor.

Eu tinha medo de arruiná-la, mas ela tinha essa capacidade dentro de si mesma, algo que ela nem sabia que tinha, de me mudar. Tornei-me uma pessoa diferente por causa dela.



Infelizmente, as decisões que tomei antes de conhecê-la me seguiram e finalmente perduraram até a nova versão que eu havia construído com ela.

Cheguei à minha casa uma hora depois e fiquei lá pensando em todas as minhas escolhas. O problema é que, se eu pudesse decidir ter feito alguma delas de forma diferente, não seria o caso, porque isso significaria que não teria Ari.

Por mais que as coisas fossem ruins, eu não trocaria minha filha por nada.

Mas, cara, teria sido incrível ter Ari com Amari.

Fiquei tão frustrado comigo mesmo que não consegui dormir. Olhei pela janela esperando a chuva parar e,

quando aconteceu, às três da manhã, decidi escrever uma carta para Amari.

Decidi oferecer-lhe uma carona para o trabalho, esperando que ela não recusasse. Eu preciso explicar tudo, não apenas porque eu a quero de volta, mas porque ela merece pelo menos isso. Fui até a casa dela e coloquei a carta no para-brisa às 4:30 da manhã. Espero que faça a diferença.

Levantando-me da minha cama, tomo banho e me apronto para o trabalho. Olhando para o meu relógio, vejo que são 7 horas da manhã. Amari ainda mora na casa antiga de seus pais, a apenas alguns minutos da que comprei para mim e minha filha. Acho que queria estar perto o suficiente dela, caso voltasse. Eu

nunca pensei que aconteceriam, seus pais me disseram isso quando eu perguntei.

No andar de baixo, despejo o café recém-coado em duas canecas de viagem e saio pela porta. Enquanto caminho em direção à casa de Amari, me preparo para a possibilidade real de ela não estar mais lá. Que descobriu outra maneira de ir para o trabalho. Que percebeu que eu não valho a pena e que meu desejo de explicar as coisas está atrasado demais. Mal cronometrado.

Eu me preparo para o sentimento de perda. Eu a perdi, mas a quero de volta... só espero que depois de ela me ouvir, se isso acontecer, ela também me queira.



## *CHRISTIAN*

**E**staciono bem atrás do carro dela e um sorriso toma conta do meu rosto. Ela não tentou dirigir, o que é um bom sinal – significa que ela leu a minha carta. Eu espero alguns minutos depois das 7:15 e saio da

minha caminhonete. Subindo as escadas, toco a campainha à esquerda da porta da frente e espero que ela atenda.

Quando ela não vem, toco a campainha novamente três minutos depois. O resultado é o mesmo. Voltando para a minha caminhonete, fico sentado até às 7:40, esperando por qualquer sinal de que ela ainda esteja lá dentro.

Salto da minha caminhonete mais algumas vezes, caminhando de um lado para o outro entre a porta da frente e o carro, e depois percebo que não adianta. Ela não está aqui. Eu sabia que esse seria o cenário mais provável; tive que implorar para ela entrar no meu carro ontem à noite e demorou uma eternidade, mas ainda sinto uma pontada de

decepção.

*Trabalhe duro pelas coisas que você deseja*, minha mente me lembra. Quero que Amari me perdoe, preciso dela. Vou lhe dar o tempo de que ela precisa. Colocando minha caminhonete na estrada, vou em direção à escola.

Eu decido ligar para a minha mãe para ter certeza de que ela acordou a tempo e que deixará Ari na escola.

— Oi, mãe, você está acordada? — eu digo no momento em que ela atende ao telefone.

— Sim, eu estou. — Eu posso imaginá-la balançando a cabeça para mim, para que eu tenha certeza de que ela não esqueceu.

— Como está Ari? — eu pergunto.

— Ela está acabando de tomar o café da manhã e depois vamos para a escola.

— Obrigado. Vou buscá-la em sua casa depois das aulas, às 18h — confirmo nossos planos. Termino o treino de futebol às 17h30 e depois pego minha filha na casa de minha mãe.

— Está bem. Ofereci levá-la para comprar a roupa de dança de pai e filha, mas ela disse que quer comprá-la com você. — Droga! Com todas as coisas loucas acontecendo, eu tinha me esquecido dessa dança.

— Vou com ela depois de buscá-la — digo à minha mãe. A dança de pai e filha será no próximo domingo. Felizmente, tenho uma semana inteira

para garantir que ela consiga o vestido dos seus sonhos. Em sua mente, a dança será como em um dos bailes que acontecem nos filmes das princesas, então tenho que fazer o meu melhor para que seja assim.

— Ótimo! Posso ir, se precisar de ajuda — oferece minha mãe.

— Adoraríamos isso! — Preciso de toda a ajuda que conseguir. Não posso dizer que sou profissional quando se trata de descobrir o que Ari deve usar. Provavelmente vou comprar o que ela quiser. Acho que preciso de um terno também; eu não uso um desde os jogos de futebol no ensino médio. Acho que devo precisar de um para os jogos agora, então posso acertar dois coelhos



com uma cajadada só.

— Tudo bem, ela terminou o café, então vamos para a escola — minha mãe me diz, apressando-me ao telefone.

— Ótimo! Vejo vocês mais tarde — digo a ela.

Desligo o telefone e vejo a escola primária onde minha filha estuda à minha direita enquanto passo por ela. Todo o autocontrole sai pela janela, eu viro o carro e volto para a escola. Entrando no estacionamento, estaciono minha caminhonete e bato minha cabeça no volante.

Eu não deveria estar aqui. Deveria ir ao meu trabalho. Então, novamente, não é como se eu tivesse que chegar lá super cedo. Na verdade, não preciso entrar até

mais tarde, porque fico até depois das aulas.

Mas chegar cedo não vai doer, já que temos um jogo em duas semanas e eu devo estar lá, preparando o plano do jogo, finalizando todos os detalhes e posições.

Você terá tempo, isso pode esperar. A voz dentro da minha cabeça facilita a decisão para mim. Viro a chave na ignição e desligo a caminhonete. Saio do veículo e começo a me dirigir à porta da frente da escola.

Faço uma pausa nas minhas faixas quando percebo que preciso de uma desculpa, apesar de saber que ela perceberá. Voltando para a minha caminhonete, olho no banco de trás e

vejo a caixa de lápis de cor da minha filha ao lado da cadeira do carro. Perfeito.

Tomando a caixa em minhas mãos, tranco o carro e retomo minha missão.



## *AMARI*

— Obrigada novamente pela carona — digo a Hannah no momento em que ela sai do meu escritório depois da nossa orientação matinal. Eu gosto de encontrá-la todas as manhãs e discutir o

plano do dia. Falamos sobre o que precisa ser realizado e tudo o que se desenvolveu da noite para o dia, o que normalmente é nada; estamos na escola primária, afinal.

— Sem problemas! Então lembre-se, a dança será no próximo domingo. É uma dança de pai e filha e a participação da diretora é obrigatória.

— Como eu poderia esquecer? Você sabia que estamos gastando \$3000,00 em um DJ? — digo a ela, ainda chocada.

Hannah olha para mim e ri.

— Bem-vinda à escola primária.

— Isso nem faz sentido! — digo a ela. — Quem precisa gastar tanto em um DJ para uma festa para crianças que provavelmente nem se lembrarão? —

pergunto.

— Aposto que as crianças não se importariam se a música saísse de um telefone conectado a um alto-falante — diz Hannah.

Eu concordo.

— Exatamente o meu ponto! Então, por que estamos gastando tanto? — Eu deveria ter rejeitado a solicitação.

— Não tenho ideia. Riley e Nichols queriam isso. Este é o bebê deles. Todo ano eles pedem coisas exageradas... — Hannah me diz.

— Eles fazem isso todos os anos? — Se Hannah disser sim, vou me sentir menos otária.

— Eles, não. Acho que você é a primeira pessoa a não vetar o DJ de

\$3000,00. Eles definitivamente te amam agora.

— Espero que sim.

— Confie em mim, você os conquistou por pelo menos um ano com o que gastamos em um DJ.

— Um ano? Melhor no mínimo dois — digo a Hannah, que ri. Uma batida na porta chama a nossa atenção. — Entre — eu digo.

Lentamente, a porta se abre, e Hannah e eu observamos esperando para ver qual professor trará o próximo pedido estranho.

A piada cai sobre nós, no entanto... ou eu acho que sobre mim.

A pessoa que entra definitivamente não é um professor. É um pai, na

verdade — um com seu próprio conjunto de solicitações ultrajantes.

Hannah levanta da cadeira como se estivesse pegando fogo.

— Olá, Sr. Cole — ela diz e eu mantenho meus olhos nela. Vejo o jeito como suas bochechas ficam vermelhas na presença de Christian. Vejo o jeito como ajeita o cabelo e estende a mão para apertar a dele. Observo a Hannah extrovertida, linda e confiante parecer nervosa. Acho que não sou a única que desmorona quando ele está por perto.

— Olá, Srta. Robles — ele responde, sua mão balançando a dela, mas seus olhos se voltam totalmente para o meu lado. Não preciso olhar para ele para saber que está me observando.

Eu posso sentir isso. Sempre fui capaz.

— Me chame de Hannah, por favor — diz ela. — Precisa de alguma coisa? — ela adiciona. Não sei por que a interação dela com ele me incomoda tanto. Então, novamente, é provável que seja porque ela está tão disposta a atendê-lo. Eu não deveria me incomodar, ela é assim com todos os pais. O trabalho dela é garantir que eles tenham o que precisam. Ela é a responsável pelo portão e não estava no portão, então faz sentido.

Mas ainda não gosto disso.

Em parte, porque, independentemente de quanto eu não o queira mais, eu quero. Quero ser a única que pode fornecer a ele o que ele



precisa. *Que pena que ele conseguiu tanto em outro lugar... com outro alguém.*

— Minha mãe trará Ari em alguns minutos. Ela deixou sua caixa de giz de cera no carro, então quis trazê-la para o caso de ela precisar — ele responde e eu fico imediatamente cética.

Eu ainda estou focando minha atenção em Hannah e a vejo acenar com a cabeça e depois estender a mão para pegar os lápis de cera da mão dele. Fixo minha atenção em suas mãos. São firmes e fortes. Uma vez pensei que elas poderiam suportar o peso do mundo, se necessário.

Não pensei muito na carta dele desde que cheguei ao trabalho, mas

sabia que não podia aceitar a carona. Sabia disso, assim como sei que não é por causa da caixa de giz de cera da filha que ele está aqui.

— Isso seria tudo? — Hannah pergunta e eu posso dizer que ela está percebendo a tensão na sala. Principalmente porque não estou fazendo nada para tentar escondê-la. Qualquer outro pai e eu ficaríamos de pé e apertaríamos as mãos. Eu conversaria um pouco e tentaria convencê-lo a ver que as coisas estão indo bem. Tentaria aumentar a confiança dele em mim. Qualquer outro pai e eu estaríamos fazendo as coisas de forma diferente de como estão agora. Eu sei disso. Hannah sabe disso. Christian definitivamente

sabe também.

Por falar nisso, Christian limpa a garganta.

— Eu poderia ter um momento a sós com Amar... a Diretora Santana? — ele diz, corrigindo-se.

— Claro — diz Hannah. Seus olhos encontram os meus e ela me dá uma olhada que me diz que não tem ideia do que fazer a seguir.

— Obrigado — diz Christian e, por um segundo, os dois ficam ali, de frente um para o outro. Hannah toma isso como uma sugestão para sair da sala, deixando a mim e Christian sozinhos. Levanto-me da minha cadeira, finalmente, e rodeio a mesa indo para o outro lado. Quero garantir que exista algo entre nós, além

de sentimentos, algo físico que sirva de barreira para o caso de eu entrar internamente em colapso.



## *CHRISTIAN*

**E**la nem sequer olhou para mim desde que entrei no escritório. Eu sabia que não deveria ter vindo, mas não consegui controlar meu coração. Não mais. Agora deixo meu coração decidir invés da minha cabeça,

porque na última vez em que deixei minha cabeça controlar as decisões do coração, não correu muito bem.

— Oi — digo a ela, sentando-me à sua frente no momento em que a Srta. Robles sai da sala.

— Olá — ela responde, como para todos. Ela cruza os braços na frente de si mesma e, embora eu saiba que estou ferrado, não posso deixar de sorrir do seu gesto. É a mesma pose que ela usava sempre que eu a deixava brava, o que nunca durava muito. Espero que não dure tanto agora.

— Por que você está sorrindo? — ela pergunta, descruzando os braços e colocando as mãos na mesa.

— Desculpe, não pude deixar de

pensar no número de vezes que você fez isso quando...

— Entendi — diz ela, cortando-me antes que eu tenha a chance de dizer a palavra "namorávamos".

Concordo com a cabeça, tentando descobrir o que dizer a seguir, antes que ela me expulse com força de seu escritório.

— Eu parei na sua casa hoje.

— Você não precisava — ela responde, sem perder o ritmo.

— Eu sei, mas eu te disse que iria. Estive lá e até toquei a campainha cerca de um milhão de vezes.

Ela não reage.

— Eu não estava lá.

— Eu sei. Percebi isso depois de

ficar sentado na minha caminhonete por vinte minutos — respondo com uma risada nervosa.

— Você não deveria ter vindo em primeiro lugar — diz ela novamente, seus olhos me mostrando uma frieza que me preocupa. É uma aparência familiar agora. É o jeito como ela olha para mim desde que a vi novamente. É o jeito como me olhou naquele dia. Sua cabeça está erguida enquanto ela tenta não se encolher na minha frente. Eu sei que ela é forte.

Levanto-me da cadeira, sentindo que está me restringindo. Começo a andar de um lado para o outro pelo escritório dela, provavelmente parecendo com um foguete. — Seu carro não estava



funcionando, então eu queria ter certeza de que você teria como vir para o trabalho. — Movo minhas mãos nervosamente enquanto falo.

— Não era para você se preocupar — ela responde, sem se levantar da cadeira. Como na última vez, fica sentada e apenas me observa quando me transformo em um desastre nervoso diante de seus olhos.

— Não posso deixar de me preocupar com você — eu digo, minha voz baixa enquanto tento esconder o desespero que sinto.

— Você não pareceu se preocupar comigo no passado. — Não há emoção por trás das palavras dela. A monotonia e seu comportamento distante me fazem

sentir pior.

— Tudo o que faço é me preocupar com você — falo com honestidade.

— Você tem uma maneira engraçada de mostrar isso — diz ela, sua voz fica mais alta quando se levanta da cadeira. Alta o suficiente para me mostrar que está com raiva, baixa o suficiente para impedir que alguém de fora dessas quatro paredes a ouça.

Eu gosto que ela esteja com raiva, porque isso significa que ainda sente algo por mim. Que não desistiu de mim por completo.

— Eu posso explicar tudo melhor se me deixar. Você pode até me entender.

Ela olha para mim como se eu fosse a pior pessoa da face da terra. Para ela,

eu posso muito bem ser.

— Não há mais nada a explicar.

— Sim, há! — defendo.

Ela suspira.

— Você deveria ter me explicado há muito tempo.

— Você partiu!

— Você me pediu isso! Pediu que eu partisse. Quebrou meu coração. Você me deixou primeiro.

Ela estava certa.

— Eu não queria — digo a ela, levando minhas mãos para o meu cabelo, puxo as pontas deles enquanto tento manter minha voz baixa e minhas emoções afastadas. Eu sei que dizem que não é viril homens chorarem, mas não posso deixar de querer.

— Você não queria... sério? Ninguém colocou uma arma na sua cabeça. Ninguém disse para você me deixar para trás. Ninguém disse para você partir meu coração no meio do corredor na frente de todos.

A emoção por trás de suas palavras, o olhar magoado em seus olhos, o modo como suas mãos agarram sua mesa me faz sentir como um merda novamente. Eu odiei fazer isso com ela no passado, mas pensava ser a melhor escolha. Pensei que era a minha única escolha, a única maneira de me impedir de arruinar sua vida.

— Eu disse para você não se apaixonar por mim.

— Você disse... você estava certo.

Eu deveria ter ouvido.

Eu concordo.

— Seu erro foi se apaixonar por mim. Você não deveria. — Me amar foi o único erro que ela já cometeu. Entregar-me seu coração, sua risada, ela mesma, esse foi seu erro, porque eu não mereço. Mas ela me deu mesmo assim, apesar dos meus avisos, e eu tentei o meu melhor para protegê-la. Mudei o curso da minha vida por essa garota, essa mulher na minha frente. Pena que meu passado me alcançou e as novas mudanças que fiz não importaram. O passado não se importa com o presente.

— Tarde demais para voltar e mudar isso — ela responde, toda emoção desaparecendo de sua voz.

— Eu não queria te deixar — repito, minha voz falhando.

Seus olhos lacrimejam e sua voz trai a frieza que ela tentou retratar.

— Então por que você fez? — ela pergunta, e eu entendo como tudo é confuso para ela. Nem sei como começar a explicar.

— Porque... o que eu poderia te oferecer, Amari? — pergunto a ela, esperando fazê-la perceber que fiz a escolha certa. Mas sinto que estou apenas tentando me convencer de algo no qual não acredito mais.

— O que você quer dizer? — ela pergunta. Amari sempre teve uma visão melhor de mim do que eu mesmo. Ela pensava que eu era melhor do que

realmente era.

— Que futuro você teria comigo? —  
Eu não era bom o suficiente para ela.  
Ainda não sou.

— O futuro sobre o qual  
conversamos. Nós dois iríamos para a  
faculdade juntos. Você poderia jogar  
futebol. E eu...

— Você o quê?

— Eu não me importava com o que  
faria contanto estivesse com você. —  
Suas palavras confirmam meu medo. Ela  
abandonaria seus sonhos pelos meus.  
Ela deixaria seus objetivos passarem  
enquanto lidava com as consequências  
de minhas ações.

— Você está fazendo o que sempre  
quis fazer — digo a ela. Ela sempre

falava sobre o quanto amava educação. Ela era a mascote dos professores. Percebi no primeiro dia em que a conheci, mas com ela isso não me incomodava. Ela era inspirada pelos professores, queria ser eles algum dia. Eu sabia que ela seria o que quisesse e não queria atrapalhar isso.

## *AMARI*

— Nós poderíamos ter conquistado aqueles sonhos juntos.

Eu digo a ele. Sim, admito que o



amava tanto que o seguiria até o fim do mundo se ele me pedisse. Mas nossos objetivos não eram mutuamente exclusivos. Não era uma coisa ou outra. Nós poderíamos seguir nossos sonhos juntos.

— Você realmente acha isso? — ele pergunta e, de fato, não consigo entender por que ele pensou que nossas peças do quebra-cabeça não se encaixavam naquela época.

Balanço a cabeça, sabendo que a cada segundo que passo conversando com ele estou reabrindo feridas que não foram totalmente curadas.

— Não importa agora — digo a ele, minha voz falhando mais uma vez.

— Eu tive que te deixar. Não tive

escolha — ele diz essas palavras como se realmente acreditasse nelas. Como se alguém o tivesse forçado a me deixar naquele dia.

— Todo mundo sempre tem uma escolha. — Mesmo se as cartas estiverem empilhadas contra você, mesmo que a escolha seja mais difícil, não seja justa, sempre há uma escolha.

— Descobri que a mãe de Ari estava grávida no último ano do ensino médio.

Eu não reajo às suas palavras. Eu já sabia disso, ele já havia me dito.

— Você terminou comigo porque me traiu... — repito a acusação que ele negou antes.

Ele contorna minha mesa e fica cara a cara comigo.

— Como você pode dizer isso?

— É verdade — digo a ele, minha voz vacilando mais uma vez.

— Como você pode achar que eu seria capaz? — ele pergunta e o tom dele soa como se estivesse ofendido com o pensamento.

Olho em seus olhos e não escondo o que estou sentindo.

— Eu não achava que você fosse capaz de terminar comigo do jeito que fez... mas claramente não te conhecia muito bem.

Ele leva as mãos às minhas bochechas e tudo dentro de mim se derrete. Externamente, porém, tento manter o controle.

— Você me conheceu melhor do que

ninguém na minha vida. Você foi a única que realmente me conheceu. — Seus olhos não deixam os meus enquanto ele fala.

Uma lágrima me escapa e estou com raiva de mim mesma por não tê-lo expulsado no momento em que ele entrou no meu escritório. Por deixá-lo me levar para casa ontem à noite. Por não correr para as colinas no momento em que percebi que ele ainda morava nesta cidade. Por deixá-lo chegar tão perto de mim novamente.

— Eu nunca trairia você, Amari — acrescenta.

— Você é um mentiroso — digo a ele minhas palavras, que não são confiáveis, porque não sei mais em que

acreditar.

— Você me conheceu quando me transferi para a sua escola. Você sabia que eu tinha um passado ruim — ele começa.

— E daí? Agora seu passado é responsável pelas escolhas que você fez enquanto esteve comigo?

A mão dele não sai do meu rosto, e eu não sei o que quero. Curiosamente, eu aprecio o conforto que ela me traz.

— É exatamente isso, Amari. Não foi uma escolha que fiz enquanto estava com você. Foi um erro que cometi antes de você.

— O que você quer dizer? — eu pergunto confusa e frustrada. Um milhão de emoções me inundam, mas nenhuma

forte o suficiente que faça meus pés se movimentarem para me afastar ou erguer minhas mãos para remover as dele das minhas bochechas.

— Eu engravidei a mãe de Ari algumas semanas antes de conhecer você. — Isso poderia ser verdade?

Dou um pequeno passo para trás.

— Então, talvez você não tenha sido tecnicamente um traidor, mas foi um mentiroso.

— Eu menti para você, mas apenas no final do nosso relacionamento — ele admite.

Afasto-me o suficiente para mover as mãos dele.

— Então, esconder um filho que você teve com outra garota antes de nos

conhecermos não é considerado mentir? — A coragem deste homem de ficar aqui ao meu lado e tentar se justificar era grande.

— Eu não sabia disso, sobre a gravidez dela. — Não sabia se ele estava mentindo ou dizendo a verdade... tudo o que sei é que não posso confiar nele. De novo, não. Não quando sei que ele é capaz de me quebrar. — Eu dormi com ela em uma festa algumas semanas antes de começar a conversar com você. Ela foi para uma escola diferente. Quando percebeu que estava grávida, não sabia se ia ter com Ari ou não, então ela não me contou. Depois que tomou a decisão de manter a gravidez, ela não soube como me dizer — as palavras

tropeçam da boca dele.

— Quando ela te contou? — eu pergunto, vendo-me acreditando nele.

— Ela me contou *naquela* manhã.

— Aquela manhã? Na manhã em que você terminou comigo? — eu pergunto.

Ele concorda.

— Fiquei sobrecarregado. Eu tinha dezoito anos. Não sabia o que fazer com as novas informações. Eu ia ter um filho lá ser pai. Isso me assustou muito. Eu não tinha pai; como poderia ser um? Achei que não era capaz, pelo menos aos dezoito anos. Não na minha mente. Sempre que imaginava uma família, sempre imaginava construindo uma ao seu lado. Isso nem aconteceria até muito mais tarde, até que eu me tornasse



melhor. Até que eu estivesse pelo menos perto de valer tudo o que você estava me dando. — Eu posso ouvir as palavras dele, mas não posso processá-las. Não sei como. Faz seis anos.

— Nós poderíamos ter conversado. Você poderia ter me dito. Teríamos descoberto o que fazer — repito.

— Como o quê? — ele pergunta, como se tivesse tentado descobrir tudo antes e não encontrado outra solução.

— Eu não sei, mas, se o que você diz é verdade, você nem se deu ao trabalho de me dar a oportunidade de pensar. Não me deu a opção. Decidiu por conta própria. Não importa o que eu invente agora, não podemos voltar ao passado,

— Decidi não estragar sua vida. Você era a senhorita sabe tudo. Eu era o clichê de um bad boy. Eu não deixaria você desistir dos seus sonhos para suportar meus erros comigo. Não queria que desistisse das coisas para me consertar.

— Eu te amava, teria ficado e resolvido as coisas com você.

— Isso era o que eu mais temia. Você teria ficado, Amari. Eu te conheço. Sabia que desistiria do seu futuro por mim, você mesma disse. Não queria que me odiasse ou se ressentisse mais tarde. Eu estava em um navio afundando e não queria que se afogasse comigo.

— E daí? Você terminou comigo e tentou me fazer te odiar? — pergunto,

tentando entender. Essa deve ter sido a intenção dele. Lembro-me da maneira como falou comigo. Terminou nosso relacionamento na frente de todos que conhecíamos. Suas palavras estão guardadas no fundo da minha mente desde aquele dia. Uma pessoa sã o odiaria, mas nunca fui capaz de odiar Christian. Mesmo que ele tivesse me dado motivos, eu nunca poderia. Com certeza teria sido mais fácil superá-lo se fosse assim.

— Eu pensei que seria a melhor maneira de fazer isso — diz ele, passando a mão pelo cabelo mais uma vez.

— Bem, seu plano não deu certo — digo a ele, finalmente ganhando força

para me retirar para o outro lado da mesa.

— O que você quer dizer? — ele pergunta, movendo-se lentamente na minha direção.

— Eu nunca te odiei. Não porque não quis, porque, acredite em mim, eu quis te odiar a partir do momento em que você partiu o meu coração. Eu desejei tantas vezes não ter te conhecido. Que não tivesse falado com você ou me apaixonado. Seu plano não deu certo. Fiquei acordada por dias, semanas, meses me perguntando onde errei. Mesmo agora, mesmo seis anos depois, quando esse trabalho surgiu, a primeira coisa que me veio à cabeça foi você. Eu estava com medo de que

estivesse aqui. Mas tive mais medo de que você estivesse vivendo a sua vida como se eu não tivesse significado nada. Eu tinha medo de que você seguisse em frente enquanto tudo o que fiz foi ficar presa a você.

— Eu...

— Você o quê? — eu o interrompo.

— Sente muito?

Ele concorda.

— Mas você faria tudo de novo se pudesse voltar no tempo, não faria? — Eu pergunto, já sabendo a resposta dele.

Ele hesita em responder à minha pergunta, o que me diz o que eu preciso saber.

— Você já parou para pensar que talvez as coisas tivessem sido melhores

para nós, talvez nós dois fôssemos mais felizes se, em vez de partir meu coração, você me tivesse me dito a verdade naquele dia e tivéssemos resolvido tudo junto? — As coisas poderiam ter sido tão diferentes.

— Eu não consegui. Não conseguia deixar de pensar nisso. Não podia mudar o passado, Amari. Tive que me convencer de que fiz a escolha certa naquela época porque, se não fosse assim, iria atrás de você. Precisava acreditar que estava fazendo a coisa certa, por mim, por Ari e por você

— Se você pensou que estava fazendo a coisa certa, por que está me dizendo agora? — eu pergunto, imaginando o que ele espera ganhar

trazendo à tona todo o passado

— Honestamente — diz ele, estendendo a mão para mim. Ele fica tão perto que quase posso sentir seu coração batendo. — Eu nunca deixei de te amar.

Suas palavras me deixam boquiaberta. Eu o amei esse tempo todo, mas não achei que ele se importasse comigo. Não achei ainda sentisse algo por mim ou que tivesse sentindo em algum momento. Eu acreditei nele quando disse que não me amava.

E agora ele está me dizendo que o sentimento nunca desapareceu.

O que eu devo fazer com isso? Dizer a ele que também o amo? *Ele ainda tinha uma filha com outra mulher.* Se tivesse me contado na época,

eu não teria me importado, eu o teria ajudado a criá-la. Mas ele escolheu mentir para mim. Escolheu me deixar de fora. Decidiu o que era melhor para ele e o que também achava que era melhor para mim.

Eu sei o que é melhor para mim.

— Bem, eu deixei — respondo, forçando a mentira por entre meus dentes enquanto rezo para que ele acredite em mim. Quero que ele se magoe do jeito como me magoou. Do jeito como ainda estou magoada. Mesmo que isso não ajude nenhum de nós. Não quero que ele pense que ainda o amo, mesmo que seja o que sinto.

— Você o quê? — ele pressiona. Eu sei que ele quer me ouvir dizer as



palavras. Quer que eu diga as mesmas palavras que me disse antes.

— Eu não te amo mais... — eu respondo, tentando novamente parecer convincente. Disse a ele o que sempre quis dizer. Disse a mim mesma que se o encontrasse novamente, se a vida fosse tão cruel a esse ponto, eu mostraria a ele que estou melhor sem ele. Eu me levantaria e sorriria porque estava acima dele.

Disse a mim mesma que chegaria uma hora em que eu o deixaria completamente.

Acho que ainda não está na hora, mas ele não precisa saber disso.

— Olhe para mim... Olhe nos meus olhos e diga isso de novo — ele me

pede, chamando-me. Evitei olhar diretamente para ele quando disse essas palavras, porque sabia que ele veria nos meus olhos que estava mentindo.

Em vez de dar a ele o que ele quer, alcanço a maçaneta da porta e a abro atrás dele.

— Obrigada, Sr. Cole, por ter vindo hoje. Vamos garantir que sua filha pegue seus gizes de cera.

— Amari... — ele diz, e eu o encaro.

— Nós terminamos aqui.

Ele assente como se finalmente desistisse.

— Ainda verei você — ele responde com uma confiança que me lembra a da sua filha. Ele sai do meu escritório e eu me concentro em sua figura em retirada,

imaginando o que ele quis dizer com isso.

Fecho a porta e sento-me na minha mesa enquanto suas palavras me atacam. *Eu nunca deixei de te amar.* Esse é o sentimento que ecoa na minha mente. E, independentemente do quanto não queira sentir essa emoção, a esperança toma conta do meu corpo.



## *AMARI*

**D**o meu lugar no sofá, ouço uma batida na minha porta. Levantando-me, eu me pergunto quem poderia ser e minha mente vai para a pior hipótese possível. Christian. Ele disse que esteve aqui no

início da semana e que me veria novamente, portanto, não me surpreendia totalmente se ele voltasse para a segunda rodada hoje.

Não estou pronta para a segunda rodada ou mais nenhuma rodada sobre esse assunto.

Alcançando a porta, respiro fundo e a abro.

— Por que você demorou tanto?! —  
minha melhor amiga diz antes de me envolver em seu abraço de urso.

O alívio me inunda.

— O que você está fazendo aqui? —  
digo enquanto mexas de seus cabelos me engolindo. Nojento, eu sei, mas ela tem tanto que, quando não está contido em um elástico, está por toda parte.

— O que você quer dizer? — ela pergunta, soltando-me. — Eu disse que viria.

Abro o resto da porta, deixando-a entrar.

— Eu estava esperando você amanhã. — Ela disse que chegaria na sexta-feira, não na quinta.

— Acabei terminando o trabalho mais cedo do que esperava. Pareceu certo vir e surpreendê-la. Imaginei que estivesse em casa a essa hora.

— Bem, você estava certa. Cheguei aqui há alguns minutos. — Eu dou um passo para trás do seu abraço e sorrio para ela. Minha melhor amiga sempre faz tudo ficar bem.

— Vejo que você já está de pijama

— diz ela, observando minha aparência.  
Eu sentia tanto a falta dela.

— Pelo menos você me encontrou vestida — digo a ela, rindo.

— Espertinha — ela fala de volta.

— Senti sua falta — digo, abraçando-a mais uma vez. Abraço-a com força e, inesperadamente, começo a soluçar.

— Deixe sair, amor, deixe sair — ela me diz o que já me disse muitas vezes antes.

Ultimamente, parece que tudo o que faço é chorar.

— Eu sinto muito! — Eu limpo as lágrimas e internamente imploro para que parem.

— Christian, hein? — Emely diz

conscientemente.

Eu afasto minha tristeza.

— Você veio dirigindo? — eu pergunto, fechando a porta atrás de nós.

— Não para Forest Pines, não. Vim de avião e aluguei um carro no aeroporto.

— Você deveria ter me ligado... eu teria ido te buscar. — Estou tentando mudar a conversa porque não quero falar sobre ele. Não agora.

Nós seguimos para a sala de estar.

— Eu pensei que seu carro não estava funcionando...

— Não, não está. — Espere um segundo. — Como você sabia que não estava funcionando?

Ela me dá o olhar '*oh, merda*' que eu



conheço muito bem.

— Você me disse — ela responde alguns segundos depois.

Sei que não contei a ela que meu carro não estava funcionando, principalmente porque contar a ela levaria a uma conversa inteira sobre o que aconteceu depois que ele quebrou. Falar com ela sobre o meu carro teria aberto uma lata inteira de minhocas sobre Christian, que não estava pronta para enfrentar.

— Não minta para mim — digo a ela, enquanto nós duas estamos na frente da sala de estar. Deus, estou tão cansada de mentiras. Por que todo mundo mente para mim? Por que as pessoas não pensam que eu mereço a verdade?

Quando a honestidade deixou de ser a melhor política?

— Amari — ela começa e o olhar em seus olhos me diz que não vou gostar do que estou prestes a ouvir.

Quando ela se aproxima de mim, dou um passo para trás.

— Como você sabia? — eu pergunto de novo.

— Se vamos conversar agora, precisamos de uma bebida.

— Podemos pular a bebida e ir direto para a verdade. — Meu peito aperta e espero a merda ser jogada no ventilador. Se minha melhor amiga acha que eu preciso de álcool para ouvir o que ela está prestes a dizer, não é uma coisa boa.

Eu vejo o olhar impotente em seus olhos, um olhar que ela não usa com frequência.

— Você confia em mim? — ela pergunta.

— Eu confio — digo a ela. Eu confio nela para tudo. Mas a cada segundo em que permanecemos ali, paradas, começo a duvidar se devo.

— Tudo bem, vou precisar usar meu cartão de melhor amiga enquanto ainda o tiver — diz ela, e a seriedade incomum em seu tom confirma para mim o que eu já imaginava. Além de Hannah, a única pessoa que sabia que meu carro não estava funcionando é Christian. Eu sei que não foi Hannah porque elas não se conhecem. E mesmo que Hannah tivesse

contado a ela, ela já teria me dito. Não seria tão complicado quanto está fazendo parecer.

*Emely ficou sabendo por Christian.*

*Emely falou com Christian.* Minha mente chega à sua própria conclusão, fazendo meu coração questionar tudo no processo.

Essa é a única explicação razoável e, no entanto, é tão irracional. Não faz nenhum sentido. Por que minha melhor amiga entraria em contato com meu ex-namorado? Foi só há algumas semanas que tive a chance de trocar palavras com ele. Por que ele se sentiria confortável em contar a ela sobre o status do meu carro?

— Você só precisa falar comigo,

está me preocupando. Estou começando a pensar o pior de você e não gosto disso. — De modo algum. Emely tem sido uma rocha na minha vida, sustentando-me quando eu sentia que não podia mais seguir em frente.

Ela respira fundo e, de onde estou, parece doloroso.

— Podemos ir a algum lugar para tomar uma bebida?

— Não, precisamos conversar agora — digo a ela. Minhas palavras são firmes, não deixando espaço para discussão.

Ela olha ao redor da sala e, por um segundo, acho que está prestes a sair daqui.

— Você tem uísque? — ela pergunta.

Acho que ela realmente precisa de um pouco de coragem líquida para me dizer o que está acontecendo.

— Sim eu tenho.

— Você poderia me servir um pouco?

— Você realmente precisa de álcool para falar comigo agora? — Nesse ritmo, de fato, darei a ela o que quer para que possa finalmente me dizer o que eu preciso saber.

— Sim e acho que você também. Então, vamos pegar dois copos. Um para você e um para mim.

Eu olho para ela, tentando descobrir o que está escondendo de mim.

— Emely, você está me assustando.

— Eu sei... é um pouco assustador

ter essa conversa com você. Podemos primeiro tomar um drinque, e então depois eu te conto tudo?

Tudo. A última palavra parece tão estranha, e eu estou aqui sem nenhuma pista do que isso significa.

Estou desesperada para ouvir o que Emely tem a dizer, e sei que ela não me dirá até que eu sirva a nós duas as bebidas que ela acha que precisamos desesperadamente.

Dirigindo-me para a cozinha, vasculho o armário de bebidas e encontro uma garrafa de uísque fechada. Não leio mais o rótulo do que acho que é uísque. Eu nem reparo no nome da marca. Percebo o pó na garrafa e decido lavar para limpá-la.

Pegando dois copos do armário à esquerda, encho cada um com uma forte dose.

Com as bebidas nas mãos, volto à sala de estar onde encontro minha melhor amiga sentada no sofá que desocupeei alguns minutos atrás. Melhor amiga... Espero que depois dessa conversa eu ainda possa chamá-la assim.

— Tudo bem, aqui estão as bebidas — digo a ela, colocando-as sobre a mesa.

— Sente-se comigo — diz ela, batendo na almofada ao lado dela.

Sento-me a alguns centímetros dela.

— Você pode apenas tomar um gole grande antes de começarmos? — ela



pergunta nervosamente. O acúmulo disso está me deixando louca.

Em vez de discutir com ela, pego meu copo e bebo um pouco do uísque, sentindo-o queimar enquanto desce pela garganta. Termino e imediatamente Emely pega o dela. Ela toma um gole enorme do uísque e eu assisto, esperando qualquer tipo de reação dela; ela não me mostra nenhuma.

— Você está pronta? — Emely pergunta.

Sim. Não, eu não sei.

— Depende do que você vai dizer.

— Vou contar tudo a você... desde o início.

— Ok — eu respondo, preparando-me.

— Então, Christ... — ela começa, e eu sinto meu coração se revirar no estômago no momento em que ela pronuncia o nome dele.



## *CHRISTIAN*

— Continue se esforçando, você pode fazer isso! — Estimulo um dos jogadores de futebol, Atkins, quando ele termina sua última volta. Ele me disse que seu objetivo pessoal é ficar mais rápido este ano, e eu disse a ele que

contanto que continue pressionando a si mesmo, ele pode conseguir isso. Só tem que continuar tentando.

— Continue! — eu digo a ele quando passa por mim novamente, correndo mais uma volta. Meu incentivo não é apenas para ele. É para mim também. Tenho que continuar tentando. Preciso começar do zero e construir meu caminho com ela novamente.

Meu objetivo é fazer com que Amari me perdoe ou me olhe nos olhos e diga que não me ama mais. Qualquer uma dessas coisas vai funcionar. Se ela me perdoar, então talvez eu possa conquistar seu coração novamente. Se me disser que não me ama, saberei que não há esperança. Saberei que tudo o

que tínhamos está enterrado no passado.

*Nós terminamos aqui.* Essas foram as palavras que ela disse enquanto mais uma vez me chutava para fora do escritório. Depois que disse isso, percebi que ainda havia esperança. Que as barreiras que eu percebi que se quebraram no momento em que ela finalmente concordou em entrar no carro comigo eram reais. Ela não conseguiu me olhar e me dizer que não me amava, o que significa que ainda ama.

Mas o amor não basta.

Não quando eu a machuquei tanto.

Eu disse a ela que fiz a escolha que achava certa. Na época, eu acreditava no que estava fazendo. Eu queria ser o herói dela. Eu queria salvá-la do mal

que eu representava.

Mas eu poderia ter feito as coisas de maneira diferente. Deveria ter feito. Talvez estivéssemos, ela e eu, criando Ari juntos esse tempo todo. Mas talvez não fosse assim. Talvez ela tivesse me deixado depois de algum tempo. Talvez ela estivesse comigo enquanto me odiava. Um milhão de coisas poderiam ter acontecido e não faz sentido perder tempo pensando no que poderia ter sido.

Eu tenho que ganhar a confiança dela, porque, embora ela ainda possa me amar, é óbvio que não quer nada comigo.

— Tudo bem, é isso! — digo a Atkins quando ele me passa pela terceira vez. Seus companheiros de

equipe ao meu lado aplaudem quando eu anuncio a hora. — Você superou vinte segundos desde a semana passada — informo.

Meu anúncio é recebido com aplausos de seus companheiros de equipe.

— É isso aí! — um dos jogadores o parabeniza. — Eles não vão conseguir vê-lo chegando! — outro jogador grita.

— Está certo. Esse foi o treino de hoje. Teremos um jogo em breve, portanto, estejam preparados para praticar mais nos próximos dias!

Poucos minutos depois, todos os jogadores deixaram o vestiário e o último deles desocupou o meu escritório. Reunindo minhas coisas, olho

para o meu telefone para ver se há alguma ligação perdida. Quando olho para a tela, percebo que tenho uma mensagem de texto de Emely.

**Emely:** Estou quase lá.

Essa mensagem chegou cerca de uma hora atrás, então suponho que ela já esteja lá, na casa de Amari.

**Christian:** Ok, obrigado novamente por me deixar falar com ela primeiro.



Eu não acho que ela tenha me deixado. Quando Emely, que é a melhor amiga de Amari desde que eu as conheço, veio me confrontar um dia depois de eu terminar com Amari, não sabia o que fazer ou como reagir. Quero dizer, ela me amaldiçoou e eu mereci todas as suas duras palavras. Essa foi a última vez que ela falou comigo até esta terça-feira.

Receber uma mensagem dela me avisando para ficar longe de sua melhor amiga foi inesperado, mas não totalmente surpreendente. Suponho que Amari tenha lhe contado tudo sobre ter me encontrado. Emely me disse que ela me cortaria em pedacinhos se eu a machucasse novamente.

Liguei para ela de volta. Não sei por

que fiz isso, exceto que precisava de alguém para me ouvir. Alguém que nos conheceria antes de terminarmos. Alguém que sabia o quanto ela me amava e o quanto eu a amava.

Vou até a minha caminhonete lembrando a conversa que tive com Emely.

— Oi, Emely — eu a cumprimento quando ela atende ao telefone.

— Por que está me ligando? — pergunta, seu tom indignado. Ela precisa entrar na fila porque a lista de pessoas que eu irritei na minha juventude nunca terminava.

— Amari está de volta — digo,

*como se ela já não soubesse. Ela não teria me alertado sobre ficar longe de sua melhor amiga, se a Amari ainda estivesse morando há seis horas de distância como ficara por seis anos.*

*— Eu sei que você já a viu — ela me diz. — Por que está me ligando? — pergunta novamente, e eu honestamente admiro o jeito como fala comigo. Ela não gosta muito de mim, e eu gosto disso. Ela é uma amiga leal, que defenderia ferozmente a Amari. Ela lutaria com qualquer um pela Amari, inclusive comigo. Estou contente que Amari a tenha.*

*Eu limpo minha garganta.*

*— Sei que você quer que eu fique longe dela.*

— *Eu não estou lhe pedindo um favor. Estou lhe avisando, você precisa se afastar dela — ela diz, cortando-me.*

*Eu não posso ficar longe.*

— *Não mais.*

— *Por quê? Você conseguiu não ligar para ela por seis anos longos. Por que não se afasta dela agora, quando poderia facilmente quebrar seu coração?*

*Ficar longe da Amari seria impossível se ela tivesse permanecido nesta cidade. A única razão pela qual não a vi desde que ela partiu foi que eu era muito covarde para bater à porta de seu apartamento. Dirigi por seis horas. Seis longas horas e pensei em tudo que diria para ela quando a visse.*

*Então, cheguei ao apartamento dela, descobrindo onde estava com uma pequena ajuda dos pais. Eu estava prestes a saltar do meu carro e bater na porta dela quando a vi. Ela parecia tão bonita como sempre e meu coração estava batendo fora do meu peito. Eu a vi com a mochila nas costas e um livro na mão. Vi o sorriso no rosto dela, e isso me convenceu a ficar no carro. Seu sorriso me levou a afastar-me dela naquele dia.*

*Deixei-a por uma razão.*

*Ela precisava seguir seus sonhos, viver sua própria vida. Eu não queria entrar no caminho de sua felicidade.*

*Mas ela está aqui agora e foi escolha dela vir.*

— Você não tem razão para acreditar em mim — eu começo.

— Você está certíssimo — ela diz, cortando-me novamente.

— Eu errei — digo a ela, tentando fazê-la me ouvir.

Ela zomba.

— Não é preciso ser um gênio para perceber isso.

— Mas eu quero consertar as coisas — acrescento.

— Consertar? — ela pergunta, surpresa que eu tenha proferido essas palavras. — Como diabos você planeja fazer isso? Você não acha que está atrasado demais?

Pelo meu bem, eu realmente espero que não esteja.

— *Estou tentando descobrir como.*

— *E você me ligou por quê? —*

*Emely pergunta impacientemente. Estou surpreso que ainda não tenha desligado.*

*Solto um profundo suspiro e deixo tudo sair de uma vez.*

— *Porque ... eu preciso da sua ajuda.*

— *Eu nunca vou ajudá-lo.*

— *Isso é justo.*

— *Mais do que justo —* *ela responde e depois desliga.*

Que bom que ela mudou de ideia.



22

## *AMARI*

— Então, eu desliguei — ela me diz. Ela foi meticulosa em todos os detalhes e, independentemente de quantas perguntas eu tenha, não vou fazê-las. Quero a história completa antes de começar a criticá-la. Antes de



começar a perguntar por que não me contou nada antes. Não entendo por que ocultaria essas informações da pessoa que chama de melhor amiga.

Eu engulo em seco a traição com cada palavra que ela pronuncia, mas controlo minha expressão para parecer o mais neutra possível. Preciso conhecer a história completa antes de deixar minhas emoções ditarem minhas ações.

Ela olha para mim como se estivesse esperando que eu respondesse, que dissesse alguma coisa. Eu a olho com expectativa, e ela percebe o fato de eu estar dizendo para ela prosseguir com meus olhos em vez de minhas palavras. Quando contei a Emely sobre Christian, ela disse que poderíamos discutir isso

pessoalmente quando chegasse. Pelo que parece, ela não precisava que eu explicasse o que estava acontecendo. Ela estava descobrindo tudo sozinha. Bem, não por conta própria, com a ajuda de Christian.

— Ele me ligou de volta, no entanto. — Duas ligações em um dia para a minha melhor amiga, e eu não sabia nada sobre elas até esse instante e só porque praticamente a forcei a me dizer depois que cometeu seu deslize. Pego o copo de uísque da mesa e tomo outro gole. Pelo menos Emely não estava errada sobre o fato de que eu precisaria de uma bebida para acompanhar esta conversa. Isso torna as coisas mais fáceis de serem engolidas ou, pelo menos, permite que

eu me concentre, por um momento, na sensação de queimação do uísque, em vez do sentimento de ter outra pessoa me decepcionando.

Ela observa o copo na minha mão, acompanhando meus movimentos. Reparo que quer desesperadamente saber o que estou sentindo e tenho orgulho de mim mesma por minha capacidade de me tornar ilegível. Acho que a última semana me ensinou alguma coisa, afinal.

— O que aconteceu, então? — eu pergunto, sentindo que se não conduzir essa conversa, ela nunca chegará lá.

— Ele me ligou para me dizer que tinha uma filha. — Estou chocada que ele tenha revelado isso a ela tão

facilmente, mas eu tive que descobrir por mim mesma. — Me disse que ela estudava na sua escola e que você sabia.

— Ele se sentiu muito confortável te contando muitas coisas — brinco, incapaz de me conter.

Sua cabeça tomba de vergonha, e eu me sinto mal por dizer o que disse. Então ela começa a falar novamente e meu arrependimento desaparece.

— Eu queria desligar o telefone. Queria gritar com ele.

— Então, por que não desligou? Teria sido fácil.

— Porque ele parecia sincero no que queria fazer.

— O que ele queria fazer? — eu pergunto.

— Ele queria se desculpar com você.

Pedir desculpas? Minha melhor amiga escondeu tudo isso de mim porque Christian queria se desculpar.

— E isso fez tudo ficar bem?

— Não, não fez. Mas ele me disse que você pensava que ele a traiu. Ele me explicou por que te deixou. — Estou presa ao fato de minha melhor amiga ter recebido uma explicação sobre os motivos pelos quais ele me deixou antes de mim.

— E o quê? Isso fez de você a melhor amiga dele? Você acha que ele ter partido meu coração assim fazia sentido?! — eu grito, levantando-me do sofá em um acesso de raiva.

— Não, de jeito nenhum — diz ela, levantando-se e caminhando em minha direção.

— Ele te disse que engravidou alguém antes de começar a me namorar?

Ela assente.

— Ele disse que me deixou porque achava que isso era o melhor para mim? — eu pergunto novamente, minha voz ficando mais alta.

Mais uma vez, Emely assente.

— E ele te contou tudo isso na terça-feira? — Eu sei que ela já disse isso, mas não posso deixar de perguntar novamente.

— Sim, ele contou. Bem, ele também me disse que finalmente falou com você na quarta. Foi quando soube que seu

carro estava quebrado.

Uma risada sem humor me escapa quando começo a andar pela pequena distância da minha sala de estar. Eu não sabia que os corações eram tão fortes, porque o meu continua quebrado e ainda não parou de bater. Minha melhor amiga e o único cara que já amei me traíram.

— Então você sabia antes de mim e não se incomodou em me contar?

— Ele me pediu que não contasse.

— E isso foi o suficiente para você esconder longe de mim ?! — eu grito, olhando para ela com raiva nos meus olhos. — Ele disse para não contar à sua melhor amiga, a garota que você viu se despedaçando em um milhão de pedaços no momento em que ele partiu o coração

dela, a garota que ainda está tentando unir esses pedaços, mas isso foi suficiente para você manter o segredo? Ele *apenas* ter te pedido? — pergunto, incrédula. Lágrimas escorrem pelo meu rosto e não sei dizer se é porque estou machucada ou porque estou com raiva. Aposto que é uma mistura de ambos.

Emely tenta se aproximar de mim, mas me afasto dela rapidamente. É quase como se não reconhecesse a garota na minha frente. O telefone dela vibra, e nós duas nos viramos para a mesa de café.

*Christian*

Esse é o nome exibido na tela e vê-



lo eleva minha raiva a novas alturas.

— Você precisa atendê-lo? — eu pergunto, apontando o telefone para que ela saiba que eu notei.

Ela balança a cabeça.

— Ele queria ter a chance de explicar tudo para você. Sentia que lhe devia pelo menos isso. Eu queria te contar, mas ele disse que iria fazê-lo no dia seguinte. Eu lhe disse que se não o fizesse, eu faria — ela tenta explicar seu raciocínio.

Não sei se os motivos dela tornam a situação melhor.

— Você deveria ter me contado, de qualquer maneira. — No momento em que ela soube, deveria ter me ligado, mandado uma mensagem, enviado e-

mail, um maldito pombo-correio. Qualquer coisa.

— Você teria me contado? — ela pergunta, cruzando os braços em desafio.

— O fato de você fazer essa pergunta já diz o suficiente sobre a nossa amizade. — Inferno, sim, eu teria contado a ela. Nem teria pensado duas vezes. Se eu tivesse visto Emely desmoronar por causa de um cara e soubesse que ela estava sofrendo ainda mais porque achava que ele a traiu, porque ele tinha uma filha, porque não sabia em quê acreditar, eu contaria a ela.

Ela se aproxima de mim novamente, mas não recuo dessa vez.

— Christian queria falar com você.

Achei que ele merecia isso.

— Fico feliz que você tenha achado que ele merecia a chance de se explicar mais do que eu merecia a verdade.



## *CHRISTIAN*

O telefone toca, eu me afasto da cozinha e vou para a sala de jantar.

Olhando para o identificador de chamadas, percebo que Emely está me ligando, o que não é uma coisa boa,

considerando que ela deveria estar com Amari.

— Oi — eu respondo, preocupado.

— Ei... — ela começa e sinto algo nessas palavras que não posso necessariamente definir. — Amari me expulsou — acrescenta ela. É isso.

É minha culpa.

— Merda, sério? — Olho ao redor da sala para me certificar de que Ari não estava aqui para me ouvir xingar.

— Você precisa que eu te pegue? — eu pergunto, sem saber de que outra forma posso ser útil.

Volto para a cozinha e verifico o jantar.

— Oh, absolutamente não. Se ela visse você parar na casa dela para me

buscar, nunca me perdoaria. Além disso, aluguei um carro, então estou bem.

— Ela sabe, hein? — eu pergunto, incapaz de impedir que a culpa me atinja no estômago.

Eu ouço o som do que provavelmente é o carro dela ligando.

— Eu escorreguei quando falei que sabia que o carro dela tinha enguiçado.

— E ela conectou os pontos? — pergunto. Amari sempre foi inteligente. — Então fez você contar tudo a ela?

— Sim — Emely diz. — Pelo menos ela não me bateu, embora eu pudesse sentir nos olhos dela que era o que queria fazer. Eu nunca a vi tão brava comigo.

— Sinto muito — repito, sem saber

mais o que dizer.

— Não é sua... bem, na verdade, é. Mas não inteiramente sua culpa. Eu deveria ter conversado com ela no momento em que você me contou tudo — ela responde. Estou chocado que ela não esteja gritando comigo.

Sento-me à mesa da cozinha.

— Eu pedi para você não fazer.

— Você não é meu amigo, ela é — Emely acrescenta, e eu assinto. — Eu não deveria ter ouvido você.

— Estou feliz que você tenha feito isso. — Acho que Amari precisava ouvir a verdade de mim.

— Eu... nem tanto — diz ela com um suspiro. — O que você vai fazer agora?

— Eu vou ficar na casa da minha tia.

Ela ainda mora aqui. Então vou rastejar e ver se Amari me perdoa. Juro que a decepção em seus olhos me fez sentir a pior pessoa do mundo. Eu conheço aquela expressão muito bem. — Não deveria ter envolvido Emely. Aposto que Amari está ainda mais irritada comigo agora que ela sabe que eu confiei em Emely antes de confiar nela.

— Eu sinto muito. — Pareço um disco quebrado, mas não há realmente mais nada a dizer. — Não deveria ter pedido para você guardar meus segredos.

— Não estou dizendo isso para fazer você se sentir um imbecil. — Ela faz uma pausa e acrescenta: — Na verdade, acho que estou um pouco.



— Não te julgo. Eu sou o idiota que ficou entre você e sua melhor amiga.

— Você também é o idiota que machucou a minha melhor amiga — acrescenta ela.

— Eu também sou o idiota que ainda a ama — confesso. — O idiota que nunca deixou de amá-la.

— Você é o idiota que fará o que estiver ao seu alcance para corrigir as coisas — diz ela. — A propósito, não é uma pergunta.

— Confie em mim, se houver uma maneira de corrigir as coisas, não pararei até encontrar. — Penso em uma pergunta que quero fazer, mas não sei se devo. Se eu mereço a resposta ou se Emely se dará ao trabalho de me dar.

Decido ir em frente, porque o que de pior pode acontecer? — Você acha que há uma chance de eu consertar as coisas? — pergunto.

Há uma longa pausa do outro lado da linha. Tudo o que posso ouvir é o som do vento, pois presumo que ela esteja se afastando da casa de Amari.

— Você quer que eu seja honesta? — ela pergunta, e meu coração afunda com o que eu espero que sua resposta seja.

— Eu nunca achei que você não fosse.

— Bem, considerando que eu não fui honesta com minha melhor amiga, eu diria que o júri teria suas dúvidas sobre minha inocência.

— Você atrasou a honestidade, mas

não a reteve completamente.

— Se ao menos Amari tivesse comprado essa teoria. Vou ter que implorar pelo perdão dela. — Posso dizer que ela está desesperada para que sua melhor amiga não fique brava com ela. É evidente na maneira como continua voltando ao que precisa fazer para consertar as coisas. Estou chateado por saber que a única pessoa em quem Amari confia não pode confortá-la agora, porque eu a envolvi em tudo isso. Aposto que ela se sente traída por todos nós.

— Sinto muito — repito mais uma vez. Ando fazendo muitas coisas horríveis e aparentemente ainda estou trazendo outras pessoas comigo, mesmo

sem querer.

— Eu acho que há uma chance.

— Uma chance dela te perdoar? — eu pergunto. Espero que haja mais do que uma chance.

— Uma chance dela *te* perdoar — ela corrige, e suas palavras fazem o buraco que senti no fundo do meu estômago desaparecer instantaneamente.

— Sério? — pergunto, tentando não parecer muito esperançosa, mas sei que estou falhando.

Emely murmura algo baixinho.

— Vi nos olhos dela. Ela ainda te ama. Acho que você a machucou mais do que eu imaginava. Quando você me enviou uma mensagem anteriormente e seu nome apareceu no meu telefone, ela

não conseguiu esconder o ciúme em seus olhos. É uma loucura que ela fique com ciúmes porque... bem, eu não tenho nenhum interesse em você e acho que é um idiota. Ainda assim, a reação dela me mostrou o que eu sempre soube. Ela te ama, sempre amou. E agora que ela sabe o motivo pelo qual você a deixou, o que foi estúpido, a propósito... — ela faz uma pausa.

— Eu sei... eu sou um idiota que toma decisões estúpidas. — Percebo que deveria ter feito as coisas de maneira diferente.

— Você é mesmo... mas, por alguma razão, minha melhor amiga ainda te ama... então, é isso.

— Existe uma chance! — eu

respondo e se não estivesse ao telefone agora, estaria pulando na minha cozinha como um garoto de quinze anos que acabou de descobrir que a garota mais gostosa da turma gosta dele.

— Eu tenho que ir. Estou quase chegando na casa da minha tia e depois vou ligar e enviar mensagens para Amari um milhão de vezes e implorar por seu perdão.

— Acho que nós dois faremos isso — digo a ela com um sorriso no rosto.

— Fique avisado de que não quero mais falar com você, pelo menos não até você e Amari se acertarem, se isso acontecer.

— Por quê?

— Se você recuperá-la — ela

começa. *Quando eu a recuperar*, corrijo mentalmente. — É melhor você não estragar tudo de novo.

— Quando eu a recuperar — não consigo evitar dizer isso em voz alta —, garanto que nunca mais tomarei uma decisão idiota. Confie em mim.

— Não sou eu quem tem que confiar em você, é ela. Mas saiba que se machucá-la novamente, o inferno parecerá um lugar muito mais agradável do que onde você vai acabar.

— Anotado. Vou parar de ser um idiota — asseguro-lhe.

— Ótimo. Ainda bem que concordamos em algo. Tenha uma boa noite.

— Boa noite e boa sorte. Sinto muito

por colocá-lo nessa posição.

Emely resmunga e depois desliga. Aproximando-me do fogão, desligo o macarrão que vamos comer novamente esta semana, a pedido de Ari.

— Papai, por que você é um idiota e que decisão estúpida você tomou? — a voz de Ari surge do nada, assustando-me. Como devo responder a essas perguntas?

A decisão estúpida que tomei foi mentir, então desta vez vou optar pela verdade.

O que tenho que descobrir agora é como dividir isso com uma criança de seis anos.

Acho que vou começar do começo.





## *AMARI*

**E**u acordo e tento ignorar meu telefone porque sei o que vou encontrar. Ontem, tive que desligá-lo depois de dez chamadas perdidas e cinquenta mensagens de texto de Emely. Passei o dia de trabalho

ignorando-a. Então, cheguei em casa e fui direto para a cama.

Eu me pergunto qual será a provação de hoje.

Não quero ouvir o que ela tem a dizer. Apesar disso, sei que me ama, que ela provavelmente não tinha más intenções ao esconder as informações de mim. Emely não faria algo que achasse ruim para mim. Portanto, a única explicação para o que fez é que não pensou nisso.

Devo culpá-la por cometer um erro? Porém as ações têm consequências. Ela deveria ter me contado e o fato de não tê-lo feito foi uma violação grave do código de meninas ou o que quer que seja. Ela devia aos nossos anos de

amizade ser sincera comigo.

*O que você faria se ela tivesse contado?* Minha mente pergunta, e eu me reviro na cama, gritando contra o meu travesseiro em frustração. Estou frustrada porque não sei o que faria se soubesse antes. Que diferença teria feito ouvir isso dela primeiro ou dele?

*Você está realmente com raiva?* Minha mente continua me atacando com perguntas que não quero responder, perguntas para as quais não tenho resposta.

*Isso é uma mentira.* Uma parte de mim sabe a verdade que não quero admitir. A realidade é que não estou brava por ela não ter me contado, e, sim, por ele ter contado a ela primeiro.

Mesmo que fosse apenas um dia antes, quando ele me contou tudo. Ainda não consigo acreditar que ele finalmente contou a verdade que me ocultou há anos, mas para ela primeiro. Que ele explicou tudo para ela em vez de mim.

Grito contra o meu travesseiro uma segunda vez antes de girar e me levantar da cama. O que eu preciso agora é de um banho e um pouco de comida.

Antes de ir ao banheiro, ligo o telefone, porque é irresponsável deixá-lo desligado, apenas porque quero ignorar minha melhor amiga. Sim, ainda vou chamá-la assim, porque é isso que ela é. Já sei que não ficarei brava com ela para sempre. Apenas por ora.

No momento em que meu telefone

liga totalmente, é como se as comportas tivessem se aberto, e todas as chamadas e mensagens perdidas começaram a explodir. Olho as chamadas perdidas, e vinte delas são de Emely. Como esperado, ela ligou a noite inteira, parando nas primeiras horas da manhã.

Os textos são apresentados um de cada vez e, eventualmente, vejo que, no final das contas, são 100 delas. Emely não é nada senão persistente e o número de mensagens de voz, chamadas perdidas e mensagens de texto mostram isso.

Vejo uma chamada perdida de um número que não reconheço e me pergunto se a Emely está me ligando pelo telefone de outra pessoa ou se é

alguma mãe ou professor ou algo mais importante. A ligação chegou às 9h e, como são 10 horas agora, pode ter sido qualquer um. Considero se devo retornar à ligação, mas não consigo me decidir. Escolho que é melhor descobrir isso depois do banho. Depois de lavar a exaustão desta semana, todos os dias desde que descobri que Christian ainda estava aqui, no lugar em que o deixei antes, mas somente depois que ele me deixou primeiro.

Saio do chuveiro me sentindo revigorada, E a dor de cabeça que estava começando finalmente desapareceu. Independentemente de

como eu esteja com raiva de tudo o que aconteceu, estou feliz com uma coisa... A verdade finalmente surgiu.

As coisas teriam sido muito diferentes se Christian tivesse me mostrado o qual era o problema há muito tempo. Sim, seria doloroso saber que teria um filho com outra pessoa, mas eu sabia que ele tinha um passado. Sabia que ele vivera uma vida e que ele era uma pessoa diferente antes de me conhecer. Antes que se apaixonasse por mim. Ele me avisou sobre seu passado várias vezes quando começamos a conversar. Quando percebeu que eu estava me apaixonando, ele me disse que seria melhor focar minha atenção em outra coisa, outra pessoa.

— Eu não valho a pena, Amari. Você não deve perder seu tempo com um cara como eu — ele me disse, e eu sabia que falava sério. Acreditava seriamente que não era bom para mim... todos os outros também, Emely incluída. Mas eu sabia que ele era melhor que isso. Pude ver a doçura que tentava esconder com uma cara séria e um comportamento hostil.

Eu ficaria chateada se ele me falasse sobre o bebê, mas teríamos trabalhado nisso. Foram ações que ele tivera no passado; o Christian que eu conhecia era diferente. Ele estava melhor. De uma forma ou de outra, nós teríamos descoberto o que fazer. Mas talvez fosse disso que ele tinha medo. Disse que o motivo pelo qual não me contou foi que



sabia que eu desistiria de tudo para ajudá-lo, que não perseguiria meus sonhos porque o seguiria.

Ele estava certo.

A voz da razão novamente aparece e me diz que não posso discutir. Eu teria feito tudo por Christian. Ele me dizia dia após dia que não me merecia, que eu merecia algo melhor, então fez a escolha por mim que sabia que eu nunca faria. Posso realmente ficar brava com ele por isso?

*CHRISTIAN*

Eu liguei para ela de manhã. Queria verificar se estava bem. Queria saber se ela tinha consertado o carro. Se precisava de alguma coisa. Queria ouvir a voz dela. Até liguei para ela pelo telefone de casa para que não reconhecesse meu número. Ainda assim, ela não atendeu.

Então, eu fiz a próxima melhor coisa.

Em vez de insistir em ligar para ela pela segunda ou terceira vez, passei pela oficina de automóveis e comprei uma bateria de carro.

Desligando meu carro, estaciono logo atrás do de Amari. Aposto que ela ainda não consertou a bateria. Faz apenas dois dias, afinal. Saindo do

carro, pego a bateria do banco traseiro e fecho as portas.

Cada passo que dou para mais perto da porta dela pareço estar pisando em vidros. Não sei o que esperar, nem sei se ela está em casa. Mas estou disposto a dar tudo o que tenho. Eu não vou falar da melhor amiga dela porque não quero piorar as coisas. Quero torná-las melhores.

Toco a campainha e espero com a bateria na mão e meus olhos fechados.

— Christian? — No momento em que meu nome sai de sua boca, meus olhos se abrem e a encontro olhando para mim com as sobrancelhas erguidas.

Eu sorrio para ela.

— Sim, senhora.

— O que você está fazendo aqui? —  
ela pergunta, com a mão ainda na porta.  
Aposto que está pensando em me dar um  
tapa.

Erguendo a bateria na minha mão,  
respondo:

— Consertando seu carro.

— Ninguém disse que você tinha que  
consertar meu carro — ela responde,  
soltando a porta e cruzando os braços.  
Meus olhos viajam pelo corpo dela e me  
permito observá-la. Ela está usando  
calça de moletom e um capuz. Eu  
conheço esse moletom.

— Você está usando meu moletom —  
digo a ela, sentindo-me no topo do  
mundo. Se ela está vestindo o suéter que  
ela tirou de mim quando começamos a

namorar, isso deve significar algo, certo?

Ela abre bem os olhos e depois olha para a blusa.

— Eu não... eu devo ... — ela começa a falar, achando difícil formular uma resposta.

— Ainda fica bem em você — digo, meus olhos focados nela enquanto observo suas reações.

Ela cora.

— Você precisa das chaves?

— As chaves? — eu pergunto, confuso.

— Para consertar o carro — ela responde, apontando para a bateria, e percebo que essa é a maneira dela de mudar o assunto.

Lanço a ela um olhar de quem está ciente da situação. Quero que ela saiba que compreendo o que está fazendo.

— Sim. Seria bom — digo a ela. A coisa do suéter já trabalhou a meu favor duas vezes agora. Primeiro, me mostra que Emely estava certa, eu definitivamente tenho uma chance. Além disso, isso a impediu de brigar comigo para consertar seu carro.

Ela se vira e eu prendo a respiração, esperando que não acabe me deixando do lado de fora, afinal. Fico aliviado quando não fecha a porta. Em vez disso, desaparece em algum lugar dentro da casa, e eu fico lá na porta dela, esperando que saia. Alguns segundos depois, volta com as chaves do carro na

mão e sem o suéter.

— Vejo que você decidiu renunciar ao suéter — digo a ela, incapaz de impedir a mim mesmo de continuar voltando ao assunto.

Suas bochechas ficam coradas mais uma vez. Aproximo-me dela, sentindo a força contra a qual nunca consegui lutar. Levantando minha mão, eu a aproximo do seu rosto, querendo sentir sua pele sob as pontas dos meus dedos. Ela me observa atentamente, mas não me impede. Seus olhos saltam para frente e para trás entre mim e a minha mão. Coloco um fio de seu cabelo atrás das orelhas. Não deixo de perceber o lampejo de desapontamento nos olhos dela quando abaixo a mão e retribuo

outro sorriso. Eu ainda mexo com ela. E ela definitivamente também mexe comigo.

Movo minha mão para a dela e pego as chaves.

— Ver você usando o meu suéter me lembrou quando eu o dei a você — digo a ela.

— Não me lembro disso — ela me diz, mas posso perceber que está mentindo.

— *Não?*

— Não. Eu nem lembrei que era seu até que você falou — ela responde, sempre competitiva.

— Bem, eu lembro que tive um jogo de futebol — começo. — Eu queria que você usasse minha camisa.



— Isso é brega — ela diz, e eu assinto, triunfante. — Engraçado que você não se lembre, porque foi isso que você disse naquela época também. Você disse que os jogadores de futebol adoram quando suas namoradas usam camisas, como uma maneira de mostrar a quem pertencem e como um sinal para os outros se afastarem. Mas que qualquer garota poderia usar a camisa de um jogador. Então, em vez de usar minha camisa nos jogos, você usava meu moletom. Porque só você poderia usá-lo. E você não precisava de uma camisa para dizer que pertencíamos um ao outro.

Não deixo de perceber o jeito como seus olhos lacrimejam.

— Obrigada por vir consertar o carro — diz ela, então se vira e desaparece na casa pela segunda vez. Desta, porém, Amari não volta.

Termino substituindo a bateria e batendo em sua porta.

Segundos depois, ela abre.

— A bateria está pronta. Eu testei. Você não deve mais ter problemas com ela. — Entrego as chaves para ela.

— Eu... hum... Agradeço por você ter vindo consertá-la.

— Essa não é a única coisa que vou consertar — digo a ela.

Ela estende a outra mão para mim e é quando vejo é o moletom que ela está

segurando.

— Aqui.

Oh, inferno, não.

— O que é isso?

— Seu moletom — diz ela. — Pensei que você poderia querer ele de volta — acrescenta ela.

Balanço a cabeça.

— Não é o moletom que eu quero de volta. É você. — Com essas palavras, eu me viro e vou embora.



## *AMARI*

**A** plicando os retoques finais na minha maquiagem, saio do banheiro e entro no meu quarto.

— Sua maquiagem está linda —  
Emely me diz da minha cama.

Eu reviro meus olhos.

— Pare de puxar meu saco. Eu já te perdoei. — Fiquei brava com ela por dois dias inteiros antes de finalmente atender à ligação e dizer que a entendia. Ela apareceu na minha casa com chocolate e vinho uma hora depois.

— Eu sei... mas realmente estraguei tudo. Pensei que você não falaria comigo por anos.

— Eu pensei que não iria falar com você por muito tempo, mas então você me ligou um milhão de vezes, me deixou um bilhão de áudios e um trilhão de mensagens — digo a ela, procurando no meu armário pelo meu vestido.

— Droga, eu fui muito persistente — ela responde, e mesmo que minhas

costas estejam voltadas para ela, posso imaginar o sorriso em seu rosto.

— Você foi... e também não estava totalmente errada — digo a ela, pegando o vestido e caminhando em direção à cama onde ela está sentada.

— Não estava totalmente errada sobre o quê? — ela pergunta, e eu posso entender a confusão em seu tom.

— Você descobriu pouco antes de mim e, embora eu esperasse que me contasse imediatamente, não fiquei assim tão brava com você por não me contar. — Quando se trata de melhores amigas, a honestidade é sempre o caminho a percorrer, por isso decidi ser sincera com a minha melhor amiga.

— Você não ficou? — pergunta, mas

seu olhar me mostra que já sabe o que estou prestes a dizer. Ela me conhece melhor do que ninguém.

Eu a encaro com um olhar.

— Eu estava brava por você ter sabido antes de mim. Por ter sido a você que Christian contou em vez de mim.

Ela assente.

— Isso foi o que eu imaginei.

— Por que você deu a ele a chance de se explicar, a propósito? — eu pergunto, sentando-me ao lado dela na cama. Emely não é o tipo de pessoa que tolera coisas ruins. Ela odiava Christian quando eu comecei a namorar com ele, ela o odiou ainda mais quando ele me magoou, então me pergunto o que a tornou tão misericordiosa. Ela não é

conhecida por dar segundas chances.

Ela se remexe em seu lugar ao meu lado e fica na minha frente, ajoelhando-se para que olhe para ela.

— Você quer que eu seja honesta? — ela pergunta, com as mãos nos meus joelhos.

— Eu meio que estou cansada de ter pessoas mentindo para mim — digo a ela.

— Você o ama — ela me diz. Não é uma pergunta. Não há um pinga de dúvida em sua voz quando pronuncia essas palavras.

— OK.

— Ele te ama — acrescenta ela com a mesma confiança. Desta vez, porém, duvido. Tenho certeza do que sinto, mas



não entendo como ela pode ter certeza do que ele sente. Certamente, não. Faz seis anos.

*Quero você*, as palavras dele voltam à minha mente.

— Por favor, não fique brava comigo de novo... — ela começa, e eu me preparo para o que está por vir. — Mas eu sei que ele te ama.

— Como assim? — Ela está escondendo mais coisas de mim? Ele disse mais alguma coisa?

— Quando você me expulsou da sua casa, eu conversei com ele. Ele perguntou se eu achava que ainda tinha uma chance com você.

— Ele perguntou isso? — repito, ignorando a parte em que ela falou com

ele imediatamente depois que fiquei brava por terem escondido coisas de mim.

— Sim.. — ela diz, e eu posso perceber que ela está tentando ser cuidadosa.

— E o que você disse? — eu pergunto, curiosa para saber qual foi a resposta dela.

Ela segura minhas mãos.

— Eu disse que achava que ele tinha uma chance.

Definitivamente, não era isso que eu esperava que minha melhor amiga dissesse.

— Por que você disse isso?

— Porque eu posso ver nos seus olhos — diz ela. — Ainda posso —

acrescenta ela. Quero argumentar, mas não faço nada, e isso dá a ela a abertura que precisa para continuar. — Ele disse que não irá desistir de você. Que não deixará você escorregar pelos dedos dele novamente. Disse que já cometeu o erro de te deixar uma vez e que, se houvesse uma nova chance, ele não desistiria de tentar te ter de volta. *Quero você*, mais uma vez sou agredida por suas palavras.

Como um balão finalmente se enchendo de ar, meu coração se enche com o pensamento de Christian lutando para me recuperar. Se ele realmente disse isso, e eu não tenho motivos para duvidar de Emely, já que ele disse isso para mim também, se ainda me ama, o

que isso significa para mim, para nós?

— É aí que eu sei que você ainda o ama — diz Emely, apontando para mim. Acho que a esperança que sinto internamente também pode ser vista externamente.

— Pensei que você não gostasse dele — digo a ela, sorrindo.

— Eu não achava que ele era bom o suficiente para você — ela diz, e eu quero pular e defendê-lo como sempre acontecia quando alguém se atrevia a dizer algo ruim sobre ele. — Talvez seja o fato de ele ter uma filha agora ou algo assim... mas acho que ele está diferente, está melhor.

Estou com um pouco de inveja por minha melhor amiga saber mais sobre

Christian do que eu. Mas não digo nada, porque também saberia mais sobre ele se o tivesse deixado falar comigo. Se eu não o calasse e a seus esforços para me contar a verdade por semanas. Se não tivesse ignorado todas as ligações dele esta semana. Por outro lado, se alguém tivesse sofrido tanto quanto eu, não me culparia.

— O que te faz dizer isso?

— Ele apenas parece diferente. Por outro lado, talvez eu simplesmente não o conhecesse o suficiente na época. Foi realmente admirável da parte dele amá-la o suficiente para desistir de você no ensino médio.

— Você acha que essa foi a melhor escolha? — eu pergunto sem nenhuma

amargura por trás da minha voz, apenas curiosidade.

— Da sua perspectiva, depois de você chorar por mais tempo do que eu pensava ser humanamente possível, eu diria que não. Mas, pela perspectiva dele, considerando suas razões, acho que era o que ele pensava que fazia mais sentido.

— Então o que você acha agora? — pergunto, imaginando qual seria a perspectiva dela.

— Não acredito muito no destino, mas acho que você voltou para cá por um motivo. Poderia ter conseguido milhões de empregos. Trabalhar em uma escola diferente. Mas você acabou voltando para casa. Acabou como

diretora da escola da filha dele. A primeira garota que entrou no seu escritório foi a filha dele. O primeiro pai que você viu foi ele. São muitas coisas que se juntam para contar como coincidência.

— Você está dizendo o que eu acho que está querendo dizer? — pergunto, incapaz de me impedir de sonhar.

— Acho que talvez o momento não fosse certo da primeira vez. Talvez vocês dois precisassem crescer. Eu não acredito no amor ou em nada disso, você sabe, mas vocês dois... eu não vejo como algo que não era para ser.

— Quem é você e o que você fez com a minha melhor amiga? — pergunto, tentando segurar as lágrimas.

— Eu sei, estou assustada aqui cuspiendo toda essa porcaria de amor. Olha o que você faz comigo! — ela brinca, e isso me faz rir.

Emely está certa. Seja o que for, seja qual for a razão pela qual estou aqui e o porquê de Christian nunca ter ido embora... não posso deixar de pensar que talvez haja mais do que isso. Cada um de nós fez nossas escolhas naquela época, a questão é: que escolhas faremos agora.





26

## *AMARI*

**E**ntramos no ginásio, que foi transformado em salão de baile. Literalmente. Os professores encarregados dessa dança realmente foram excelentes com a decoração. Parece que voltei no tempo e entrei no

meu baile de formatura. Bons tempos.

Lembro-me de pensar em como eu teria que convencer Christian a ir comigo. Além de jogar futebol, no qual vinha se destacando, ele não gostava muito de fazer aparições públicas. Ele parou de ir a festas e não gostava de se unir ao resto da classe. Achava a maioria deles idiotas.

Lembro-me de conversar com Emely sobre como fazê-lo me convidar. O engraçado é que não precisei convencê-lo. Ele ia me convidar para ir com ele. Sabia que eu queria ir, e o Christian que eu conhecia fazia qualquer coisa ao seu alcance para me deixar feliz. *Ele faria qualquer coisa por mim*, minha mente me lembra de uma verdade que eu

sempre soube.

— Garota, isso é dança de criança ou um baile fodástico? — Emely pergunta, um copo de ponche já em suas mãos.

— Quando você conseguiu isso? — eu pergunto, apontando para o copo vermelho na mão dela.

— Você fez aquela coisa em que parece estar sonhando acordada, então eu me afastei e agarrei — ela responde. — Você quer um pouco? — pergunta.

Balanço a cabeça.

— Sim, obrigada.

— De volta a este baile... com que tipo de orçamento vocês estão trabalhando? — ela diz, virando-se e absorvendo tudo.

— Claramente excedemos o orçamento — digo a ela. Essa foi a única maneira concedida para transformar esse ginásio.

— Não, não excedemos — diz Nichols, aproximando-se de mim. — Conseguimos fazer tudo e ficar dentro do orçamento. Você não está orgulhosa? — ela pergunta, com um grande sorriso no rosto, e percebo que está usando um vestido que não parece apropriado para um baile de criança.

— É claro — respondo com um sorriso no rosto que não é muito genuíno, mas espero que ela não saiba. Sei que, de fato, não ficamos dentro do orçamento. Só o DJ já foi suficiente para nos tirar dele.

— Mal posso esperar para a festa começar — responde, batendo palmas.  
— Ohh, tenho que ir! — ela diz quando vê Riley do outro lado da sala com dois copos na mão.

— Você acha que eles batizaram as bebidas? — Emely pergunta, colocando meus pensamentos em palavras.

— Espero que não. — Não tenho ideia de como são esses bailes e a última coisa de que preciso são professores bêbados.

— Então, tudo isso está dentro do orçamento, hein?

— Absolutamente, não. Eu te disse quanto estamos pagando por um DJ, certo? — pergunto.

— Eu faria isso pela metade do

preço — diz Emely, rindo.

— Eu criaria uma playlist no meu telefone e colocaria para tocar — digo a ela.

— Isso consistiria em quê? Seu gosto musical é terrível — brinca minha melhor amiga.

Levo minha mão ao meu coração.

— Ai!

Ela encolhe os ombros.

— Dissemos que não há mentiras. Então, estou sendo sincera. Sua playlist é composta apenas por músicas do início dos anos 2000.

— Foi a melhor época da música — respondo sem apologia.

Emely toma um gole de sua bebida.

— Você vive no passado.

De qualquer maneira, gostava mais daquela época, quero responder, mas não, a autopiedade acabou.

— Nada de errado com isso — digo em vez disso.

— Você viu o vestido dela? — Emely pergunta, mudando de assunto.

Olho em volta, esperando que ninguém a ouça.

— Cara, acalme-se antes de deixar todos os professores com raiva de mim. Estou tentando fazer com que não pensem que os estou julgando.

— É um baile de pai e filha, certo? — ela pergunta.

— Sim — eu respondo.

— Talvez haja muitos pais solteiros em sua escola e essa seja a razão do

vestido — diz Emely.

Eu nunca pensei que a comoção em torno desse baile fosse nada mais que o desejo de deixar as crianças se divertirem. Então, não seria completamente louco pensar que Riley, Nichols e Costa usariam suas melhores roupas em um dia em que a maioria dos homens da cidade estará aqui.

Oh, droga.

Christian é um pai nesta cidade. Não é a primeira vez que penso nele, mas os bailes nunca foram seu ponto forte. Só que ele faria qualquer coisa por sua garotinha. Tenho certeza de que iria a um baile por ela, assim como fez por mim naquela época.

*Ele é um pai sexy e solteiro. A voz*



na parte de trás da minha cabeça diz isso, e eu agarro a mão de Emely.

— Eu preciso de mais ponche — digo a ela.

— Você sabe que isso não tem álcool — diz ela com decepção em sua voz enquanto eu a arrasto para a mesa de lanches. — Tenho um pouco de álcool na minha bolsa, se você quiser, posso adicionar algumas gotas à sua bebida — acrescenta.

Eu paro no meu caminho, viro-me e a encaro com um olhar.

— Você trouxe álcool?! — eu sussurro.

— Você me trouxe para uma festa infantil... pensei em trazer caso precisasse de algo para me animar.

— Não faça com que eu me arrependa de convidá-la — digo, tentando ser a adulta. A verdade é que eu definitivamente me sentiria mais relaxada com um pouco de álcool na mão e melhor ainda se já estivesse no meu corpo. Antes de ele chegar, seria incrível. Porém, isso não pode acontecer, não é assim que se deixa uma boa impressão. É a primeira vez que vou conhecer os pais, por isso preciso ter meu melhor comportamento e minha melhor amiga também.

— Você não é engraçada.

— Prometa que não vai beber — digo a ela.

Ela me dá uma careta, e eu não reajo.

— Ok. Mas você deveria estar mais preocupada com elas — diz ela, apontando para as três professoras encarregadas de garantir que o baile corra bem.

— Espero não ter que me preocupar com elas... nem saberia como corrigi-las.

— Você é a chefe, mas se precisar de ajuda, estou aqui.

Eu rio.

— Sim, mas não, obrigada. — Continuamos andando e chegamos à mesa. Coloco um pouco de ponche no meu copo e no de Emely, e aprecio a paz de um ginásio quase vazio. Nós assistimos enquanto o DJ se prepara e as professoras correm para colocar as

últimas coisas em ordem. Estou pronta para fazer o que for pedido, mas com o passar do tempo parece que ninguém precisa da minha ajuda.

Emely e eu nos movemos em direção às arquibancadas e nos sentamos. Conversamos enquanto esperamos que os pais e os alunos entrem. Eu ouço o que ela está dizendo enquanto olho para a porta principal atrás dela. Sei que deveria estar com raiva dele. Deveria tê-lo superado. Mas não é o caso. No momento, apenas espero ansiosamente que ele e a filha passem por essas portas.

*CHRISTIAN*

— Sorriso — minha mãe pede quando aponta a câmera em nossos rostos. Sorrio enquanto me ajoelho ao lado de Ari. Estamos nos preparando para ir ao baile de pai e filha, o que significa que já faz dois dias desde que deixei Amari em pé à sua porta pensando na minha resposta. *Eu quero você.*

— Isso me lembra das suas fotos do baile — diz a mãe, relembrando. Sorrio quando a memória reaparece. Ela era a única que sabia naquela época sobre Amari e eu estarmos namorando. Eu não queria que os pais dela soubessem, porque no momento em que me vissem, que soubessem da minha reputação, a

forçariam a parar de me ver. Era a decisão certa para qualquer pai, e eu faria o mesmo se minha filha pensasse em namorar um cara como eu, mas eu amava Amari. Não queria que fôssemos separados... não depois de estarmos unidos como irmãos.

— Essa é a mesma câmera que você usou naquela época? — eu pergunto, tentando injetar algum humor nessa conversa.

Ela olha para a câmera e ri.

— É, óbvio! — É uma daquelas câmeras antigas que você precisa imprimir as fotos. Gostaria de saber se ainda existem lojas que fazem isso.

— Você poderia tirar duas com meu telefone só para termos uma cópia de

segurança? — Eu odiaria que todas as fotos se perdessem.

— Uma cópia de segurança, para quê? — ela pergunta, confusa.

— Caso essa câmera pré-histórica falhe. Quero ter certeza de que Ari e eu teremos essas fotos — digo a ela, puxando meu telefone do bolso do smoking e entregando-lhe. Esta é apenas a segunda vez que eu visto um smoking, mas a ocasião exigiu, pelo menos foi o que minha mãe e Ari disseram.

— Pai, vamos nos apressar, não quero me atrasar! — Ari diz com as mãos na minha bochecha enquanto me viro para encará-la.

— De forma alguma. Vovó, você tem uma chance — digo à mamãe.

— Sem pressão! — ela responde.

Ari ri, a câmera clica e o momento é capturado para sempre.

— Papai — diz Ari enquanto eu me levanto da minha posição ajoelhada.

— Sim, querida? — eu respondo, meus olhos fixos nela. — Obrigado por participar do baile comigo — diz, e eu a ergo em meus braços. — Cuidado com o meu vestido! — ela adverte.

— Terei cuidado — digo e depois lhe dou um beijo na bochecha. — É o baile de pais e filhas, como seu pai, é uma espécie de obrigação que eu vá. — Não que eu fosse perder.

— Alguns dos alunos não têm pai, assim como eu não tenho mãe — diz minha filha sempre inteligente, e suas



palavras me deixam sóbrio.

— Sinto muito — digo a ela, sem saber mais o que dizer para justificar a ausência de sua mãe. A realidade é que ela deveria estar aqui compartilhando todos esses momentos com a filha. Deveria ser ela tirando as fotos em vez da minha mãe. Ela provavelmente está tirando muitas fotos de suas últimas aventuras, esquecendo que a filha existe. Eu não tenho notícias dela desde a última vez em que ligou e Ari ouviu.

— Não se desculpe, pai. Se ela quisesse estar aqui, estaria. — As palavras da minha filha mais uma vez me surpreendem. Ela é madura apesar da idade. — Posso te pedir um favor? — ela acrescenta, e eu me pergunto o que

dirá a seguir.

— Qualquer coisa para você — digo a ela, significando cada palavra.

— Se houver alguém no baile cujo pai não estiver lá ou que estiver triste, você poderia dançar com ela?

Eu sorrio para a menina em meus braços.

— Só aponte para mim quem é e eu vou ver o que posso fazer. Eu não sou o melhor dançarino, mas posso apostar que vou me empenhar — digo a ela, iniciando a coreografia mais louca e descoordenada com ela nas costas.

Ela ri e gargalha, o que só me faz dançar ainda mais loucamente. O riso despreocupado da minha filha me lembra que eu não estraguei tudo.

— Precisamos pedir permissão antes de começar a dançar com alguém — ela me diz.

— Isso é verdade. Você aponta para mim e eu peço permissão — asseguro-a, colocando-a no chão.

— OK. Apontarei. Mas, papai...

— Sim?

— A primeira e a última dança são minhas — diz ela, com a mão na minha.

— Sempre, garotinha.

Minha mãe pigarreia, e eu noto as lágrimas em seus olhos.

— Por mais comovente que seja, vocês dois precisam ir antes que se atrasem.

— Vovó, você está chorando? — Ari pergunta, perceptiva como sempre.

Minha mãe assente enquanto enxuga as lágrimas de pura alegria.

— Eu só... estou realmente orgulhosa de vocês dois.

Olho para Ari, e ela olha para mim. Piscando de volta, dou-lhe o sinal e nós dois corremos para minha mãe e a prendemos em um abraço em grupo.

— Nós amamos você, vovó — diz Ari.

— Mais do que você já sabe — acrescento.

— Eu amo tanto vocês que meu coração fica cheio quando eu testemunho momentos como este. — Soltamos minha mãe e a mão dela vai à minha bochecha. — Tenho orgulho do homem que você se tornou. — Eu tomo suas palavras e tenho

que admitir que concordo com ela. Há muito mais para fazer, mas tenho orgulho do caminho que segui. Estatisticamente, as coisas poderiam ter sido muito diferentes para mim.

— Ok, ok, precisamos mesmo ir agora! — Ari diz, terminando o momento.

Estendo minha mão em direção a ela e me curvo como se tivesse recebido a realeza, ela é minha princesa. Ari ri das minhas palhaçadas e pega minha mão. Caminhamos em direção ao carro e seguimos para a escola.



## *AMARI*

**A** mari, você está bem? —  
Emely pergunta,  
aproximando-se de mim  
quando saio da cabine no banheiro  
feminino.

Concordo com a cabeça, enxugando

as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— Sim, eu estou bem — digo a ela, sabendo que não poderia estar mais longe da verdade. Ela também sabe disso.

— Por que você está chorando? — ela pergunta, aproximando-se. Eu dou de ombros. — Você sabe o motivo — diz ela conscientemente.

Eu realmente sei. Estou apenas nostálgica.

— Você o viu? — eu pergunto, sabendo que a pergunta é inútil. Claro que ela o viu. Ele é o cara mais bonito aqui.

— Dã. Como eu podia não ter visto? Ele está perambulando em sua direção

desde o momento em que entrou. Não parou de olhar para frente e para trás entre sua filha e você.

Eu tenho observado ele e a filha desde que chegaram. Quando ele entrou pelas portas, foi difícil não percebê-lo. Estava de smoking, como no nosso baile. Só que parecia ainda mais bonito agora do que na época, o que eu não achava possível. Sua filha segurava sua mão enquanto usava uma tiara e um vestido rosa. Foi a coisa mais fofa que eu já vi e algo me atingiu diretamente no peito. Demorou apenas alguns segundos para perceber o que era essa emoção: uma sensação de perda. Eu os vi e vi um futuro do qual eu poderia fazer parte e, de repente, senti-me vazia. Tive que



correr para o banheiro para me impedir de chorar no meio da academia.

— É só que... — eu começo.

— Você gostaria que fosse sua família? — Emely acrescenta por mim, e eu assinto. Não sei quem é a mãe da menininha e agora sei que ela não é presente, mas gostaria que tivesse sido eu. Que eu fosse a mãe dela e ele meu marido, criando nossa família juntos. Eu adoraria ter aquele felizes para sempre.

— Eu gostaria de... — começo e no momento em que abro a boca, minhas lágrimas seguem.

Emely se aproxima e me abraça.

— Desabafe e depois se recomponha. Você precisa voltar para lá — diz ela, passando a mão pelo meu

cabelo, confortando-me como já fez muitas vezes antes.

Eu limpo minha garganta depois de alguns segundos.

— Tudo bem.

— Você está pronta? — ela me pergunta.

— Deixa eu me arrumar rápido, então estarei pronta! — eu digo a ela. Olho no espelho e tento fazer o meu melhor para consertar a maquiagem que estraguei com lágrimas.

Termino de limpar minha maquiagem e lavo minhas mãos. O telefone de Emely toca, e eu a vejo tirá-lo da área de seus seios.

— Sério? — Eu balanço minha cabeça para ela.

— Eu não trouxe uma bolsa — diz, como se fosse uma explicação razoável pelo motivo de o telefone estar entre seus seios.

— Eu poderia colocá-lo na minha bolsa — digo a ela.

— Eu preciso disso — ela responde, olhando para o identificador de chamadas. — Você vai ficar bem, Amari? — pergunta, já abrindo a porta para sair; deve ser importante.

— Eu vou — eu respondo, então ela sai correndo pela porta.

Eu olho no espelho mais uma vez. Embora eu tenha feito o meu melhor, meus olhos ainda estão vermelhos. As evidências das minhas lágrimas ainda está lá. Chorei tanto nas últimas semanas

que espero que a vermelhidão e a impotência dos meus olhos sejam confundidas com sintomas de alergia.

— Ela acabou de dizer que seu nome é Amari? — uma voz diz, me pegando de surpresa.

Eu me viro e encontro a filha de Christian em pé a alguns metros de mim.

— Sim, ela disse. Esse é o meu primeiro nome — explico. — Amari Santana, mas você pode me chamar de Srta. Santana — eu a lembro. Lembro-me da primeira vez que ouvi os nomes dos meus professores. Foi estranho. Até hoje, se eu visse um deles andando por aí, ainda o chamaria pelo sobrenome. Eu sei que é habitual em lugares como o sul. Mas faço isso porque seria estranho

chamá-los de outra coisa além disso. É como quando você encontra seu antigo professor de inglês em um bar... estranho.

— Isso é interessante — diz ela, seu dedo mindinho subindo até o queixo.

— O que é interessante? — eu pergunto, sentindo que uma criança de seis anos está prestes a me dizer que eu tenho o pior primeiro nome que ela já ouviu.

— Meu pai me deu meu nome por causa de alguém chamado Amari. Foi o amor da vida dele. Não achava que fosse um nome tão comum. — *Não é.*



## *AMARI*

**C**om essas palavras se revirando dentro de mim, Ari apenas dá de ombros e entra em uma cabine.

Com minha boca ainda aberta, eu fico parada tentando processar o que

essa criança de seis anos acabou de dizer. Com apenas algumas palavras simples, ela virou meu mundo de cabeça para baixo, assim como o pai dela.

Faço algo que não devo, espero que ela saia do banheiro porque quero ouvir mais. Como tenho medo de não obter mais nada dela, vou caçar Christian e perguntar a ele. Quero ter certeza de ouvir claramente o que ele tem a dizer antes de deixar meu coração assumir. Eu sei que não devo perguntar à garotinha, a uma aluna, mas não posso evitar. Não quando ela revelou algo tão inesperado.

— Você ainda está aqui? — ela pergunta, saindo da cabine e indo direto para a pia. Ela fica ao meu lado e começa a lavar as mãos.

— Sim... eu só queria saber um pouco mais sobre essa pessoa de quem você recebeu o nome.

— Amari — diz ela, lembrando-me do nome que disse anteriormente. — Como você — acrescenta ela, como se eu já tivesse esquecido. Isso não é algo que eu possa apagar da minha mente.

— Você disse que seu pai lhe deu o nome dela? — pergunto novamente e Ari me lança um olhar impaciente. Como se estivesse confusa por que eu não a entendi da primeira vez.

— Sim. Conversei com ele sobre isso na quinta-feira, e ele começou a me contar sobre sua vida antes de eu nascer. Ele disse que se apaixonou por essa garota chamada Amari, mas que ele foi



um garoto rebelde antes dela.

— Ele disse o quê? — eu pressiono.

— Sim... ele disse que quando descobriu que minha mãe estava grávida de mim, ele sabia que tinha que desistir dela. Mas a amava tanto que, quando descobriu que eu era menina, resolveu me dar o nome em homenagem a ela. Porque ele nos amava igual. Então, Amari e Ari. Veja, é como se eu fosse parte dela. A parte que meu pai quis guardar.

Eu engulo as lágrimas que querem cair, com medo de assustá-la.

— Ele disse o que aconteceu com essa pessoa? — eu pergunto, minha voz perdendo força quando as emoções começam a me dominar.

— Ele disse que está tentando recuperá-la e que ainda a ama. Que errou, mas porque queria o melhor para ela. E ele não achava que não era o melhor, o que é loucura, porque meu pai é o melhor pai em todo o mundo — ela termina com um sorriso.

— Eu não duvido disso — digo a ela, e uma lágrima desliza pelo meu olho.

— Não chore, Srta. Santana — diz ela ao terminar de lavar as mãos.

Limpo a lágrima.

— Eu sinto muito. É uma história comovente — digo a ela.

Ari pega um pedaço de toalha de papel no balcão, seca as mãos e depois dá alguns passos em minha direção.

— Seu pai está aqui? — ela pergunta, pegando minha mão.

— Não. Ele e minha mãe não moram mais aqui na cidade — digo a ela, tentando conter minhas emoções. Estou tão consumida por sentimentos que não sei como lidar com eles. *Ele deu o nome à sua filha em minha homenagem. Disse a ela que ainda me amava. Queria ter uma família comigo. Está tentando me reconquistar.* Todas essas realizações e pensamentos me surpreendem, assustam e me excitam.

— Eu tenho uma ideia — ela responde e depois sai do banheiro, deixando-me para trás mais uma vez, exceto que desta, sou deixada para trás com um milhão de emoções para as

quais não estava preparada.

Levei dez minutos para recompor-me. Tive que reaplicar o pouco de maquiagem que havia colocado, porque estava tudo bagunçado e nada mais poderia consertá-la. Eu sabia que não deveria ter usado nada, mas não esperava chorar hoje à noite.

Há muitas coisas que eu não esperava.

Eu limpo minha garganta uma última vez e depois saio do banheiro. Na saída, me deparo com Emely.

— Ai — diz ela.

— Eu nem toquei em você — digo a ela.

— Desculpe, força do hábito. — Ela encolhe os ombros.

— Você estava me procurando? — eu pergunto.

— Sim, eu terminei a ligação e você não estava no ginásio e nem no seu escritório. Pensei que tivesse me abandonado.

— Não posso sair desta festa... sou a diretora.

— Certo, certo. Então eu decidi verificar o banheiro novamente.

— Como foi a ligação? — pergunto, tentando me distrair.

Ela faz uma cara azeda.

— Eu tenho que partir amanhã. Tenho que voltar ao México porque o cliente está tendo dificuldade e precisa

de alguém para assessorá-lo.

— O que você é? Solucionadora de problemas de clientes?

— Eu acho que sim. Chega de trabalho, por que você ainda estava no banheiro? ela pergunta. — Você ainda estava chorando?

— Sim, mas não pelo que você pensa...

— O que aconteceu? — ela pergunta, a curiosidade pintada em seu rosto enquanto seus olhos me olham com expectativa.

— Eu direi quando chegarmos em casa. Prefiro não abrir as comportas novamente. Levei muito tempo para não parecer atropelada, então vamos falar sobre isso mais tarde. — Eu preciso

voltar para a festa e mostrar o rosto,  
falar com Emely sobre a minha conversa  
com Ari me chateará novamente.

Preciso me acalmar.



## *AMARI*

— Srta. Santana — uma voz que eu reconheço chama meu nome.

Eu me viro para encontrar Christian e Ari em pé, um ao lado do outro e na minha frente.

Tentando evitar olhá-lo nos olhos,



concedo minha atenção à filha dele. A criança a quem ele deu um nome em homenagem ao meu.

— Sim, Ari? — eu pergunto, abaixando-me para ficar cara a cara com ela. Mesmo que não esteja olhando para ele, posso senti-lo. O ar crepita com tanta tensão, e eu não devo ser a única a sentir isso. Mas não quero tentar descobrir se está afetando-o olhando nos olhos dele. Isso sempre foi uma coisa perigosa.

— Lembra de como você estava chorando antes? — ela pergunta, e eu sou atingida pela vergonha.

— Eu não estava — começo a fazer uma pausa, percebendo que não quero mentir ou fazê-la parecer uma mentirosa.

— Eu vi você chorando quando entrei no banheiro. E então, quando eu estava contando a história, pude ver que você queria chorar de novo — acrescenta ela. As crianças nunca perdem nada.

Eu fecho meus olhos e os abro de volta, balançando a cabeça.

— Você está certa. Eu estava chorando. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar.

Eu sorrio para ela, para que ela veja que estou bem.

— Estou melhorando — digo-lhe.

— Eu pensei que você deveria dançar com meu pai — ela diz, e eu tusso a ponto de engasgar.

Colocando-me de pé, vejo quando,

segundos depois, a mão de Christian se estende em minha direção enquanto ele me entrega um copo de água.

— Obrigada — eu digo depois de tomar um gole e controlar minha tosse.

— Meu pai é um cavalheiro — diz Ari, olhando para ele. — Concordamos que, se eu visse alguém triste, com quem eu achava que ele deveria dançar, eu lhe diria. Então, acho que ele deveria dançar com você — diz Ari, sorrindo para mim.

Tomo outro gole da água e, percebendo que não basta, sendo assim, bebo tudo.

— É o seu dia. Você que deveria dançar com ele — digo a ela, tentando argumentar.

Espero Christian dizer alguma coisa, dizer a ela que ele não quer dançar comigo. Que prefere dançar com outra pessoa. Mas, em vez disso, tudo o que ele diz é:

— Adoraria dançar com você — e essas palavras são minha ruína, porque de repente Ari pega a minha mão. Levanto os olhos e encontro os de Christian, e faíscas voam entre nós quando a mão de Ari conecta a dele a minha. Ela nos solta e tudo o que me resta é nossas mãos entrelaçadas. As de Christian parecem diferentes do que costumavam ser, mais ásperas. Mais fortes.

— Veja, meu pai adoraria dançar com você. Você vai dançar com ele? —

ela pergunta, olhando para nós dois.

Eu assinto, percebendo que não há saída, mas mesmo que houvesse, eu não quero negar. Não quando meu coração palpita ao sentir a mão de Christian segurando a minha. Ele a agarra firmemente, tranquilizando-me silenciosamente de que não me soltará desta vez. Engraçado, eu não queria nada além de escapar dele, mas agora não quero nada além de me perder nele.

— Apenas uma dança — digo a ela, porém é mais do que isso para mim. Mais do que uma dança e as coisas podem ficar perigosas, então não poderei me impedir de beijá-lo na escola, na frente de todos.

— Uma dança por enquanto — diz

Ari com aquele sorriso sem-vergonha, como Christian sempre teve.

Ele se abaixa e beija a testa de sua filha.

— Não vá longe demais — ele diz a ela.

— Eu não vou, papai. Vou falar com alguns amigos — diz, apontando para trás, onde um grupo de alunos está rindo enquanto olham em nossa direção. — Aposto que eles acham que vocês estão namorando — acrescenta ela, e o acesso de tosse começa novamente. — Tenho que ir — diz ela quando seus amigos sinalizam para ela se juntar a eles.

— Você precisa de mais água? — Christian pergunta, sua mão esquerda vem logo abaixo do meu queixo

enquanto ele me vira para encará-lo.

Eu lentamente levo meus olhos aos dele. Balanço a cabeça para responder à pergunta quando não consigo formular nenhuma palavra.

— Você tem certeza? — ele pergunta quando minha tosse continua, e seus olhos parecem que estão olhando para minha alma.

Finalmente paro de tossir.

— Estou bem — digo a ele. Sem soltar minha mão, ele me puxa para a pista de dança. Como em todo filme brega, o DJ de alguma forma decide que essa festa não precisa do tipo de música que faz você pular para cima e para baixo, mas, sim, da que deixa tudo mais calmo. Que faz as coisas acontecerem

em câmera lenta.

Christian sorri, e o chão embaixo de mim treme com o impacto.

— Você está pronta? — ele pergunta, diminuindo a distância entre nós. — Senti falta disso — ele sussurra no meu ouvido, enviando choques de eletricidade por todo o meu corpo.

— Senti falta de dançar comigo? — eu pergunto, minha voz pertencendo a uma garota menos confiante. Alguém que está lutando contra suas emoções.

— Senti falta de ter sua mão na minha — acrescenta ele, levando minha mão aos lábios e beijando-a. — Tinha me esquecido de como seus olhos ficam maiores quando você está nervosa — acrescenta, colocando minha mão em



seu peito. — A maneira como meu batimento cardíaco aumenta quando você está perto. — Sinto o batimento do coração dele sob a minha mão. Mesmo com o som da música, os gritos das meninas e seus pais ao nosso redor, eu posso sentir seu coração batendo. Erraticamente. Apressado. Como se estivesse andando de montanha russa. Eu também estou assim.

— Eu também senti falta — digo a ele, surpreendendo-me com a minha honestidade.

— De quê exatamente? — ele pressiona, nossos pés se movendo ao som da música.

— Senti sua falta. De nós — digo a ele com sinceridade.

— Se você me der uma chance, não precisará mais sentir falta.

Se eu desse a ele uma chance... de quê? Será que ele tentaria me conquistar de novo? Ele precisa mesmo? Eu já sou dele, sempre fui. Mesmo que quisesse me libertar do poder que ele exerce sobre mim, nunca foi diferente, e isso é em parte porque nunca quis que fosse.

— Vou te dar uma chance — digo a ele, esperando que ele não faça com eu me arrependa de minhas palavras.

Como se ele estivesse ouvindo meus pensamentos, ele me fez uma promessa.

— Você não vai se arrepender, Amari. — Sua garantia me traz um pouco de paz, mas, ainda assim, a dúvida surge. Ele fez promessas para mim antes

de me magoar, o pode me garantir de que manterá essa?

Inesperadamente, quando a música está prestes a terminar, os lábios de Christian encontram os meus, e eu estou perdida em outra música, exceto que essa não está sendo tocada pelo DJ. Não, essa música vem diretamente de dois corações que finalmente estão batendo juntos e criando a melodia perfeita. Estou perdida na familiaridade e estranheza de seus lábios, de seu toque. Estou bêbada com uma mistura do Christian que conheci e amei e a nova versão dele, que é um mistério que estou me dando a chance de descobrir.

— Eu sabia que era você — diz uma voz e nos separamos imediatamente

como adolescentes que foram pegos fazendo algo que não deveriam. Quando olhamos para baixo, encontramos Ari nos observando.

— Você sabia que era quem, o quê?

— Christian pergunta, nem um pouco abalado pelo fato de que sua filha, e provavelmente toda a escola e funcionários, assim como pais e filhas, acabaram de nos ver nos beijando.

Ari sorri conscientemente.

— Quando você me contou a história sobre a Amari que amava, a garota que escapou, eu sabia que era ela.

Christian olha para mim e depois para a sua filha esperta, aparentemente uma advinha.

— Então, você provocou isso? —

ele pergunta, sua mão encontrando a minha naturalmente, como se estivéssemos fazendo isso há anos. Como se nunca tivéssemos nos separado.

— Você estava demorando muito para tentar conquistá-la de volta. Eu tive que fazer o que pude para que isso acontecesse —, ela acrescenta, e eu fico parada com um sorriso no rosto, enquanto aprecio a criança genial na minha frente.

Christian se ajoelha na frente dela.

— Obrigado pela ajuda, garota. Eu sabia que você era inteligente.

— Eu sou sua filha, afinal — ela diz a ele.

— Isso é verdade — ele diz,

beijando o topo de sua cabeça mais uma vez, e meu coração está cheio de apreciação e amor.

— Amari... quero dizer, Srta. Santana — Ari se corrige, e eu paro de rir. — Meu pai te ama. Você o ama?

Como se estivesse em uma sala de interrogatório, Ari e Christian olham para mim esperando minha resposta, como se o destino do mundo dependesse disso.

— Eu amo... eu o amo. Nunca deixei de amar — admito para os dois.

— Ele me deu o seu nome, então claramente ele nunca deixou de te amar.

*Claramente.*

— Eu nunca consegui — acrescenta Christian.

Uma nova música começa a tocar, e os olhos que eu notei olhando para nós alguns segundos atrás finalmente começam a desviar.

— Podemos descobrir como vou te chamar, se Srta. Santana, Amari, mãe, mais tarde, mas posso roubar meu pai para essa música? É a minha favorita.

Eu concordo. Atordoada por suas palavras. A honestidade dela. A maneira como ela faz as coisas que pareciam tão complicadas serem tão simples.

— Não se preocupe, ele voltará para você — ela acrescenta e depois Christian solta a minha mão e caminha com ela até onde um círculo de dança surge na frente do palco improvisado.

Eu fico parada, minha mente

enevoada com tudo o que aconteceu.

— Você não queria conversar mais cedo, mas definitivamente vamos conversar agora — diz Emely, surgindo do nada. Claro que ela viu tudo. Minha melhor amiga não perde nada.





# Epílogo

*POUCO MAIS DE UM ANO DEPOIS*

*PARTE I*

*AMARI*

A campainha toca, e eu saio da cozinha e vou para a porta.

— Oi — saúdo a mãe de Christian.

— Oi, querida — ela me dá um beijo na bochecha. — Como está tudo?

— O Dia de Ação de Graças é uma grande responsabilidade! — eu digo a ela. No ano passado, fizemos o Dia de Ação de Graças na casa dela e tudo correu tão bem. Desta vez, nos oferecemos para fazê-lo em nossa casa. Sim, nossa. Porque Christian, Ari e eu agora moramos juntos. Nós nos mudamos para minha a antiga casa de infância. Foi preciso muito esforço para que Christian colocasse sua casa à venda, mas a minha era maior e precisaríamos do espaço.

— E eu não sei disso. Fico feliz em passar para você. — Ela ri. — Eu trouxe

um pouco de vinho.

Eu pego a garrafa da mão dela.

— Vamos precisar disso, com certeza — digo a ela.

— Então, onde estão Christian e Ari? — A Sra. Cole pergunta quando começamos a ir para a cozinha.

Ah, sim. Aqueles dois.

— Eu os expulsei de casa enquanto terminava de arrumar as coisas. Eles foram pegar minha mãe e meu pai no aeroporto.

— Oh! Sim. Christian mencionou que eles viriam.

— Ele te disse que foi ele quem os convidou? — eu pergunto.

Ela sorri.

— Seus pais foram muito gentis com

ele quando você partiu. —  
Aparentemente, enquanto eu estava fora, Christian conheceu meus pais. Ele trabalhou nesta casa, no convés dos fundos. Eles o convidaram para um lanche e começaram a conversar. Até conheceram Ari e jantavam juntos de vez em quando. Quando meus pais ligaram para Chris fazendo muitas perguntas sobre mim, ele contou o que estava acontecendo. Tudo o que aconteceu conosco.

Eu fiquei novamente brava com Christian por um tempo. Fiquei furiosa com meus pais, mas não durou. Eles não sabiam sobre Christian na época da escola, porque eu o mantive em segredo por medo do que eles diriam quando o

conhecessem. Eles queriam deixar minhas escolhas por minha conta, mas acho que eles entenderam por que eu não estava mais voltando para casa. Eles disseram que não venderam a casa porque esperavam que eu retornasse. Eles esperavam que Christian e eu nos reconciliássemos.

Dizer que fiquei surpresa é um eufemismo. Acho que foi assim que Christian ficou sabendo coisas sobre mim, afinal.

— Sim, Christian me contou tudo. Meus pais também fizeram o mesmo quando descobriram que estávamos juntos novamente.

— Como eles descobriram que vocês estavam juntos novamente? — ela

pergunta.

Eu dou a ela um olhar conhecedor.

— Seu filho.

— Esse é o meu garoto — ela responde com orgulho.

A Sra. Cole se senta à mesa da cozinha.

— Então, grandes notícias hoje à noite, hein? — ela pergunta enquanto eu verifico o peru no forno pela milionésima vez hoje. Realmente quero ter certeza de que tudo está perfeito.

— Sim, senhora. Mal posso esperar para surpreender os dois — digo a ela. Imaginei que ter nossas famílias no mesmo lugar e ao mesmo tempo seria o melhor momento para dar a notícia a todos, incluindo Ari e Christian. Espero

que eu não queime o peru.

*CHRISTIAN*

— Muito obrigada por nos convidar — a mãe de Amari diz enquanto entra no carro.

— Sim, filho. Obrigado — o marido ecoa.

— Não precisa me agradecer. Fico feliz que vocês passem o Dia de Ação de Graças conosco — digo a eles.

Contornando o carro, vou para o banco do motorista com o Sr. Santana

sentado na frente e a Sra. Santana sentada atrás, com Ari.

— Olha quem temos aqui! — eu ouço a Sra. Santana dizer.

— É muito bom vê-la novamente — Ari a cumprimenta, dando-lhe um grande abraço.

Do meu espelho, posso ver a Sra. Santana passando as mãos pelos cabelos da minha filha com amor.

— Parece que nos veremos com frequência — diz a sra. Santana conscientemente.

— Então, você conhece o plano, certo? — Ari pergunta, e eu rio.

— Ela está se esforçando muito para não dizer nada — eu digo a eles.

O Sr. Santana olha para sua esposa e



minha filha.

— Oh, nós sabemos o plano, com certeza — ele diz a ela.

— Graças a Deus, porque não posso guardar segredo por muito mais tempo.

— Você não precisa, garotinha — digo a ela.

Começo a me afastar do aeroporto e de volta à casa onde minha garota está esperando a família dela chegar. Família, eu gosto do som disso. Amari era o que eu precisava para me completar. Ela era a parte que faltava no quebra-cabeça, uma parte grande também. Agora com ela aqui, a imagem é clara.

— Isso significa que eu vou te chamar de vovó? — Ari pergunta, e

todos no carro começam a rir.

— Eu adoraria muito ter uma neta como você. Claro que você pode me chamar de vovó.

O Sr. Santana pigarreia.

— Na verdade... você só pode tê-la como sua avó se me der a honra de ser seu avô.

— Eu nunca tive um! — Ari exclama, e sou atingido por um pouco de tristeza. Meu pai nunca foi presente e, bem, o lado de Katie também não fazia parte da família.

— Bem, o que você diz?! — O Sr. Santana responde animadamente.

Olho para trás brevemente para ver o sorriso no rosto da minha filha.

— Você sabe que os avós devem

estragar os netos, certo? É isso que faz a minha outra avó — diz ela, e eu balanço a cabeça com o gênio que chamo de minha filha.

— Nós contamos que trouxemos alguns presentes para você? — a Sra. Santana responde, e eu sei que isso sela o acordo.

— Você é a melhor avó! — Ari diz, abraçando-a.

— Vou contar à minha mamãe que você disse isso — brinco.

— Hum... não vamos fazer isso — responde Ari, e todos rimos.

— Nenhum favorito aqui. Todos nós amamos você igual — a Sra. Santana diz a ela, beijando o topo de sua cabeça.

Ari e Sra. Santana estão entretidas em uma conversa no banco de trás enquanto eu falo com o Sr. Cole.

— Muito obrigado novamente.

— Nós não perderíamos isso por nada nesse mundo — ele responde.

— Não por isso, apesar de agradecer por vocês também estarem aqui — digo a ele. — Sou grato a você por me conhecer. Por me ouvir falar sem parar sobre sua filha, sobre o quanto eu a amo. Obrigado por entender as razões por trás dos meus erros e por me informar como ela estava toda vez que teve a chance.

— Escute, filho — ele começa, e o fato de este homem, que não tem nenhuma relação de sangue comigo, me

chamar assim me emociona. — Todos nós cometemos erros. Você era jovem naquela época. Eu o vi como um homem trabalhador que queria cuidar de sua filha enquanto tentava ao máximo não machucar a nossa. De qualquer forma, sou grato por você ter sido altruísta o suficiente para deixá-la partir.

— Acho que não faria isso novamente, se pudesse voltar no tempo — digo honestamente. Eu pensei que tomaria a mesma decisão de novo, por ter pensado que era a certa. Mas agora, se me oferecessem a mesma escolha, seria egoísta. Eu a teria escolhido. Diria a ela a verdade e veria como resolveríamos as coisas.

— Não podemos mudar o passado,

mas você está se preparando para dar a ela e a si mesmo o futuro que ambos merecem.

Eu sorrio com as palavras deste homem. Sempre me preocupei com o que ele pensaria de mim quando me conhecesse. Naquela época, nem queria que ele me visse com medo do que faria para manter sua filha longe de mim. Mas, ao nos sentarmos juntos neste caminho de volta, com ele me chamando de filho, acho que nunca tive um modelo melhor como pai e marido. Ainda não vou dizer isso a ele, mas assim como minha filha agora pensa nele como avô, penso nele como pai. Não quem me colocou no mundo, mas quem me entendeu.

## PARTE II

### *CHRISTIAN*

Pigarreio e as vozes em torno da mesa de jantar lentamente se calam. Eu posso sentir minhas mãos suando enquanto pego meu copo e me levanto do meu assento. Todos os olhos se movem para mim.

— Então, eu sei que é o jantar de Ação de Graças — eu começo. Mudo minha postura para ficar cara a cara com

o amor da minha vida. — E todos vocês em torno desta mesa são pessoas pelas quais sou grato. — Passo meus olhos pela sala. Olho para Amari, os pais dela, minha filha, minha mãe, Emely e Nigel.

— Acho bom que seja mesmo! — Nigel grita e um baque é sentido por baixo da mesa, seguido por um "ai" de Nigel, que olha diretamente para Emely, que lhe manda uma aparência de "recomponha-se".

Eu respiro fundo e me esforço para continuar.

— Cada um de vocês aqui é família. Dois anos atrás, era minha mãe, Ari, e eu sentados em torno de uma mesa diferente. Foi ótimo, não me entendam



mal, mas estou feliz que nossa família tenha crescido.

Estendo minha mão e seguro a mão de Amari.

— Todo mundo aqui é importante para cada um de nós. Passamos por muita coisa juntos e separados — acrescento. — Hoje, há mais uma coisa pela qual quero agradecer.

Fixando meus olhos em Amari, abaixo-me no chão até estar de joelhos. No momento em que ela me vê nessa posição, seus olhos lacrimejam e sua boca se abre de surpresa.

Atrás de mim, Ari estende a mãozinha e me entrega a caixa com o anel.

— Oh, meu Deus! — Amari diz, seus

olhos mudando de mim e do anel para Ari e todos os outros na sala.

— Quero ter a possibilidade de chamá-la de minha esposa. Você quer se casar comigo?

— Diga sim, diga sim!! — Ari fala atrás de mim, fazendo todos nós rirmos.

Amari olha ao redor da sala mais uma vez e vejo as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu não adoraria nada mais além de ser sua esposa — ela responde. Colocando o anel em seu dedo, levanto-me do chão o mais rápido que posso. Em questão de segundos, estou segurando-a no ar, abraçando-a, beijando-a e girando-a.

A sala aplaude quando eu me torno o

homem mais feliz do mundo.

## *AMARI*

— ME COLOCA NO CHÃO, ME COLOCA NO CHÃO! — eu digo através das lágrimas. Mesmo com o anel no dedo e todo mundo torcendo ao nosso redor, não posso acreditar que Christian acabou de me propor casamento. Pelo olhar de todos na sala, eu era a última a saber.

Ele enche o meu rosto de beijos. O último na minha testa.

— Me coloca no chão! — eu digo a ele mais uma vez.

— Bem! — Ele cede, finalmente me colocando no chão. O sorriso em seu rosto me faz sentir que não há nada de errado no mundo. Como se tudo estivesse perfeito.

— Ela disse sim! Vamos brindar! — Christian anuncia. Ele pega duas taças e coloca um pouco de champanhe nelas.

Pego uma das taças dele e a entrego à minha mãe, sentada à minha direita.

— Você não quer beber? — ele pergunta, confusão visível em seus olhos.

— Você não é o único com uma surpresa aqui hoje à noite, papai — diz Ari. Ele se vira para ela e observa o

olhar malicioso em seus olhos, um que ela herdou dele. Então ele olha para mim.

Eu posso ver seus olhos revirando enquanto ele percebe o que isso pode significar. Tento trazê-lo de volta.

— Estou grávida! — anuncio e vejo seus olhos se arregalarem de surpresa.

— Não minta para mim — ele responde e olha ao redor da sala para os rostos de todos.

Quando seus olhos voltam aos meus, eu respondo.

— Ari vai ter um irmãozinho ou irmãzinha — digo a ele.

— Puta merda — ele se interrompe antes de terminar a frase. — Vamos ter um bebê?! — ele pergunta. — Vamos ter

um bebê! — ele exclama. Então, ele diminui a distância entre nós novamente e me enche de beijos.

## *ARI*

Eu não sou muito boa em manter segredos, mas desta vez eu tive que manter dois deles. Papai ia que Amari se casasse com ele e Amari ia contar que estava grávida. Todos nós sabíamos. Todos, menos eles, sabiam o que ia acontecer. Todos nós guardamos os segredos para que ambos pudessem se

surpreender.

Estou feliz que eles tenham me incluído no planejamento, mas também por não haver mais surpresas ou segredos, porque guardá-los tem sido muito trabalhoso.

Eu assisto meu pai enquanto ele abraça a mulher que ama, a mulher de quem ele tirou o meu nome. Estou tão feliz por ele. Eu sei que meu pai me ama, mas eu poderia dizer que ele sentia falta de alguma coisa. O tipo de amor que os filmes sempre têm. Eu sou sua princesa, mas ele precisava de uma rainha para estar com ele. Um dia, eu serei uma rainha e terei meu próprio rei.

— Estou tão feliz por vocês dois! — eu digo a eles quando as coisas se

acalmam um pouco.

Os dois caem no chão e abrem os braços. Entro neles e sou imediatamente esmagada por meu pai e minha futura madrasta.

— Você se saiu tão bem ao nos ajudar a manter isso uma surpresa — diz Amari.

Papai olha para mim com um sorriso que ele não consegue conter. Um sorriso que me diz que ele está realmente feliz.

— Não é à toa que você estava morrendo de vontade de finalmente acabar com as surpresas!

Eu ri.

— Eu ia explodir, papai. Tive que guardar os segredos por toda a vida.

— Bem, obrigado — ele me diz, me



beijando na testa.

Amari passa os dedos pelos meus cabelos.

— Temos mais uma surpresa.

— Outra?! — eu digo em voz alta e todos ao redor da mesa riem. — Espere... eu esqueci alguma coisa?

Eles balançam a cabeça.

— Não, esta nós escondemos de você.

— Eu pensei que fazia parte de todo o planejamento! — digo a eles, que acabaram não me incluindo nesta.

— Você fez parte das surpresas que tivemos um para o outro — papai começa.

— Mas essa surpresa é para você — finaliza Amari.

— Ainda não é meu aniversário.

Amari sai da sala de jantar e volta com um envelope amarelo na mão. Será que isso vai me dizer se vou ter uma irmã ou irmãozinho? Seria uma surpresa para mim. Eu adoraria ter uma irmã para ajudar e brincar.

— O que é isso? — eu pergunto, ansiosa para saber.

— Bem, você se lembra daquela vez no baile, quando você disse que poderíamos descobrir se eu seria a senhorita Santana, Amari ou mãe? — pergunta Amari.

Eu concordo.

— Sim — eu digo a ela. Ainda não descobrimos exatamente. Na escola, eu a chamo de Srta. Santana. Em casa, eu a

chamo de Amari. E nos meus sonhos, ela sempre é mãe.

— Bem, Amari pensou que deveríamos facilitar isso para você — acrescenta papai.

— Como assim?

Ambos se ajoelharam na minha frente desta vez.

— Bem, eu esperava que você me deixasse ser sua mãe.

— Como eu posso fazer isso? — eu pergunto, confusa.

— Bem, este envelope tem papéis de adoção. E se você me deixar, ficarei feliz em adotá-la para que, para o mundo e para você, eu seja a sua mãe.

Minha boca fica aberta de surpresa.

— Você quer ser minha mãe oficial?

— eu pergunto. Sei que quando ela se casar com o meu pai, ela se tornará minha madrasta,

— Eu quero. Se você me deixar — Amari diz e posso dizer que ela está esperando minha resposta.

— Tenho o seu nome — digo a ela.

— Você tem — papai concorda comigo.

— Então, eu já sou parte de você — eu digo.

Amari sorri.

— Você é.

A sala está estranhamente silenciosa, pois todo mundo espera que eu quem dirá algo a seguir.

— Você não é a mulher que me deu à luz — digo a ela e assisto quando a

felicidade deixa seus olhos. — Mas você é quem me escolheu. Eu também escolho você. — No momento em que digo isso, estou envolvida nos abraços mais apertados do meu pai e da minha... bem, mãe.

— Nós te amamos muito, menina — ela me diz.

— Eu também amo vocês dois.

— Ótimo! Agora somos oficialmente seus avós — dizem o Sr. e a Sra. Santana. Bem, acho que vovó e vovô agora. Vai levar algum tempo para eu me acostumar com isso.

— Este é o melhor Dia de Ação de Graças que já tive! — digo a eles, levantando minhas mãos, emocionada.

Meu pai vai se casar com o amor de

sua vida. Nós estamos esperando um bebê.

O amor da vida de meu pai, aquele que carrega seu filho, é minha mãe.

A família dos Cole ficou muito maior.

F I M